


3 1761 07042387 6









Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto







BARÃO DE ROUSSADO

---

# FOLHETINS

## HUMORISTICOS

---

N.º 1 — 14 de Fevereiro de 1892

O Delirio da Economia

Patriotas

Os Pretendentes

---

50 RÉIS

---

EDITOR

CAETANO SIMÕES AFRA

180 — Rua Aurea — 182

LISBOA





---

FOLHETINS HUMORISTICOS

---





BARÃO DE ROUSSADO

---

# FOLHETINS HUMORISTICOS

---

N.º 1 — 14 de Fevereiro de 1892

O Delirio da Economia

Patriotas

Os Pretendentes

---

50 RÉIS

---

EDITOR  
CAETANO SIMÕES AFRA  
180 — Rua Aurea — 182  
LISBOA



PQ  
9261  
R75F6  
V. 1-9



## O DELIRIO DA ECONOMIA

---

Aonde iremos parar, Santo Deus?! Economia é o substantivo que ameaça levar-nos toda a substancia; é o grito que nos deixa sem forças para gritar; é a salvação que nos entisica, a campainha da misericórdia que nos põe a bar-riga a dar horas! Economia é a palavra que nos tapa a bocca, e fecha meia porta nos dias de luto; é o mote que nós glozamos de olhar amortecido e estomago reentrante; é o thema que exalta a eloquencia dos oradores e tempera as philarmonicas mais afinadas pelo bem publico!

O systema do governo, glorificado pela grande maioria do paiz, vae-se reflectindo no seio das familias e na vida particular dos cidadãos. Trata-se de organizar a fazenda; cada um cuida da que lhe pertence.

As medidas dos reformadores são como as



trovoadas que estallam sobre as nossas cabeças, enchendo de pavor os animos menos robustos. Ha meninas que accendem o cirio bento á Senhora dos Milagres, para que os ministros não reparem na gratificação do namorado; ha creaturas supersticiosas que não lêem o *Diario do Governo* sem lhe fazer uma figa como se vissem um zarolho ou um gato pingado.

Depois o *Diario* tem o quer que é de sinistro n'aquellas meias folhas destacadas, que nos representam as flores que o tempo desfolhou; n'aquellas paginas em branco que nos fallam da morte como as lages dos cemiterios. Para o empregado publico, pegar no *Diario do Governo* é o mesmo que avistar um carcunda antes do almoço, ou sentir na ponta do nariz as azas de uma borboleta de mau agoiro.

Os escrivães queixam-se da falta de processos. Quem é que se arrisca a demandar o seu semelhante n'esta época excepcional? Mais de um homem offendido nos seus brios reserva o prazer da desaffronta para melhor dia, quando a receita esteja equilibrada com a despesa: mais de uma pessoa contém os impetos da sua colera, para não desorganisar o systema financeiro dos bancos do tribunal.

De um sujeito sei eu, que deixou de dar tres pontapés no adversario... por economia. Chegou a levantar o pé com intenção vingativa, mas vieram-lhe á memoria os nervos da filha e as boticadas a que é preciso recorrer para os abrandar, e em vez de aggreir o inimigo enfiou pela escada que lhe ficava mais proxima.

Dar duas bofetadas n'um insolente é desperdicio que pouca gente desculpará. Ha de haver até quem diga:

—Que tolo aquelle! Dar assim bofetadas no tempo presente; parece que não lhe custa a ganhar o dinheiro.

Só algum prodigo chamará cobarde ao que receber impassivel as duas bofetadas como se lhe tivessem dado as boas noites; os homens prudentes dirão d'elle:

—Como ficou satisfeito com ellas! É um homem economico e que se arranja muito bem. Aquelle sim, que ha de juntar dinheiro.

Se aperta a febre da economia veremos extinctos os odios; toda a gente se conciliará antes de chegar á Boa Hora, e seguir-se-ha á risca o conselho de um barão muito illustre, que assim fallou:

—Paz e união entre todos vós, ó Portuguezes!

Um chefe de repartição que desfructa a felicidade de ter cinco filhas e uma esposa que desconhecem os incommodos do fastio, não sabe o que é dormir descansado ha tres mezes. Em vão lhes prega a deselegancia das cinturas grossas e das faces papudas, nenhuma d'ellas o acredita; não ha melancolia que as domine, não ha paixão que as emmagreça. O pobre funcionario diz consigo :

Valha-me Deus! Todas as mulheres tem nervos, só estas minhas não tem senão estomagos.

Não podendo economisar na mesa resolveu cortar na renda da casa. Deitou-se a procurar no bairro d'Alfama, e achou um segundo andar na rua de S. João da Praça. O proprio senhorio, de chaves na mão e oculos verdes na testa, é quem lhe descreve as maravilhas da casa cheia de accomodações para uma familia numerosa, dizendo:

—É um ovo por um real; dezoito casas por quinze moedas.

—Algum defeito tem ella.

—Só lhe conheço um, e é grande.

—Um grande defeito!

—Sim, de não estar no Rocio ou na rua do Ouro.



—Será humida?

—Olhe para essas paredes.

—O que admira é que esteja com escriptos fôra de tempo.

—Então o que quer? Essa gente sabe lá o que lhe convem. Uma casa limpa, uma casa bem lavada de ar.

—Assim parece.

—Depois, tem uma virtude impagavel.

—Uma virtude?! Qual é?

—Esta aragem do mar sempre abre o appetite de uma tal maneira...

—O que?! O que é que o senhor diz?

—Digo que é o mesmo que andar embarcado sem enjoar: não ha fastio que lhe resista.

—Credo!

—Hade convir que é uma preciosidade.

—Se é! Almocei ha meia hora e tomara já quem me dêsse meio bife!

—Não o diga brincando.

—Sinto muito dizer-lh'o; a sua casa não me serve.

—Porque?

—Isto não é casa, é uma pipa d'absintho.

—Exactamente.

—Cada minuto que se passa aqui é um copo

de bitter que se precipita no estomago d'uma familia.

—Nem mais nem menos.

—Sinto pois dizer-lh'o, a sua casa não me convem.

—Diga-me ao menos o defeito que lhe acha.

—O amigo sabe o que é ter de sustentar tres mulheres, que não usam espartilho em casa, e para as quaes a agua do pote se transforma em agua ferrea?

—Faço uma idéa.

—Uma familia que nunca se afflige.

—Comprehendo.

—Conhece então que preciso d'uma casa que feche o appetite.

—Tem razão, os tempos não estão para graças.

—E adeus: se a fazenda publica entrar um dia nos seus eixos, creia que serei seu inquilino.

—Olhe cá, saiba que sympathisei com o amigo.

—Igualmente; adeus, adeus.

—Espere um momento.

—É que se me demoro tenho de almoçar outra vez.

—Fallemos serio. Tem filhas?

--Cinco.

—Muito novas, já se vê?

—A mais velha tem vinte e cinco annos, e a mais nova dezeseis.

—Hão de ter os seus namoricos?

—Naturalmente.

—É contrarial-as; dizer-lhes mal dos namorados; prohibir que cheguem á janella.

—E depois?

—Depois as meninas amuam-se, não querem ir á mesa...

—Acha isso?

—É systema infallivel.

—Ah! Ah! Ah!

—Ri-se?

—Já ensaiei esse systema.

—E que tal?

--Fecharam-se nos seus quartos.

—E não foram á mesa?

—Não.

—Já vê que o não enganei.

—Mas o que o amigo não sabe é que não ceiei n'essa noite.

—Não ceiou?

—Devoraram tudo, apenas sai de tarde.

—Para essa desgraça não encontro remedio.

O funcionario retira-se triste, dá um passeio até Santa Apolonia, e entra em casa na occasião em que a sopa costuma ir para a mesa. Cada um toma o seu lugar, destapa-se a terrina, e o funcionario, de frente caída sobre o peito, esquece-se de repartir o macarrão.

—O que tens? — Pergunta-lhe a esposa. — Aconteceu alguma coisa?

—Não tenho nada.

—Vejo-te tão triste...

O chefe de repartição pensa subitamente em aproveitar a tristeza para uma nova experiencia, não desanuvia o semblante e deixa-as comer a sopa.

Quando chega o cosido, o funcionario leva o lenço aos olhos, e diz por entre lagrimas:

—Quem o havia de dizer?! Ainda hontem com tanta saude!...

—Mas o que foi? — Gritam todos.

—Morreu a tia Margarida!...

—Morreu!!

—Enterra-se esta tarde. Vão-se servindo do cosido, que eu nem alma tenho de o cortar.

—Parece que tenho um nó na garganta, diz a esposa.

—Tambem eu — dizem as meninas.

O funcionario diz consigo :

—Que pechincha ! Todas tem um nó na garganta !

Foi-se o cosido e os nós desataram-se com a presença do assado. A esposa deixa sair estas palavras de conforto :

—Todos havemos de ir por aquelle caminho.

Não foi preciso dizer mais nada para que o assado fosse todo pelo caminho das guellas.

O ensaio porém foi discretamente aproveitado por outro empregado publico, que tres vezes por semana leva para casa uma noticia triste, com que afflige a familia ao jantar, entre o primeiro e o segundo prato, o que tem produzido a economia de dois mil e quinhentos réis mensaes, e dado ás filhas uma poetica transparencia que as torna encantadoras.









## PATRIOTAS

---

Em todos os tempos os gritos da patria encontraram peitos amigos onde se reperculissem. A invenção dos varões prestantes data das epochas mais remotas da humanidade. Houve sempre d'estes heroes que segundo as leis da physica sobem acima do nivel ordinario. Aquecidos pela febre do patriotismo, dilatando-se tanto quanto ganham no calorico e sobrenadam á gente de temperatura vulgar.

Os comicos espalhados nas terras civilisadas, desde a antiga Roma até Villa Nova de Famação, desde o *comitii* latinos o *meetings* eleitoraes de Maçãs de Dona Maria, são outros tantos fornos em que se cose o patriotismo das pessoas devotadas ao bem geral. A's vezes sae tostada de mais a côdea do patriota, desagradando á vista e ao paladar; outras vezes nota-se

lá dentro um espaço immenso sem farinha, occupado apenas pelo ar rarefeito. E' a alma do padeiro manifestada pela excellencia da amassadura, que dá em resultado o *patriota óco*, fallador impertinente para quem a logica é um aerolitho adorado pelos imbecis.

Felizmente para a humanidade nem sempre das coseduras politicas saem d'estes patriotas. Olhae para aquelle que passeia gravemente na alameda de S. Pedro de Alcantara. Aspecto grave, suissa grisalha, beijo nu de bigode, grilhão refulgente e calça côr de flôr de alecrim. E' o *patriota de milho*; por isso não admira que falle *de papo* a respeito da coisa publica. As suas idéas tendem todas para o desenvolvimento material do paiz com excepção das linhas ferreas, que prejudicam o negocio affectando os interesses sagrados dos commerciantes. Não lhe passam da garganta os subsidios aos theatros e a multiplicidade das escolas de instrucção primaria, que estão enfraquecendo as forças do thesouro e desviando os braços da agricultura.

*O patriota de milho*: é homem que ama a terra em que nasceu porque n'ella tem os seus torrões e o giro do seu commercio; pertence á familia dos patriotas que tem que perder, os

quaes nem sempre são dos mais inoffensivos, porque já fomos aqui assaltados por alguns ricos proprietarios que nos iam apalpando as costas e as algibeiras, em nome do partido ordeiro que representavam.

Contrastando singularmente com o *patriota de milho*, não será difficil encontrar outro typo, menos importante talvez na cosedura de que sahia, porém mais agradável. Vede-o de bigode retorcido, sorriso aberto para a população que o admira, *coquette* no traje e nos movimentos. Falla-vos em tom mellifluo, pergunta-vos o que ha de novo, collocando-vos os labios aos ouvidos, como quem vae segredar um misterio de gabinete e repete-vos a final as noticias das folhas do dia.

E' o *patriota de meleças*.

Leve, fofinho, não sabe ainda bem a que aspira, mas está prompto a pôr os seus merecimentos e a sua vida á disposição da patria que é mãe de todos, com tanto que o não obriguem a descalçar as luvas nem a amarrotar os collarinhos. Sacrificios pela felicidade do paiz que o viu nascer ninguem os prestará mais espontaneos do que elle, uma vez que lhe permittam almoçar todos os dias o seu meio *beef*, jantar

no hotel Gibraltar, e sentar-se á noite n'uma cadeira de S. Carlos. Amor e abnegação para com o seu partido ninguém o manifesta mais distinctamente que o *patriota de meleças*, levando a dedicação até o campo da batalha, se tanto fôr necessario, com tanto que o deixem dormir todas as noites entre os lençoes de linho, porque o algodão é-lhe tão desagradavel que lhe tira o somno e lhe damnifica a pelle.

Deixae o *patriota de meleças*, e admire o *patriota de munição*. Ar risinho, olhar ameaçador, palavras de difficil digestão. No seu modo de apreciar o estado do paiz, os homens que tem subido ao poder são todos uma sucia de ladrões sanguesugas malditas que absorvem o sangue do povo. Só um homem é grande n'esta terra! Grande, sabio, honrado, semi-deus ! E' aquelle que lhe dirige a consciencia em vesporas de eleições, e lhe mette na mão a lista dos candidatos e os cinco tostões que os recommendam.

—Não sejamos tolos, diz o *patriota de munição*, visto que todos comem n'este paiz comamos nós tambem.

Aberta a camara para a qual contribuiu com a ajuda do seu voto imparcialissimo é o primeiro a gritar na galaria popular contra a venali-

dade d'aquelles falsos representantes do povo, e a indignar-se com a subserviencia que elles manifestam ao poder. Espanta-se de que não haja ali no seio da representação nacional quem diga as verdades aos ministros e ao rei, e suspira por nova dissolução para que outra vez se consulte a vontade do paiz.

O *patriota de munição* é homem para os perigos; não recua ante a eloquencia do pugilato, quando se trata de defender os dogmas decretados pelo papa dos seus comicios. O corpo e a consciencia estão ao dispor dos homens do seu partido, cuja bandeira não viu ainda, porém jura nas palavras dos prophetas da sua devoção. Sabe que isto vae mal, e que precisa ir melhor; que uma nação póde ser muito feliz sem pagar impostos; que é necessario não dar dez réis a ganhar aos estrangeiros; e que, se toda a gente fosse obrigada a vestir-se de briche e de casimiras nacionaes, não estaria o paiz tão empenhado e as sagradas quinas seriam respeitadas por todas as nações do mundo.

Atraz do *patriota de munição* não é de estranhar que vejamos o *patriota saloio*, politico de fôra da terra, que vem á cidade receber o santo e a senha dos pontífices do partido, e que

regressa á terra natal rico de idéas e de promessas. A prosperidade da nação é o alvo de todos os seus trabalhos e sem lhe nomearem o filho para o cargo de escrivão do juiz eleito o paiz não pôde adiantar-se.

O *patriota saloio*, é branco e macio como pão de ló. A's vezes vem a Lisboa e engana-se com a morada do freguez; porém isso só acontece quando traz idéas de opposição e regressa ministerial ao seio dos eleitores que esperam cheios de anciedade o candidato que os ha de fazer felizes.

Restam dois typos apenas para complemento da minha fornada.

O primeiro quem ha aqui que o não conheça? Orador cascarrão nas assembléas do campanario e nas discussões parlamentares antes da ordem do dia; queimador de *rodinhas* e *buscapés* oratorios com que fulmina os raptos parlamentares; traz sempre a viseira caida e o *deficit* atravessado na garganta. Jurou guerra de exterminio aos comilões; a palavra sae-lhe expremida pela indignação, deixando lá dentro as opulencias do estylo, e estalando cá fóra com a magestade natural da palavra dos catraeiros.

Ponham-lhe umas barbas grisalhas e longas,



concedam-lhe uma intelligencia refractaria aos mysterios do genero, numero e caso, e fiquem certos que me não desmancham o typo.

E' o *patriota abiscoitado*. O povo na sua linguagem pittoresca diz que o *patriota abiscoitado* vae subrepticamente *abiscoitando* os favores dos governos sem deixar documento que lhe impeça o redemoinho da eloquencia; o povo porém é muitas vezes injusto nos seus juizos.

O que ainda podia admittir-se era que lhe chamassem a nora que chia monotonamente no giro dos alcatruzes levando a agua salobra ao moinho da sua popularidade.

Quereis vêr o derradeiro typo da minha galleria ? Olhae; aquella é a entrada d'uma sociedade maçonica de quarta ordem.

Não vêdes aquelle figurão que assumou a porta ? Esconde debaixo do collete o avental branco que symbolisa a candura dos seus trabalhos na pedra bruta. Lá entra no armazem contiguo; acabou de fallar ácerca do caminho tortuoso que levam as coisas publicas e vae encher-se de razão para mais. Daqui a meia hora sairá outra vez do templo com as formalidades do estylo, e mais tarde irá tão torto como a publica administração. E' o *patriota de bico*.





## OS PRETENDENTES

---

A espada dictatorial brandida sobre a cabeça da população de Lisboa traz-nos a todos lividos e assombrados. É como se um phenomeno astronomico, não previsto pelos observadores, viesse servir de prologo a outros phenomenos annunciados pelas beatas e pelos prophetas de botequim.

Os habitantes da primeira cidade do reino sonham todas as noutes com a febre de economias que desvaira o cerebro dos dictadores e acordam sobresaltados, com os olhos encovados, as faces lividas, a bocca secca, os labios ardentes, e o pensamento pregado nas columnas do *Diario de Lisboa*.

—O que é que hoje foi abaixo?

Esta pergunta repete-se milhões de vezes desde as oito horas da manhã até ás duas da

noite, collando-se os labios ao ouvido do interlocutor como se houvesse receio de assombrar os poderes invisiveis, que andam entre nós, que se introduzem em nossas casas para estudar as reformas que hão de matar o *deficit*.

—As paredes teem ouvidos! diziam os conspiradores nos dramas tetricos de ha trinta annos.

—A atmosphaera tem ouvidos e boccas, dizem agora os funcionarios publicos que temem achar extinctos os empregos quando vão pela manhã assignar o ponto nas secretarias, e que pensam ir o ar que respiramos segredar aos dictadores as lamentações dos descontentes, e as idéas economicas que hão de levar este paiz ao... ultimo grau de tísica pulmonar.

E no meio dos pezadellos mais pungentes que a affligem, a população sonha que a espada dictatorial está nas mãos do *doutor Sovina*, o qual sobe á scena n'esta época do carnaval com espanto da Europa inteira e com as girandolas dos contribuintes.

A folha official estoira todos os dias sobre esta cidade fazendo gemer as taboas mal seguras da mesa do orçamento, e quebrando ás du-

zias os talheres que o tremor da vespera havia deixado á bordinha, e os convivas, de cabellos erriçados esperam o momento em que tenham de fazer cruces na bocca ficando á espera de logar como addidos ao . . . asylo de Maria Pia.

A tristeza é geral; já não ha povo para folguedos e cantares, os musicos mettem a viola no sacco, e não tarda naturalmente o dia aterrador em que o *Diario de Lisboa* publique o seguinte decreto:

«Attendendo ás circumstancias extraordinarias, em que se acha o paiz, cujo orçamento está chamando os cuidados dos primeiros sovins;

«Convindo prover á prosperidade do thesouro e alcançar as benções dos contribuintes, embora diminua consideravelmente o numero dos consumidores, a cuja sorte não nos convém attender por emquanto;

«Considerando outrossim que das grandes ceias estão as covas cheias;

«E sendo necessario empregar meios energicos, porque para grande mal grande remedio;

«Conhecendo que segundo as theorias dos mestres de obras é preciso demolir para edificar ;

«Havemos por bem decretar o seguinte:

«Art. 1.<sup>o</sup>—Fica supprimido tudo.

«Art. 2.<sup>o</sup>—Fica suspenso o resto.

É esta a unica lei que não pôde acabar com o artigo sacramental: — Fica revogada toda a legislação em contrario,—porque a lei envolve nas suas salutaes disposições tudo quanto possa ser revogado e suspenso.

É a trombeta do juizo final tocando a dispersar nas comiadas do Terreiro do Paço, para mais tarde fazer soar o toque de reunir, chamando os estomagos dos consumidores aos ossos cahidos do orçamento. Depois tudo será folgança e alegria. Os rendimentos publicos darão para tudo e ainda ficarão umas sobras para as illuminações patrioticas. Nenhum empregado publico vencerá pelo thesouro mais que doze vintens por dia, exceptuando aquelles que tenham de vencer annualmente de conto de réis para cima. Os edificios de quasi todas as repartições publicas serão transformados em estabelecimentos de caridade soccorridos pela inicia-

tiva particular. Por-se-hão mealheiros em todas as esquinas das ruas destinados a receber a esmola nacional para pagamento da divida externa. Se no fim de dois annos esses centenaes de mealheiros só produzirem a somma de dezoito vintens comprar-se-ha um arratel de velas de cêra, que uma commissão imponente e contricta levará procissionalmente ao Senhor dos Passos da Graça para que a luz divina illumine o espirito obscuro dos filhos d'este glorioso paiz.

Os annuncios d'essas medidas já conseguiram varrer os pretendentes das escadas das secretarias d'estado. Aquelles sujeitos magros e pensativos, de golla sebenta e sobrecasaca abotoada, de chapéu na dextra e memorial na sinistra, já não fazem aos ministros as alas reverentes de todos os dias.

Havia-os inalteraveis, que pretenderam sempre desde 1833 até hoje, envolvendo nos folhados de estylo o verbo — implorar — o adverbio — submissamente — o substantivo — coração — e o adjectivo magnanimo.

*Ceci toerá cela.*

O candidato matou o pretendente. O sansão dictatorial destroe os philisteus das repartições



com a queixada do *deficit*; já não ha que pedir.

O campanario toca a rebate, a urna vae receber os votos do paiz, surgem de todos os angulos os candidatos á representação nacional, todos queridos dos povos, todos bafejados pelas auras da popularidade, todos ardendo na mesma febre de patriotismo cujos accessos se manifestam n'estas occasiões solemnes. Fugiram os pretendentes que não passavam da escada e appareceram os pretendentes que teem ingresso no gabinete do ministro.

Os dictadores já não sabem quaes são mais importunos, se os que pediam de chapeu na mão em nome da barriga, se os que pedem de frente levantada em nome das felicidades publicas. Muitos dos que estendiam o memorial ao coração do ministro, estendem hoje o braço protector á situação. O presidente do conselho abafa com as ondas dos amigos do governo e ao contemplar um circulo com dez representantes differentes, isto é, o mesmo circulo com mais de um centro, exclama: —Oh! phenomeno de geometria eleitoral!

O pretendente que não pôde aspirar a candidato chora sobre as ruinas da patria; o seu

tinteiro está esquecido e sem tinta, a penna de pato dorme ao pé da ultima folha de papel, retorcendo os bicos nas convulsões da raiva impotente. Já não sobe as escadas das secretarias, passeia debaixo das arcadas do Terreiro do Paço, e dando á espinha dorsal a empertigação das pessoas independentes, carrega o chapéu até ás orelhas, quando os ministros se apeiam das carruagens.









---

FOLHETINS HUMORISTICOS

---





BARÃO DE ROUSSADO

---

# FOLHETINS HUMORISTICOS

---

N.º 2 — 21 de Fevereiro de 1892

**Dom Possidonio I (o Crú)**

Ou o que ha de ser o mundo reduzido  
a 50 por cento

**Archeologia do Futuro**

**Impressões de um deputado**

---

50 RÉIS

---

EDITOR  
CAETANO SIMÕES AFRA  
180 — Rua Aurea — 182  
LISBOA





## D. POSSIDONIO I (O CRU)

OU

O que ha de ser o mundo reduzido a 50 por cento

---

Entre os guerreiros da guarda parlamentar da Gran-duqueza da Economia, sustentou por largos annos o penacho de commandante em chefe um general enrouquecido nas pugnas quotidianas.

O seu aspecto era severo. Descia-lhe a barba até ao peito, trazia sempre os bigodes erriçados por motivo da passagem incessante da palavra.

O renome d'este general percorria todas as planices do paiz e galgava aos pincaros mais elevados das montanhas, levado pelas columnas do *Diario de Lisboa*, e pelas chronicas dos jornaes da capital.

Ia saudal-o todas as manhãs e animal-o para a guerra a princeza da Economia, de cabello desgrenhado, em trajos menores e de *al-zinello*

no pé; por isso o general inspirado pela visita matutina, mostrava constantemente a sua eloquencia em *deshabillé* e atirava-se ao *deficit* inimigo com a semcerimonia de quem se atira em casa ás guellas do seu aguadeiro.

A visão permanente do seu espirito eram os raptos parlamentares, e como tinha horror ao p — inutil da palavra, gritava:

— Annunciem-me os ratos.

Ao entrar nos corredores da camara lançava um olhar desconfiado em roda de si, e quando alguem lhe estendia a mão principiava a tremer com a febre, e dizia:

— Espero que d'esta vez me annunciem os ratos.

Quem o ouvia e o não conhecia ficava em duvida se tinha diante de si um salvador da patria ou um gato maltez.

Sempre incendiado pelo amor da princeza que o acariciava, assado sempre contra o phantasma do *deficit*, raras vezes contraia a unha oratoria com que agatanhava os ouvidos do auditorio, e quando José Estevão ou Casal Ribeiro prendia a assembléa com prestigio da sua voz, o general em chefe dizia naturalmente com os seus beijos:

— Deputado das duzias!

Uma vez chega ao parlamento empurrado pelo suffragio, um galan de fóra da terra, de botas de polimento, folhos arrendados na camisa, e vestes de velludo negro como a aza do corvo.

Ouvil-o, ninguém o ouvia; vel-o não dava a medida do seu valor; mas quem fechasse os olhos e lhe passasse a mão pelo casaquinho de velludo, dizia logo:

— Aqui, ou está um homem notavel... ou um pêcego.

A sua apparição o ciume ao peito do general em chefe; a princeza porém, recebe-o na escada e despede-o desdenhosamente. Como podia attendel-o a Economia, olhando-lhe para as luvas e vendo

Que das duas lhe sobrava  
O tamanho de uma fava  
Na ponta de cada dedo?

Não soára ainda a hora funesta em que o penacho do general devia cair do chapéu do commandante em chefe; o terciopelo do recém-chegado não conseguira amaciar o desdem da

princeza; as glórias da conquista estavam reservadas para soldado de outras posses.

Possidonio chega, o commandante em chefe desmaia.

Ah! como é ephemera a felicidade que nos provém do sexo inconstante!

A gran-duqueza da Economia viu Possidonio. Vel-o e amal-o foi obra d'um momento.

Cessaram as suas visitas matutinas ao guerreiro que a adora ainda. Entra todos os dias de madrugada no hotel *Dos dois Irmãos Unidos* e vae sentar-se á cabeceira de Possidonio, segredando-lhe palavras de ternura e promovendo-o em tres quartos de hora de deputado broeiro a economista; de economista a legislador. Aos carinhos da Princeza, Possidonio abre a bocca, contrae os musculos da cara no riso alvar dos namorados de Carnachide, e do cair da tarde dá parte de inspirado.

Trata-se de dar batalha ao *deficit* inimigo. O momento é solemne. O commandante em chefe apresenta o seu plano á apreciação da princeza, Possidonio saúda a idea do general com tres girandolas de gargalhadas.

— De que te ris? perguntou a princeza.

— Do plano de batalha, responde Possidonio.

—Tens então outro melhor ?

—Sem duvida, princeza.

—Descreve o teu plano.

Possidonio pucha os collarinhos, dá tres passos para a princeza, passa a mão pelo abdomen, préga os olhos no tecto e diz:

—Quem não pode comer uma laranja inteira, o que faz para não a estragar ?

—O que faz ?

—Parte-a ao meio e come metade.

—E' certo.

—Quem não pôde beber um *grog*, o que bebe?

—Dize.

—Meio *grog*.

—Então o teu plano consiste...

—Em pôr o paiz a meia ração.

O general em chefe assopra trez vezes, leva a mão á dorindana e exclama:

— Legislador das duzias !

A princeza diz:

—Tens o teu plano escripto ?

—Aqui o trago reduzido a projecto de lei.

—Lê-m'o.

—E' o seguinte:

Considerando que ha cincoenta por cento de mais em tudo quanto o homem tem inventado.



Considerando que não é para desprezar o exemplo que nos dão as modistas e chapelleiros reduzindo a metade os fatos das senhoras e os chapéos dos homens, em harmonia com as idéas dos profundos economista *Benoiton e Bismark*.

Considerando que assim como se fez essa redução nos vestidos, tambem os cavalheiros podem muito bem usar as calças pelo meio da perna, e reduzir a casaca ás proporções da niza.

Considerando que o chapéu ainda se pode reduzir a *bonet*, e que não são de peso as opiniões favoraveis ao uso das cerolas.

Considerando outro sim que do uso immoderado da comida provem os abdomnes disparatados como este meu que tenho a honra de apresentar á consideração da camara, e ao qual me reporto.

Considerando que já nos fins do seculo passado o notavel economista Nicolau Tolentino, meu illustre antecessor, ensaiara com os mais auspiciosos resultados este mesmo plano no seu cavallo.

*Que fôra eterno a não morrer de fome.*

Tenho a honra de vos propôr o seguinte:

Artigo 1.º Fica tudo reduzido a cincoenta por cento.

Art.º 2.º Ficam revogados todos os inteiros em contrario.

A princeza abraçou Possidonio cheia de alegria, e entregou-lhe o penacho de commandante em chefe. O novo general radiante de felicidade chegou se ao ouvido do antecessor e disse-lhe:

—Legislador das duzias !

—Ao entrar em casa Possidonio cantou:

Projecto adorado  
Por mim decorado,  
Vaes ser decantado  
Qual hymno da fonte.

A noticia do projecto espalhou-se rapida por todo o paiz e o povo começou a chamar ao seu auctor:

### POSSIDONIO—O CRU

O legislador vergado sob o peso da sua immensa gloria estendeu-se de costas na cama, fechou os olhos e principiou a ver em somnos agitados as consequencias da sua medida.

Era o mundo a prepassar agradecido e com abatimento de cincoenta por cento.

Vinham saudal-o todas as philarmonicas da Europa, *inclusivé* a dos *Amigos da Minerva*, tocando hymnos patrioticos com meios bombos, meios tambores e meios clarinetes.

Eram aos milhares os cidadãos enthusiasma-dos que soltavam os *vivas*. E como para bom economista meia palavra basta, uns diziam:

—Vi!

Outros exclamavam:

—Vá!

Nos botequins illuminados gritava-se:

—Traz-me um quarto de *grog*

Era enorme o quadro que se desenrolava ante a imaginação escandecida de Possidonio.

Lá ao longe levantavam-se varios predios, e por não haver quem alugasse primeiros e segundos andares, eram construidos só com aguas furtadas

Nos annuncios dos jornaes, em vez de se ler: «aluga-se um quarto» lia-se: «Uma senhora viu-va de bom comportamento aluga um oitavo com porta independente.»

O meio *beef* era coisa desconhecida nos ho-teis e casas de pasto.

Quando alguém queria desconheitar um nobre dizia:

—Aquillo é um fidalgo de quarto de tigella.

Quando morria alguém, os padres faziam-lhe apenas meia encommendação, e lá ia o infeliz para o purgatorio esperar que melhorasse o estado financeiro da nação, para que o indemnisassem dos cincoenta por cento, ou lhes dessem uma ajuda para cima.

Possidonio abriu os olhos. O quarto estava em trevas profundas, e na parede que lhe ficava frente, mão invésivel começou a escrever em letras de fogo o seguinte:

### SONETO

Dom Quixote fatal das meias dozes,  
De Sancho, patarata, a gloria pilhas;  
Chegaram tuas fallas a Cacilhas,  
Só não chegam ao ceu tão altas vozes.

Deixas a um canto os animaes ferozes,  
Incha-te a fama, heroe, retundo brillas;  
Em ti vaes alargando as bastas silhas,  
E aos mais convidas a apertar os cozes.

Por ti comece a redução primeira,  
De São Bento a cadeira não te esqueça,  
E' desperdicio o possuil-a inteira.

Vamos ! Cortar sem dó ! Cortar depressa !  
Sobra-te um pé e as costas da cadeira;  
Supprime o que é de mais, basta a tripeça.





## ARCHEOLOGIA DO FUTURO

---

A acção d'este folhetim passa-se d'aqui a vinte seculos. Tão inspirado como Emilio Souvestre, vejo através das trevas do futuro as scenas que se hão de representar no anno da graça de 3868. Considere-se o leitor nesse anno e assista comigo ás lucubrações com que os sabios hão de descortinar os mysterios do passado, que é para a geração actual o futuro remoto, porém aberto e claro ao meu espirito que bateu hoje as azas para as regiões do infinito, e guiado por uma luz estranha vê adelgaçarem-se-lhe as sombras dos seculos e paira sobre elles como a aguia nos pincaros das montanhas.

Estamos na cidade de Lisboa, no mez de maio de 3868.

É pasmoso o estado da civilisação a que a Europa chegou nos nossos dias. Ha seculos, se-

gundo narram historiadores de boa nota, a humanidade curvava-se ante a invenção de Gutenberg, que acabara o monopólio da sabedoria, derramando o pensamento em milhões de jornaes e de livros!

Que diriam hoje os povos do século dezanove se Deus os fizesse surgir das sepulturas para assistirem aos prodígios da civilisação!

Quaes seriam as acclamações d'esses antepassados, vendo que o livro desapareceu para nunca mais voltar, que as bibliothecas são um mytho para as intelligencias menos versadas no estudo das antiguidades, esses livros e essas bibliothecas dos tempos fabulosos, e que eram depositos de litteratura e de sciencia para uso dos que se chamavam sabios!

Como não ficariam admirados ao vêr que os periodicos se publicam de minuto em minuto, aos milhares, estabelecendo a circulação da idéa nova quasi tão veloz como as vibrações do ar espalhando o som!

Que diriam elles sabendo que a civilisação matou o distribuidor, que das redacções dos periodicos parte encanamento especial e subterraneo para as habitações dos assignantes, os quaes anciosos pelas novidades das horas intermedias

recebem as folhas vinte e quatro vezes por dia.

Não see studa, não se medita, bebe-se, respira-se a sciencia. O livro significaria hoje o mesmo que agua commum engarrafada para ornamento das estantes, ou que uma porção d'ar encerrado em vaso de crystal como reliquia preciosa.

Oh! famosos antepassados que levastes dez seculos a entoar hymnos á imprensa, cantando o *typo movel* por ser o mais estupendo dos descobrimentos humanos! O *typo movel*! Quer o leitor fazer uma idéa da celeridade com que naquelles tempos se espalhavam as idéas por meio da tal invenção da imprensa? 1.º O redactor escrevia o artigo. — 2.º Compunha-se em *typos moveis*, juntando o compositor *lettra* por *lettra* para formar a palavra. — 3.º Tiravam-se provas. — 4.º Emendavam-se. — 5.º Faziam-se as emendas na composição. — 6.º Tiravam-se outras provas. — 7.º Novas emendas. — 8.º Paginava-se. — 9.º Ainda outras emendas. — 10.º Dava-se tinta nos *typos moveis*. — 11.º Fazia-se a tiragem!!! Um periodico levava pelo menos doze horas a fazer, empregando mais de vinte homens!!!



Desejavamos, para satisfação do nosso orgulho que os jornalistas d'essas épocas obscuras vissem como se faz hoje um periodico com o apparelho acustico repentino, que tem a legenda — *Verba manent*.

Ha uma orelha gigantesca, ao pé da qual o redactor pronuncia o artigo, que é immediatamente estampado pelo apparelho sobre o papel, multiplicando-se depois os exemplares pelo systema das tintas sympathicas.

Inventaram-se já as redacções portateis, apparelhos das dimensões da lanterna de furta-fogo, que o agente do periodico leva fechados pelas ruas, e que destapa quando vê algum acontecimento digno de menção, para que a orelha diabolica recolha os dialogos do povo, ficando logo ali prompta a noticia com todos os pormenores, incumbindo depois ao redactor o subtrair na linguagem popular as palavras que não deviam chegar aos ouvidos dos leitores.

O acreditadissimo periodico *Minuto Commercial* publicou, vae em tres horas, as seguintes interessantes noticias:

«Consta-nos que está organizada uma companhia poderosa para o fim de levar a musica ás habitações dos particulares. O plano não deixa

de ser engenhoso. Collocar-se-ha um piano no ponto mais elevado da cidade; de cada uma das teclas partirá um fio electrico que, por meio de tubos subterraneos postos em communicação com milhões de eguaes fios, dará movimento a cada uma das teclas dos pianos collocadas nas habitações. Uma móla isolará o piano do instrumento central quando o cidadão não queira musica em casa; e por este systema as composições dos maestros mais notaveis serão encanadas como o são actualmente a idéa e a agua. O que ainda se não inventou foi o registro destinado a medir a quantidade de musica que se ouça em cada habitação, e que se deve pagar á companhia. Na hora seguinte daremos mais alguns esclarecimentos a este respeito.»

A segunda noticia é muito mais interessante do que a anterior. Diz o *Minuto Commercial*:

«As excavações feitas na praça nova da Republica continuam chamando as atenções dos homens mais illustrados d'esta terra.

«Como todos sabem, o pavoroso terremoto de 2720 destruiu completamente a antiga cidade de Lisboa conjunctamente com quasi todas as da Europa, e o incendio que sobreveiu á catastrophe reduziu a cinzas as bibliothecas, os ar-

chivos, os museus, todos os estabelecimentos, emfim, publicos e particulares que poderiam guiar a humanidade no estudo da historia anterior ao anno de 2730.

«Fragmentos de periodicos, paginas soltas de livros archivados pelos sabios são os unicos elementos de que a sciencia pôde dispôr actualmente para aquelles estudos, elementos insufficientissimos que as mais das vezes nos hão de induzir em erro quando tentemos devassar a vida e os costumes d'aquelles tempos.

«Nas escavações a que alludimos já o leitor sabe que se descobriram as fachadas de duas egrejas, e que mais para o poente se desentulhou uma especie de monumento construido de pedra e bronze, em que avultam differentes figuras, umas truncadas, outras em perfeito estado de conservação, como é a principal, que é de bronze.

«Cumpre dizer aqui que os portuguezes anteriormente ao citado anno de 2720 tinham a mania de levantar monumentos aos patricios que se distinguiam nas armas ou nas lettras. Eram tantos os heroes e tão grande o numero dos padrões levantados em sua memoria, que chegava ás vezes a não haver logar disponivel nas ruas para collocação dos monumentos.

«Segundo referem os archeologos mais notaveis, a phrase que se encontra em alguns dos citados fragmentos de jornaes — *Esperando cabimento* —, quer dizer que se decretavam estatuas, e, se não havia logar para ellas, ficavam os heroes á espera de cabimento.

«Roberto Porciuncula escreve na *Revista do Momento*, que, sendo extraordinario o numero dos frades distinctos por seus trabalhos litterarios e scientificos, se determinou que não esperassem cabimento, sendo immediatamente todos os arruamentos da capital orlados de monumentosinhos de pedra, a que chamavam *os frades*, os quaes eram acorrentados uns aos outros por cadeias de ferro. Estas cadeias symbolisavam as ligações da communiidade, que offereciam á patria os varões prestantes, cujas estatuas se estendiam pelas ruas.

Diz o mesmo historiador que um governo desapiedado deitou por terra os frades de carne e os de pedra, dando a estes ultimos um destino util, que tem escapado ás indagações dos historiadores mais afamados.

«Voltando ás escavações, que são o objecto principal do nosso artigo, temos a dizer que se perdem n'um labyrintho de conjecturas os ho-

mens da sciencia quando pretendem achar a verdadeira historia do monumento.

«Que o heroe era possante, atrevido e remediado, n'isso concordaram logo todos apenas viram a estatua principal; porém o que significam os heroesinhos, que lhe ficam mais abaixo? Pensam uns que o monumento commemora um notavel *meeting* que se fez em Lisboa sobre um celebrado galheteiro de pedra, opinião esta que tem muitos sectarios, attenta a fórma de *meeting* que a obra apresenta. Querem outros, e este é o parecer mais seguido pelas pessoas competentes, que seja um monumento erguido á memoria de um famoso matador de toiros e á quadrilha de bandarilheiros que o acompanhavam nos dias de gloria.»

«Alguns fragmentos do jornal — a *Revolução de Setembro*, que se acham no archivo nacional resam das honrarias feitas a um tal Carmona, notavel bandarilheiro, e do apreço em que os espectaculos de toiros eram tidos por aquelles povos barbaros chegando muitas vezes a travar-se duello de morte entre os ministros da corôa e os animaes ferozes na presença do publico; como se depreheende das seguintes palavras textualmente copiadas dos alludidos fragmentos

da *Revolução de Setembro*:—O ministro do reino não ousou descer á arena; desceu porém o da justiça, *lidador mais denodado*; tentou *capear* o adversario e caiu desfallecido.

«Será realmente um monumento tauromachico! A capa, a espada nua, e o ar pimpão do heroe levam-nos a crer que sim; accrescendo que no pedestal ainda se conservam as seguintes letras:

A... L... C. A...

achando-se caídas e misturadas com os restos da gradaria as letras M, O, D.

«Com estes dados affirmam alguns archeologos que a inscripção era—*Ao Lidador Carmona*.

Uma comissão de sabios está encarregada de estudar profundamente a questão, e na hora seguinte daremos conta do que houver occorrido a tal respeito.»

No numero immediato escreve o *Minuto Commercial*:

Está decifrado o enigma; a comissão de sabios a que nos referimos na hora anterior, lendo os fragmentos de alguns jornaes do seculo dezenove, achou um trecho que affirma ser do auto da inauguração do monumento. N'esse tre-

cho acha-se o nome de Vaz Rans de Barreto Froes e tambem o de um tal Luiz de Camões. Ora por outros fragmentos de jornaes viu a commissão que Vaz Rans era homem muito notavel d'aquelles tempos; fallava nas assembléas em quanto que não consta que o tal Camões fallasse em parte alguma.»

«Seria enfadonho relatar aqui minuciosamente as averiguações a que a commissão procedeu; cumpre-nos noticiar que sem duvida alguma o monumento foi erigido á memoria de Vaz Rans, poeta notavel do seu tempo, e auctor de um poema epico — *As Pusturas Municipaes*, — e que o tal Luiz de Camões, do qual rezam os fragmentos de jornaes, fora homem abastado mas insignificante, com armazem de molhados n'um dos arruamentos da cidade baixa, e particular amigo do poeta a quem protegeu por longos annos.»

«A attitude do heroe está em harmonia com o pensamento da sua obra. Quer dizer: — *Ou pagas ou rou-te ao pello.*»

«A inscripção do pedestal era assim:

*Ao Laureado Cantor*

«Os sabios da commissão foram todos condecorados.»





## IMPRESSÕES DE UM DEPUTADO

---

O morgado Possidonio propoz-se d'esta vez e saiu eleito deputado.

Havia muito tempo que elle desejava penetrar no seio do parlamento, para ver Lisboa e ser util á patria dizendo as verdades ao povo com aquella franquesa que lá na terra da naturalidade lhe havia alcançado credito de homem esclarecido.

No dia em que depois de ter recebido os votos fazendeiros do candidato e as listas distribuidas pelos quatro boticarios da terra, a urna se abriu ao estalar das girandolas como a melancia final dos fogos de artificio, e o nome de Possidonio foi posto á porta das egrejas por ser o candidato mais votado do circulo, houve danças e repiques de sinos, e o morgado chegando á janella quando era mais numerosa e



expansiva a chusma dos seus admiradores, disse estas memorandas palavras:

— Amigos! o vosso representante está *satisfeito* como os novinhos do tio Jeronimo na campina. Estou aqui, estou, como diz o outro, com os pés para Lisboa. Podem ter a certeza que não hei de ser lá deputado de tres ao vintem, como o sobrinho da Felicia do Outeiro. Vosses verão nos papeis como a coisa se corta direita.

Os srs. alfacinhas das *sacratarias* vão ver uma bruxa comigo. Nós o que queremos é muitas economias e muita independencia nacional.

N'este momento os vivos do auditorio permittiram que o orador respirasse.

O tribuno accrescentou as seguintes palavras:

— Amigos? O paiz vae mal e precisa de quem vá pôr o dedo na ferida. Bem sabem que eu, que puz ali a cara a uma banda ao prior tambem não heide temer com a *parola* dos ministros. Amigos, vão ao Joaquim da fonte que lá tem uma boa pinga para todos. E' beber que a vida é curta; hoje é dia de frescata.»

O discurso de Possidonio ficou profundamente gravado na memoria dos eleitores do circulo, os quaes, de quando em quando repetem algumas d'aquellas palavras repassadas de patrio-

tismo, e quando bebem o vinho do Joaquim da fonte exclamam:

— Este não é para ser creado d'aquelle que vossê nos deu pelas eleições, tio Joaquim.

O morgado Possidonio não quiz entrar em Lisboa senão de noite porque recebeu que a população se agglomerasse para o vêr e saudar na passagem. Foi hospedar-se no hotel dos *Dois Irmãos Unidos* fallando essa noute aos creados com o rosto cuidadosamente envolvido nas pregas do capote, porque até ao dia seguinte desejava guardar o mais rigoroso incognito para seu descanso.

No dia immediato ainda não eram oito horas da manhã já Possidonio se achava á janella do seu quarto que deita para o Rocio admirando-se de que os transeuntes se não descobrissem ao fital-o, e que outros passassem olhando para as janellas do hotel sem demorar a vista nem na sua pessoa, nem no seu barrete de veludo azuloio com borla de oiro.

— Malcreados! dizia consigo Possidonio. Malcreados! Por isso as coisas vão como vão. Já não ha respeito por ninguem. Muito mais adiantados estamos nós lá na provincia do que esta sucia de selvagens! Eu os ensinarei.

O deputado passou a contemplar a fachada do theatro de D. Maria II pensando na inutilidade de um edificio tão magestoso que tanto dinheiro custa ao governo, e principiou a formular mentalmente um projecto de lei, com que havia de fazer a sua estreia no parlamento.

O projecto tinha por fim transformar o theatro normal n'uma grande fabrica de fiacção e tecidos por conta do estado em ordem a fornecer aos empregados publicos fazendas nacionaes para o seu vestuario, obrigando-os mensalmente a um desconto nos ordenados para pagamento do mesmo vestuario como se pratica com as praças de pret, e applicando-se o subsidio, que o theatro actualmente absorve, á compra de sinos novos para todas as egrejas e ermidas do paiz, para que de futuro os deputados eleitos não fossem obrigados a fazer essa compra á sua custa.

No mesmo dia dirigiu-se o morgado ao parlamento, e mal subiu o primeiro degrau da escadaria de pedra, a sentinella gritou ás armas porque n'esse momento parou a carruagem do presidente da camara. A guarda formou; Possidonio olhou em roda e não viu ninguem que podesse occasionar a cortezia militar, porque

o presidente não desceu logo da carroagem. O morgado tirou o chapéu, estendeu a mão ao capitão da guarda dizendo:

— Como está *vossoria*? Passou bem?

O presidente desceu da carroagem, subiu os primeiros degraus, e o capitão gritou:

— Apresentar armas!

— Sem cerimonia disse Possidonio, eu cá não gosto d'isso, o que eu quero é muitas economias e muita independencia nacional.

Depois da continencia Possidonio subiu á camara electiva, deu *soria* aos continuos e *cellencia* aos tachigraphos, e sentou-se á espera que o fossem cumprimentar os collegas.

A sua frente larga, achatada e estranha estava provocando a curiosidade dos deputados e dos frequentadores das galerias. O morgado percebeu que principiavam a segredar a seu respeito e pensou se estaria em falta não pedindo a palavra para annunciar a sua chegada á capital.

A leitura e votação dos pareceres relativamente aos processos eleitoraes vieram serenar o animo do nosso deputado, que principiou a levantar-se e a sentar-se com os demais sem saber de que se tratava.

Um deputado eleito residente em Lisboa mandára distribuir uma circular por todos os collegas convidando-os para uma *soirée* em sua casa. Possidonio recebeu o convite e ao sair da camara foi cuidar dos preparativos necessarios para que a sua *toilette* fosse condigna da festa e do convidado.

Entrou no hotel ás duas e meia da tarde já frisado e perguntou:

— A que horas se janta n'esta casa?

— A's quatro e meia, respondeu-lhe o creado.

— Preciso do jantar hoje mais cedo, que tenho de assistir hoje a uma *soirée* de cerimonia

— Em Cintra? perguntou o creado.

— Em Lisboa.

Possidonio jantou ás tres e meia, e encerrou-se no quarto para se vestir.

Calçou botim de polimento, vestiu calça preta, estendeu sobre o abdomen dois metros de acolxoadinho branco, poz lenço branco no pescoço, vestiu casaca de panno preto e calçou luvas côr de canario.

Ás seis horas já estava reclinado n'um calêche descoberto que o esperava havia hora e meia; e de palito espetado no canto esquerdo

da bocca ordenou que o conduzissem á rua de S. João dos Bem Casados.

Quando Possidonio chegava á porta do collega eram seis horas e vinte minutos. Não estava em casa o deputado; Possidonio foi recebido pelas senhoras.

— Creado de *vossasexcellencias*, disse o morgado; recebi um convite do senhor seu homem, creio que é *vossaexcellencia* a senhora sua mulher.

— Sim, senhor.

— Recebi um convite, e não gosto ser dos ultimos.

— Creio que meu marido o convidou para passar a noite comnosco.

— Exactamente.

— E v. ex.<sup>a</sup> é tão amavel que vem tambem passar a tarde.

— Isso é favor, minha senhora, isso é favor.

— Como d'aqui a tres horas é que chegam os outros convidados, temos pena de que passe desagradavel esse tempo.

— Em companhia d'estes anjos não é possivel passar-se desagradavelmente.

A's oito horas veio o creado á sala para acender o lustre. O creado não chegava com a

luz ás torcidas, e o morgado Possidonio disse

— Espere que eu lá vou.

Pediu licença, despiu a casaca, subiu a mocho e accendeu o lustre.

— Agora digam v. ex.<sup>as</sup> se precisam de alguma coisa, visto estar com as mãos na massa

— Muito obrigado, veja não se constipe.

— Quem, eu? isto tudo é forte e sadio, é fazienda para lavar e durar.

Quando principiaram a entrar os convidados, Possidonio collocou-se á porta para arrumar os chailes das senhoras, e depois foi um gosto vel-o animando a sociedade, ora disparando galanteios ás damas, ora resolvendo em tres palavras os problemas mais intrincados da politica e da administração.

No dia seguinte o morgado Possidonio escreveu uma longa carta á familia terminando com as seguintes palavras:

«Por aqui já me andam a fazer a bocca doce com bailes, porque veem que eu não sou como os outros. Esperem que eu falle na camara e verão como canto.»

Do que elle disser tambem eu darei conta aos leitores, que já não perco de vista este salvador do paiz.

---

FOLHETINS HUMORISTICOS

---





BARÃO DE ROUSSADO

---

# FOLHETINS HUMORISTICOS

---

N.º 3 — 28 de Fevereiro de 1892

Em Domingo Gordo

São elles ? !

Inveni !

---

50 RÉIS

---

EDITOR  
CAETANO SIMÕES AFRA  
180 — Rua Aurea — 182  
LISBOA





## EM DOMINGO GORDO

---

Conheci um homem, que resolveu no sabbado ir alegrar uma familia de sua intimidade, caindo-lhe em casa vestido de guerreiro.

Segundo observei, vestiu-se na cosinha. De um funil fez capacete, de duas palmatorias de folha charlateiras: a espada era uma roca, e do hombro direito pendiam-lhe duas resteas d'albos em forma de cordões e agulhetas. Entrou n'um carro ás oito horas da noite e partiu.

Excellent! Está aberta a porta da escada! Embuça-se; sobe; ninguem o conhecerá.

Que silencio que reina na habitação! Sairiam de Lisboa?! E' possivel; ha dois dias que o meu conhecido chegou de Sevilha...

Procura o cordão da campainha e não o acha; acender um fosforo seria uma imprudencia, além de que o homem não se quer desembuçar.

Bate com os nós dos dedos; vê que a porta está cerrada e conhece não estar fechada a cancella. Põe o ouvido á escuta: nem o mais ligeiro rumor. Será outra familia?! Por cautella tira o capacete e esconde-o debaixo da capa.

Entra. Da saleta vê a sala desarmada, sem cortinas as janellas, e á roda da casa um circulo de pessoas silenciosas e vistidas de preto. Não ha que duvidar, são visitas de pezames. O recém-chegado esconde mais cautelosamente o funil debaixo do capote e vae retirar-se; mas a dona da casa ao vel-o leva o lenço aos olhos, como ferida por uma nova lembrança, estende-lhe a mão.

O homem entra na sala, escondendo cuidadosamente o uniforme nas dobras da capa, beija a mão que se lhe estende, e não pode retirar-se, porque a senhora o detem fazendo-o sentar ao pé de si.

—Estava bem longe de esperar que... balbuciou elle, puxando a roca que sae por debaixo da capa.

—Meu marido era muito seu amigo.

—Fomos companheiros desde creanças.

O guerreiro tira o lenço do peito para limpar os olhos. Com os movimentos tem-se lhe des-

prendido uma das charlateiras, que se deslisa suavemente, ficando suspensa n'uma dobra do capote. Ao embuçar-se de novo salta a palmatoria para o collo da senhora que dá um pulo. O general estende o braço para a charlateira; sente a roca a estalar; quer segural-a; cahe-lhe a capa dos hombros e o capacete-funil resvala até ao meio do tapete.

Imagine-se a impressão que o caso produz nos circumstantes. As meninas tapam a bocca com a lenço para abafar o riso, e a propria viuva, esquecendo momentaneamente a perda que a desgraçou, aperta o nariz contra as ex-halações do alho.

E' preciso sair d'esta sociedade que não tem a alma afinada pelo delirio do entrudo. Se se demora mais dez minutos cae fulminado por uma congestão cerebral. Parece que todo o sangue lhe subiu ás orelhas. Levanta-se: pega no capacete; ao voltar-se prende-se-lhe a roca na franja de um chaile; ao desprendel-a embaraça as agulhetas n'uma cadeia de relógio, estende a mão á viuva e diz:

—Muito boa noite, estimarei que isso não seja coisa de cuidado.

E foi-se e não dormiu e ficou doente de cama.

Ao approximar-se de mim a segunda feira gorda, estou pouco mais ou menos como aquella familia, na presença do comico general. A differença é que a segunda feira não tem faces que se inflamem de vergonha, nem cerebro accessivel ás congestões. Não ha fazel-a fugir de ao pé de mim. E' uma segunda feira frivola, impertinente, mal creada, de roca á cinta e funil na cabeça. Não respeita a expressão sisuda da minha phisionomia, nem o estado melancolico do meu espirito. Tento afastal-a com indignação e zomba de mim em mil visagens truanescas; fecho os olhos para não a ver e sinto os guisos que me ensurdecem.

O que oigo? Uma dança! Que remedio ha senão chegar á janella?

As pastorinhas, de lencinho na mão e chapinho á banda, esqueceram-se de fazer a barba; a philarmonica que as acompanha é das possantes d'esta capital.

*Sic transit gloria mundi!* Como é variavel a missão das philarmonicas!

Ainda hontem aquella mesma gente, animada pelo hymno de 1640, percorria as ruas com um pensamento reformador, assoprando as idéas patrioticas que levavam a convicção a todos os

espíritos e a desafinação a todos os ouvidos; e agora vejo-a precedida dos velhos de luneta enorme e das dansarinas que limpam o suor ás costas da mão.

Essa banda marcial que me está atordoando debaixo da janella, vem engolfar-me na mais profunda cogitação. A importancia politica da philarmonica exalta-se, não se abate, associando-se a essas procissões, que são o enlevo do rapazio, e o sorvedoiro das mãosinhas de carneiro.

O prestigio da philarmonica já não acaba. Quem havia de esperar por esses pacíficos cidadãos, que nas horas de ocio, descansando do trabalho, e habituando os beijos ao bocal dos instrumentos, com que sonhavam deliciar os ouvidos da vizinhança, acompanhar o cyrio da Senhora da Atalaya, e a dança da rapaziada fina de Santo Estevão; quem havia de esperar, digo, que esses mesmos cidadãos, agrupados ás vezes sob o modesto titulo de—*Fraternidade e Capricho*,—havam de fazer tremer os homens e as situações, os governos e as camaras ? !

Se os philarmonicos não perdem a sua significação politica, quem é que ha de querer ser



deputado ? O verdadeiro representante da nação é aquelle sugeito musculoso, que sabe rufar na pelle de um tambor com a imparcialidade de quem se entrega de coração ao serviço da patria. O verdadeiro *mandato* é um pifano assoprado conscienciosamente nas occasiões mais sollemnes.

Pois não salta aos olhos a grande economia que póde d'ahi resultar ? Fechem de vez o parlamento, façam leis, e contem-se depois os zabumbas que lhes são adversos. Isto é pelo que diz respeito ás leis e aos decretos com força de lei; para as portarias e regulamentos basta que a opinião publica se manifeste por intermedio da viola franceza.

Os jornaes ministeriaes dirão cheios de jubilo:

«O governo continua a gozar da confiança do paiz; foram assáz significativas as serenatas da noite passada; apenas dois ou tres cavaquinhos se mostraram descontentes com as ultimas medidas, houve porém umas variações de flautim que esclareceram o espirito de todos os homens sinceros. Vá o ministerio pelo caminho que tem seguido, que desde já lhe agoiramos as sympathias dos tambores e as benções dos clarinetes.»

D'aqui a meio seculo não será para admirar que a formula das cartas emanadas do poder supremo do estado seja esta;

«Declaramos que as philarmonicas decreta-ram e nós queremos a lei seguinte.»

Não será raro tambem que os descendentes dos mais afamadaos philarmonicos, quando vejam a patria enferma, reclamando as melodias dos seus filhos mais dedicados, que esses descendentes gritem como o marquez de la Seiglière:

—Jasmin ! Dá-me o meu trombone ! O meu trombone de varas largas ! O trombone dos meus avós !

E quando lhe exijam um juramento sagrado, quando, perdido de amor, caiam aos pés de uma mulher, para a certificarem da paixão que os domina, dirão:

—Juro pelos ferrinhos do meu pae !

Quando a musica chegar a este grau de importancia, o lèr, o escrever e o contar serão prendas de luxo dispensaveis aos cidadãos. As escólas de instrucção primaria reduzir-se-hão a uma unica no Conservatorio de Lisboa, e as escólas de musica passarão para as aldeias.

A logica exigirá que os ministros sáiam de

entre os melhores philarmonicos, visto serem os philarmonicos que hão de deitar abaixo os ministros. Como será agradavel ver um cornetim na Fazenda e uma guitarra nos Ecclesiasticos! Como será curioso, nas escadas das secretarias, os pretendentes assobiando aos ministros os seus memoriaes, e as viúvas dos heroes garganteando os seus requerimentos na toada *do ladrão do negro melro!*

Nessa epoca a opinião publica, encanada pelos instrumentos de latão, ha de vencer o encanamento da urna. Acabará a politica parlamentar e teremos a politica *á piston.*





## SÃO ELLES!?

---

Quem quizesse representar Lisboa, hoje, depois dos sobresaltos, dos medos e das convulsões porque passou n'estas ultimas quarenta e oito horas, devia pintar a matrona de faces pallidas e abatidas, olheiras negras e profundas, collete desatacado para o desafogo da respiração e dos flactos; chá de tilia á cabeceira e agua sedativa nas fontes.

Não será isto talvez tanto pelo que aconteceu, como pelo que devia acontecer. As scenas que se presenciaram foram celebres; as que os pregoeiros politicos annunciavam com a charamella dos *meetings* permanentes, deviam de ser melodramaticas.

O vulcão patriotico ameaçava-nos a todos com as luvras da revolução. Sentia-se o refervir por debaixo dos nossos pés; as crateras abertas

aqui e ali exhalavam um cheiro de enxofre denunciando o enxoframento dos salvadores da nação.

Desde quarta feira que estavam os *meetings* em discussão continua. Os chimicos que trabalhavam noite e dia para descobrir a pedra philosophal do bem commum, não tiravam o nariz de cima das retortas; e com a fronte illuminada pelos clarões da fornalha esperavam cheios de anciedade os resultados da operação.

Lisboa andava assombrada; porque os annuncios dos acontecimentos pavorosos intimidam ainda mais a presença dos mesmos acontecimentos. O infortunio com que nos ameaçam é mais atroz de que o mesmo infortunio.

Perguntava-se :

— Então os homens sempre saem á rua?

Respondia-se :

— Infelizmente saem,

— O que discutem elles?

— Coisas muito extraordinarias.

— E ha por lá bons oradores?

— Se ha! Talentos auspiciosos que ninguem conhecia; mancebos cheios de enthusiasmo que a toda a hora estão arrebatando as massas.

-- Tem assistido a algumas sessões!

— A tres e quatro no mesmo dia.

— Então a coisa é assim mal comparada, como os espectaculos da feira do Campo Grande?

— Nem mais nem menos.

— Ainda bem não está acabada uma funcção, começa o tambor á porta a chamar para a funcção seguinte. Quaes são ahi os *meetings* mais acreditados?

— Todos são magnificos.

-- Conhece-os todos?

— Não me escapou nenhum.

— E trabalham todos para o mesmo fim?

— Para a felicidade geral.

— Temos então procissão ao domingo?

— Procissão que ha de dar que fazer.

— E mais ainda que fallar.

— E' como diz.

— Já se vê que as discussões teem estado animadissimas.

— Tem sido uma verdadeira pandega de eloquencia.

— O que eu tenho perdido!

— Que imagens! Que arrojos! Que pensamentos!

— E' de a gente ir atraz da musica!

— Como se nos tocassem o hymno da Maria da Fonte.

— Isto de fallar bem, sempre é uma grande coisa!

— Se é!

— Muitos applausos?

— O delirio dos apoiados.

— Quero lá ir hoje.

— Hoje não é conveniente.

— Porque?

— Vossê é homem que não despenda as suas commodidades, e as sessões de hoje hão de ser tumultuosas.

— Como sabe você esses segredos, você que vae lá apenas como curioso?

— Conheci hontem que a coisa estava seria de mais.

— Como conheceu?

— Os oradores já se tratavam por *vós* e diziam: *vós fizesteis, vós acontecesteis*.

— Então elles diziam: — *Fizesteis, acontecesteis?*

— Duvida?

— A conjugação de verbos não é o forte d'essas casas.

— Falta de uso. Bem vê que a gente anda

habituada com o tratamento na segunda e terceira pessoa do singular...

— E quando chega uma occasião solemne...

— Sim uma occasião solemne, em que a causa do povo exige os verbos na terceira pessoa do plural...

— Surge então o *vós amaraes*.

— Quando não estalla o—*vós amarardeis*.

D'aqui se vê se Lisboa tinha ou não tinha rasão para andar receiosa e sobresaltada. A procissão havia de ser imponente. O *vós fizeis* dos oradores havia de estoirar cá fóra traduzido nas mil gebadas com que os amigos do povo, e da liberdade, costumam entortar os chapéus á gente para indireitar a fôrma do paiz. Era provavel que apparecessem aquelles anjinhos com azas de papelão que dias antes tinham andado a *botar* lôas á porta d'alguns deputados eleitos, levando bandeiras e musica com a pompa com que se costumam fazer aqui os cyrios de Nossa Senhora d'Atalaia, e a farçada da serração da velha. Contava-se com o auxilio das philarmonicas mais afamadas da capital, e não seria para admirar se os festeiros da irmandade, enfeitados de murta e rosas, subissem aos car-



ros triumphaes para aquecer os animos com o fogo da palavra.

No sabbado à tarde as familias faziam fornecimento dos comestiveis indispensaveis para domingo de Paschoa, porque os corpos da guarda recebiam ordem para ficar em armas, e a guarda municipal afiava as espadas afim de restabelecer mais afoitamente o socego que devia ser alterado no dia seguinte.

Na rua não perguntavam uns aos outros o que havia de novo. Os que se encontravam diziam em tom mysterioso:

- Não ha duvida, os homens saem ámanhã.
- Não ha que ver; saem ámanhã,
- Se Deus quizer eu não heide sair.
- Nem eu tão pouco.

As esposas exclamavam em casa:

— Quem sabe se ámanhã se fecharão as lojas? Ou se os aguadeiros se não atreverão a fazer recados?

— Já cá está agua para ámanhã? perguntava o marido. E o arroz?

- Felizmente já nada falta.
- E o leite?

— Passaremos sem elle; decerto não nos apparecerá uma leiteira sequer.

— Valha-me Deus!

— Não me dirás o que querem esses homens para incommodarem assim a gente?

— O que querem? Sempre tens perguntas, filha?

— Sim elles hão de querer alguma coisa.

— Querem pôr a patria no são!

— No são!

— Cortar o que não presta; exactamente o que tu fazes ás minhas calças.

No domingo houve quem se levantasse de madrugada para observar os acontecimentos desde o principio. A temperatura era agradável e quasi todas as lojas se achavam fechadas áquella hora.

Depois foi aquecendo o dia, e foram-se abrindo as portas dos logistas.

— Estallou um foguete!

— Será a coisa?

— Era de tres respostas?

— Era.

— Então hade ser a coisa.

Correm as horas. Que multidão que vem do lado de S. Domingos.

— Será a coisa?

— Hade ser.

— Mettamo-nos aqui n'esta escada, porque a maior parte das vezes paga o justo pelo peccador.

— Ah!

— O que é?

— E' a gente que sae da missa do meio dia.

— Respiro,

O dia cada vez está mais quente. E' grande a concorrência no Passeio Publico. A musica da guarda municipal dispõe-se a fazer ouvir as peças mais escolhidas do seu repertorio.

— O que é isto?! A musica retira-se!

— Será a coisa?

— Hade ser.

Chega a hora do jantar; as familias reúnem-se alegremente á meza na qual como é de rigor tem logar de honra o cabrito.

São seis horas da tarde.

— Não ouvem os tambores?

— Ouvimos.

— Agora musica.

— Parece-me ouvir um grito.

— Silencio!

— Agora é a coisa.

— Hade ser a coisa agora.

— Vem aqui para o Rocio!

- Ahi chegam!
  - Veem a cavallo!
  - Meninas, mettam-se para dentro; bem sabem que as balas não trazem sobrescripto.
  - Deus tenha piedade de nós!
  - Vem todos de espada!
  - O que vejo? pozeram-se a dançar!
- Era o enterro do bacalhau.







## INVENI!

---

Não saíam a gritar, como o philosopho antigo pelas ruas de Siracusa, porque os tempos são outros, e a policia civil parece não ter sido inventada para os habitantes da lua.

N'essas épocas em que a humanidade batia as palmas a uma descoberta com o mesmo entusiasmo com que hoje se festeja uma pega de cara e um par de ferros mettidos á meia volta, os philosophos, nos momentos da inspiração, corriam á praça publica como estavam em casa e com a semceremonia com que uma pessoa póde ir hoje ao seu quintal. O sabio que meditava na resolução dos problemas mais intrincados, achava ás vezes sobre a madrugada a incognita que punha termo ás cogitações, saia de entre os lençoes com a fronte illuminada, e abrindo a janella do quarto, sem se occultar

das visinhas, nem se acautelar dos defluxos annunciava às multidões que a luz d'uma idéa nova lhe entrára no espirito, e que a humanidade podia contar com mais um diamante para a corôa das suas glorias. Archimedes, saindo do banho inflammado pelo jubilo do novo descobrimento, descobria-se a si mesmo, e não consta que deitasse um lençol aos hombros para ir espantar o povo gritando:

— Inveni! Inveni!

E o philosopho não se constipou, e os municipaes de Syracusa não o prenderam por suspeito, e as donzellas não taparam a cara ao ver a desnudada figura do sabio tão patente aos seus olhos. como o novo principio ficava descoberto aos olhos do futuro.

Não havia então periodicos que se encarregassem de dar as novidades, com uma sollicitude apenas comparavel á velocidade d'aquelles wagons de que fallava o morgado da Ventosa, os quaes chegavam ao ponto a que se destinavam exactamente na vespera da partida. N'essa época cada homem era o *Diario de Noticias* de si mesmo, o que não obstava aos equivocos a que estão sujeitos os noticiaristas. Mais de um sabio, depois de uma gloriola ephemera, se fôsse

homem de consciencia, teria de rectificar a noticia da vespera, dizendo pouco mais ou menos assim:

— Melhor informado cumpre-me declarar que a descoberta annunciada hontem por minha propria bocca não passou d'uma chapada tolice. Dou as mãos á palmatoria, e quem quizer chame-me pedaço d'asno, na certeza de que me não erra o nome.

Mas os sabios calavam-se muito bem calados, não rectificavam a noticia e continuavam debruçados sobre a chaminé mysteriosa, quebrando a cabeça em procura d'um principio, como os ministros da fazenda procuram hoje nos escaninhos do orçamento a pedra philosophal que hade matar o *deficit* e levar este paiz á tranquillidade d'uma pessoa que sabe governar a sua vida com um prumo na mão.

*Inveni*, digo eu, sentado á mesa do trabalho, de charuto na bocca, e a vidraça cuidadosamente calafetada, com tanto enthusiasmo como o philosopho antigo, porém mais acautelado do que elle contra os perigos da constipação.

Apanhei o *deficit*, tenho-o aqui fechado na mão, sinto-o a dar-me com as azitas pelos dedos, exactamente como quem segura um besoiro. É



dizerem-me uma palavra e o maldito deixará de existir. Aqui o entrego quasi moribundo, se o deixam fugir, lavo d'ahi as minhas mãos.

A'manhã gritará por essa Lisboa qualquer financeiro de má morte:

— Atè ahi chegavamos nós.

E' a historia de todas as descobertas, desde o ovo de Colombo até o xarope de James. Apenas se esgarça o véo que envolvia o mysterio, logo surge toda a gente disputando a primasia do achado.

De quanto é o *deficit*? De seis mil contos? Quem é que se amedronta com semelhante bagatella?

Andamos às cabeçadas pelos atalhos das economias e das deducções e não conhecemos que cada vez nos affastamos mais da linha da nossa derrota. Soccorrer-se às economias e às deducções é ir procurar na miseria a mina das nossas felicidades. Não será mais rasoavel irmos às fontes da riqueza?

E onde é que se esconde a mina da nossa riqueza?

Na agricultura? Engano.

Na industria? Ilusão.

Na propriedade? Mentira.

A nossa grande riqueza está na quantidade dos salvadores da patria, geração espontanea que se alastra por toda a nação.

O trigo nem sempre chega para o consumo do paiz; as laranjeiras faltam ás vezes; nem sempre é abundante a novidade das melancias, só os salvadores da patria é que chegam para salvar o mundo inteiro. Procura-se ás vezes um cirurgião e não se acha; precisa-se de um ferrador e não se encontra; pede-se um financeiro e apparecem quarenta.

Conhecido pois o grosso da nossa riqueza, está descoberta a fonte milagrosa. Fala-se em diminuir o numero de deputados! Pois tratem de o augmentar, de quintuplicar, que ahi é que está o segredo.

Eleve-se a novecentos e noventa e nove o numero dos representantes da nação. Acabe-se de vez com as circumscripções eleitoraes, com as influencias das localidades, com a pressão do governo, com os eleitores, e com o dinheiro derramado improductivamente pelas mãos dos beleguins.

Faça-se todos os annos uma loteria monstro para que a sorte decida quaes devem ser os salvadores da patria que hão de chegar ao lume

do parlamento, vendendo-se os bilhetes a cem mil réis, e fazendo-se a extracção com as formalidades do estylo.

A coisa poderá annunciar-se do seguinte modo no *Diario do Governo*:

### PLANO

Para a grande loteria parlamentar do anno de 1870.

Será o seu capital de seis mil contos divididos em sessenta mil bilhetes do preço de cem mil réis cada um.

Os premios serão os seguintes:

1... Presidente da camara.

999... Deputados.

59:000... Brancos.

A sorte grande é o lugar de presidente da camara, e não faltará quem diga que o de deputado corresponde ao mesmo dinheiro.

Os patriotas abastados comprariam aos vinte, aos cinquenta e aos cem bilhetes, e ainda assim não arriscavam mais do que no systema das eleições livres em que milhares de cidadãos se puzeram no costume de não metter o voto na

urna, sem primeiro lhes metterem cinco toções na mão. A loteria vinha inaugurar uma epocha de moralidade. Se a coisa é contracto de compra e venda, antes se vendam sortes do que as consciencias.

Como seriam curiosos nas vespervas da extracção d'esta loteria, os berros dos cautelleiros ensurdecendo-nos por essas ruas.

— Quem se habilita ?

— Ella vae rabiár.

— Quem quer apanhar a taluda ?

E no dia da extracção os patriotas soffregos, com as mãos tremulas e os olhares pregados na lista geral, vendo cem bilhetes brancos, e muitas vezes por 4, unicamente por 4, deixavam de representar o povo.

·Não seria menos curioso andarem os garotos perseguindo-nos ahi pelas ruas com os numeros de palpite, e a metterem-nos nas algibeiras os *mandatos populares*.

O que hoje é candidato infeliz, se a fortuna lhe continuasse adversa diria:

— Sempre ando um tumba !

O governo sahido da maioria d'esta camara podia affoitamente declarar que a roleta o tinha levado ás eminencias do poder.

Poder-me-hão dizer que por semelhante systema só irão á camara os patriotas ricos. Assim será, e assim deverá ser. Ficarão eternamente afastados das glorias do parlamento :

Os empregados publicos.

Os poetas lyricos.

Os folhetinistas de profissão.

E' fóra de duvida que os patriotas pobres, os que não teem sabido cuidar da propria algibeira são os menos competentes para cuidar da grande algibeira da patria.

A extracção poderá verificar-se no estabelecimento em que se faz a das actuaes loterias, para que na sorte do paiz possa intervir o painel da Misericordia.







---

FOLHETINS HUMORISTICOS

---





BARÃO DE ROUSSADO

---

# FOLHETINS HUMORISTICOS

---

N.º 4 — 6 de Março de 1892

Aventuras d'um deputado

Direito ao trabalho

O Archeiro

---

50 RÉIS

---

EDITOR  
CAETANO SIMÕES AFRA  
180 — Rua Aurea — 182  
LISBOA





## AVENTURAS DE UM DEPUTADO

---

O morgado Possidonio é um deputado apparatoso e sadio; não fallou ainda, mas espera questão de verdadeiro interesse para fazer ouvir a sua voz e vincular o seu nome a algum commettimento digno da immortalidade.

Em questiunculas de minima importancia não esperem ouvi-lo; para muito mais são as suas aspirações e a sua audacia. Aguardem a discussão do orçamento que é o circo dos gladiadores modernos, e vel o-hão de peito arquejante, palavra atroadora, declamação tetrica, e gesto ameaçador, lamentando não poder pôr-se ali em mangas de camisa para arrancar a fressura inutil do orçamento, e fazer com ella a fritada das economias que ha de perpetuar a gloria de muitos estadistas editados pelo paiz em papel ardo, os quies fluctuam á tona do suffragio,

como se baloicam no cordel as historias da *Imperatriz Porcina* e da *Formosa Mangalona*.

Possidonio pertence á familia dos estadistas reforçados. Grosso como o pezadello de um candidato em noite de desengano; vermelho como o reposteiro da porta principal da sua igreja em dias de Lausperenne; alto e desempenado como a torre do campanario, da qual saíram espalhando-se pelos ares os repiques de dois sinos destemperados, no dia em que a urna fecundada por mil eleitores deixou sair-lhe das entranhas aquella joia dos representantes do povo.

Póde afoitamente dizer se que Possidonio é um deputado de peso. E' dos primeiros a comparecer na camara e dos ultimos a sair. Não perde um momentos e quero fio das discussões, e nas palestras anteriores á ordem do dia, quando o sr. José de Moraes destapa os reservatorios da sua eloquencia, e assume aquelles ares de tyranno que já lhe alcançaram a graduação de Jupiter Tonante, Possidonio anda de um lado para o outro da camara aproximando-se dos oradores, em ordem a esclarecer devidamente o espirito e poder votar com inteiro conhecimento de causa. Apesar d'essa lida insana, a

maior parte das vezes não sabe se ha de sentar-se ou levantar-se quando o presidente convida a camara a pronunciar-se sobre os assumptos discutidos, e n'essas circumstancias regula o seu procedimento pelo do deputado cuja phisionomia, ou cujas idéas economicas lhe tenham inspirado maior confiança.

Em um dos primeiros dias de sessão Possidonio passeava risonho pelo corredor. Ao canto do lado do nascente um sujeito modestamente vestido de preto conversava com um correio de ministro, e dizia:

— Isto já não vae senão á mã cara. Querem organisar as finanças do paiz ? é deitar abaixo como quem varre uma feira. Nada de conselheiros, nada de gente que ganhe mais de trinta mil réis por mez.

Possidonio ouviu distinctamente estas memoraveis palavras, e não perdeu de vista o sujeito que assim fallava.

Quando entrou na camara viu-o na sala, e principiou a regular as suas votações pelas do cavalheiro, deixando desde esse momento aquelle que lhe servira até ali de guia, o sr. José de Moraes.

— Que vejo ! diz Possidonio consigo no fim

da sessão, approva tudo este homem impassivel!

A' saída Possidonio aproximou-se do sujeito e estendendo-lhe a mão sem luva, disse-lhe:

—Como está *vocellencia*?

O sujeito estremeceu como se lhe dêssem uma palmada no estomago, tirou o chapéu com a mão esquerda e consentiu que o deputado lhe apertasse a direita.

—Vem para baixo? perguntou Possidonio.

—Nada, eu fico; respondeu o sujeito.

—Com que então hoje approvámos tudo.

—Nem tudo, algumas propostas foram rejeitadas pela camara.

—Não me refiro á camara; digo que nós dois approvámos tudo. O amigo esteve sempre de pé...

—Se eu sou continuo.

—Ah! Desculpará *vossoria*.

Possidonio foi para casa descontente. Ter regulado as manifestações da sua consciencia por um homem que tinha obrigação de estar em pé sempre, era coisa que o havia de affligir por largo tempo.

Quem não sabe é como quem não vê, pensava Possidonio. E' tão séria a vida parlamen-

tar que elle, sem abrir a bocca, já tinha soffrido alguns desgostos que lhe atormentavam o espirito, e lhe tirariam o somno se por ventura o preclaro eleito da nação não fosse homem para dormir quatorze horas successivas n'aquella tranquillidade de corpo e d'alma que a Providencia apenas concede aos innocentes e a alguns escolhidos do campanario.

Era preciso preparar-se para fallar. Possidonio suspirava pelo momento em que a folha official pudesse levar as suas palavras aos ouvidos dos seus eleitores, e principiou a reconhecer a necessidade de fazer alguns estudos preliminares. Para fallar com desassombro na presença de assemblêa tão esclarecida resolveu estudar orthographia, e assim o fez.

Depois das primeiras lições já Possidonio exclamava:

—Não sei como ha quem se atreva a fallar em publico sem saber orthographia !

As letrás dobradas davam-lhe margem a profundas cogitações sobre a opulencia da palavra; as consoantes que o homem despresa na pronuncia levavam-no a lamentar a degeneração da lingua patria.

Possidonio não perdia o ensejo de manifestar



a massa dos seus conhecimentos, e todos os dias á mesa redonda do hotel dos *Dois Irmãos Unidos* dizia:

—Estive tres horas a fallar sobre este *assumpeto* á esquina da travessa da *Assumpeção*.

Um companheiro de casa chamou o uma vez de parte e disse lhe:

—Devo prevenil-o d'uma coisa.

—De que?

—Andam por ahi a rir-se do amigo.

—A rir-se de mim! Quem se atreve?!

—Elles teem razão. Passaram de moda os re-  
ctas pronuncia. E' uma pena, bem sei, mas o  
que quer que lhe faça? Tudo assim anda,  
e não ha remedio senão a gente ir com os ou-  
tros.

—Não comprehendo.

—O amigo quando falla tem o costume de  
pronunciar todas as letras, mesmo aquellas que  
ninguem pronuncia, e os mais riem-se.

—E' porque são estupidos, e não sabem or-  
thographia.

—Bem conheço que é uma desgraça, mas devo  
prevenil-o de que se continua a fallar assim,  
fica coberto de ridiculo para toda a sua vida.

—Sim?!

—Dou-lhe a minha palavra de honra.

Possidonio estremeceu.

Dias depois alcançou do governo tres habitos de Chrito para tres compadres seus, e sentiu-se ministerial.

Achando-se entre varios cavalheiros no Passeio Publico, e receiando o uso immoderado das consoantes, disse:

—Eu pertenco á maioria *compata*,

—*Compata!* exclamou um dos da roda.

—Sim, senhor, da maioria *compata!*

Outro ouvinte disse:

Eu bem tinha percebido que v. ex.<sup>a</sup> havia muito tempo andava com ella *ferrada*.

—Isto não impede que me atire ao orçamento.

—Ao contrario, isso faz com que v. ex.<sup>a</sup> *atire* com mais força.

—Ainda bem que me faz justiça.

—Não lhe digo mais nada, amigo Possidonio, visto que pertence á maioria *compata*, é tomar o freio nos dentes.







## DIREITO AO TRABALHO

---

Era uma vez um centro eleitoral.

A sala era espaçosa, os sacerdotes que ali celebravam no altar da patria eram sadios.

As candidaturas governamentaes iam receber naquelle centro o baptismo do povo; deitava-se-lhes agua na cabeça para os habituar ao *douche* de solicitações, com que os eleitores costumam affligir os seus escolhidos; e punha-se-lhes sal na bocca para lhes ir apropriando o paladar a todos os guisados do poder constituido.

Eram tão intimas as relações do centro com os gabinetes dos ministros, que bem podia considerar-se a sachristia do ministerio.

Uma noite os homens da sachristia quizeram estabelecer em bases mais solidas a popularidade dos seus candidatos, conheceram que as classes operarias estavam soffrendo a falta de

trabalho, e pozeram-se a inventar obras que podessem melhorar a sorte das mesmas classes.

O centro meditou cinco dias, e ao sexto disse:

*Fiat labor!*

No setimo dia publicaram-se os cartazes para o grande espectaculo do trabalho, os quaes diziam pouco mais ou menos assim:

«Constando ao centro que um grande numero de operarios d'esta cidade e povoações circumvisinhas, se acham actualmente luctando com os horrores da ociosidade, a qual só é admissivel nos que teem logar certo na mesa do orçamento, convidamos todos aquelles que se acharem n'essas circumstancias a declarar o seu nome e morada á mesa do mesmo centro, a fim de que, em harmonia com o governo de sua magestade, se dê as mais activas e energicas providencias, em ordem a fazer cessar o mal que afflige as mesmas classes.

No oitavo dia principiaram logo de manhã a chover na mesa do centro as communicações dos operarios solicitando trabalho.

Seis alfaiates representavam que havia sete semanas não sabiam o que era metter a the-

soura em fazenda nova, não lhes apparecendo em todo esse periodo mais que tres casacos para debruar, e quatro calças para fundilhos.

A mesa convidou logo os eleitores remediados a encommendar fatos de meia estação aos seis alfaiates; todavia os eleitores ponderaram estar prevenidos desde o anno passado com a roupa indispensavel para a estação calmosa, e que não podiam satisfazer o convite da mesa.

O sr. ministro da fazenda apenas teve conhecimento do caso mandou fazer um colete de alcoxoadinho branco, tirando-se previamente á sorte o nome do alfaiate que devia ser beneficiado com a obra.

Tres cosinheiros requereram trabalho á mesa do centro.

«Não sabemos aonde esta gente vae comer, diziam os infelizes; já não ha quem ceie ao menos; as nossas casas de pasto estão ás moscas.»

A leitura d'esta communicacão impressionou profundamente a assembléa, que saiu logo toda a tomar absyntho para abrir o appetite, e se dividiu em tres grupos para ceiar nas tres casas de pasto que pediam trabalho. Houve canja, costeletas de porco, sallada d'agriões, laranjas e

biscoitos de Oeiras, e das ceias se levantaram autos que ficaram guardados no archivo do centro.

Quatro barbeiros fizeram sentir a conveniencia de se prohibir as navalhas para uso particular, e bem assim de os patriotas mais dedicados ao bem commum não usarem a barba toda crescida.

Depois de longa e acalorada discussão, em que se admirou a eloquencia dos oradores, ora pugnando pela suissa de presilha, ora defendendo a barba longa, resolveu-se que seria tido por inimigo das classes trabalhadoras todo o eleitor que no dia 22 do corrente se apresentasse na rua com a barba toda.

No dia immediato, um eleitor, usando da palavra antes da ordem da noite, teve a satisfação de declarar á assemblea, que o sr. ministro do reino acabara de cortar o cabello.

Cinco cerzidores apresentaram os seus memoriaes repassados de lagrimas, e de exclamações dolorosas, com que rasgavam o coração, na impossibilidade em que estavam de rasgar o fato a todos os habitantes d'esta cidade.

Compadecei vos de nós, diziam elles, já não ha um farpão que reclame o auxilio da nossa

agulha; ninguém se rasga, morremos de fome, illustrissimos senhores, se não nos daes o trabalho.

Tres dos mais festejados oradores do centro pediram immediatamente a palavra, com a voz entrecortada pelos soluços e os olhos arrasados de pranto.

Um d'elles alastrou a sua eloquencia sobre as fazendas grossas, condemnando cheio de indignação os tecidos consistentes. Levantou um grito a favor das pontas dos pregos subrepticamente revirados nos bancos dos theatros, e concluiu lançando as mãos ás algibeiras do colete e escancarando as até á abotadura. Foi inexcédível o enthusiasmo causado por este *rasgo oratorio*.

O presidente da meza enxugou as lagrimas que lhe corriam a fio, ergeu-se; quiz fallar e não pôde; baixou as olhos envidraçados pelo pranto; viu a raspadeira, pegou d'ella, e metendo-a na manga da sobrecasaca, rasgou-a desde o hombro até o canhão.

Os bravos e as palmas da assembléa applaudiram a eloquencia do presidente, e a pedido de tres eleitores deliberou se que o farpão fosse mencionado na acta.



Nove cocheiros declararam que por motivo da amenidade da estação se achavam sem meios de subsistencia, levando os dias a passeiar no Chiado e à roda do Rocio.

Nomeou-se uma commissão de vinte e cinco membros para ir jantar a Carriche e ao Dá-Fundo.

A extincta banda dos marinheiros militares lamentou a falta de instinctos musicos nos homens da situação.

Respondeu-se-lhe que para ella não fôra feito o cartaz do centro, e que esperasse a epocha dos cirios e dos arraiaes.

Desesseie gatos pingados protestaram contra a salubridade do paiz e contra a tyrania do conselho de saude. Fizeram ver que a vida dos habitantes de Lisboa estava sendo demasiadamente longa, que os enterros eram insignificantes, e que por isso se achavam os reque-rentes lutando com a miseria.

Por votação unanime resolveu a assembléa alcançar do governo a liberdade amplissima dos arrosaes em todos os pontos do paiz.

Cincoenta vidraceiros solicitaram tambem o auxilio do centro por não terem que fazer.

Respondeu-se-lhes que não tinha fundamento

a petição, porquanto o governo já havia previamente attendido á sorte dos representantes, permitindo que se quebrassem os vidros das janellas durante os tres dias do carnaval.

Dois proprietarios de casas de jogo fizeram subir os seus clamores contra a falta de pontos.

O centro convidou os ministros a fazer pelo menos em cada noite uma parada no dique e um cerco ao rei.

A ultima representação era a mais importante de todas. Pedreiros, carpinteiros, e mestres d'obras queixavam-se amargamente da falta de trabalho.

Nomeou-se uma commissão para estudar a materia, e a commissão depois de pensar maduramente sobre o caso propoz que se construíssem habitações baratas para as classes menos abastadas.

Assim se resolveu.

O orçamento é de vinte libras para cada edificio.

A commissão reconhecendo a reprovação geral da copa alta inventou os predios á *Bismark*.

Serão casas de um metro de altura, com as portas de meio metro, e tendo por janellas cada predio dezoito ilhozes.

O governo mandará principiar tudo o que ainda não foi começado, e concluir tudo o que já teve principio.

*Fiat labor!*

E d'esta vez lá se acabam as obras de Santa Engracia.





## O ARCHEIRO

---

Os que não se dedicam á phisiologia dos typos nacionaes; os que passam pelas pessoas ou coisas sem obrigação de as observar para as reproduzir na tela do folhetim; os ditosos que vêem e não analysam, que admiram e não contam, que censuram e não escrevem, acreditam que um archeiro é igual a outro archeiro, e que todos elles saíram de um molde unico e invariavel.

Quem os vê de longe, alinhados nas escadarias da Sé, ou no vestibulo do palacio das côrtes, apinhados nos *omnibus*, que os transportam a Belem, ou desfilando desengraçadamente atraz do pallio na procissão do corpo de Deus, confunde-os a todos, como se fosse um só reproduzido em mil espelhos differentes.

Não podia deixar de ser assim, porque os archeiros são os confeitos com que o povo costu-

ma polvilhar as galas da realeza. A guarda dos alabardeiros alastra-se serena, brilhante, uniforme por sobre as alcatifas dos edificios, e a areia encarnada das ruas, como a grangea sobre a travessa do arroz doce.

O archeiro considerando se uma das moleculas do systema monarchico, não abdica os seus antigos privilegios. Não lá dizer-lhe que saia oficialmente de casa, bem escanhoado de cara e bem vermelho de encadernação, para adornar com sua presença os cortejos de gala, se o tambor e o pifano da guarda não andaram na vespera ahí pelos arruamentos da baixa a tocar a marcha da extincta brigada, que lhe sôa aos ouvidos, como ordem directamente emanada do poder real!

E' que para o archeiro não tem valor o *Diario do Governo*. Creatura singularissima, meio militar e meio paisana, meio constitucional e meio absolutista, pôde defender as regalias do povo e entusiasmar-se com as conquistas da liberdade, enquanto a fivela do calção não lhe tufa a barriga da perna; mas apenas supporta no hombro o pezo da alabarda, e na gambia alvissima sente os beijos com que as brisas o advertem de que vae em serviço d'el-rei, o es-

pirito vòalhe desassombrado aos degrãos do throno e o coração despe-se-lhe do amor da liberdade, em quanto lhe não regressa ao corpo o collete de alcxooadinho e o casacão de todos os dias.

Um archeiro republicano, depois de paramentado em dias de gala, seria tão extraordinario como o verso de Bocage:

Escaldar uma perna em agua fria

A vestimenta não pôde deixar de influir na ordem das nossas ideias e no alvo das nossas aspirações. De casaquinho de veludo, chapéu á Bismark e *badine* flexivel, quem é que se sente inclinado ás meditações profundas e aos actos de bravura? O homem assim vestido acha-se mais propenso ao galanteio do que á severidade. Vistam-lhe um casacão longo e felpudo, mettam-lhe na mão um chapéu de chuva, calcem-lhe uns botins construidos nas officinas inglezas, enrolem-lhe um *cachenez* no pescoço, tel-o hão preparado para entrar nas discussões mais substanciosas a que o orçamento nos pôde levar.

Um jornalista da minha intimidade, julgan-

do-se affrontado n'uma questão d'imprensa, não quiz mandar os seus padrinhos ao adversario sem ouvir primeiro o conselho d'um amigo particular. Procurou-o, expoz-lhe a resolução em que se achava e pediu o seu parecer. Era de manhã; o amigo que ia a sair para o campo, de jaqueta de pelles e chapéu á hespanhola, respondeu:

—Dá-me um abraço, meu amigo; a tua resolução é a de um homem de bem. Vae, que o teu animo não vacille, que a tua mão não trema. Para que serve esta bagatella de vida se não para a gente a arriscar na bocca d'uma pistola, ou na ponta d'um florete?

Combinaram-se as condições do duello, e na vespera do dia ajustado para se lavar a affronta na barrela de duas espadas, o jornal sta entrou em casa do seu amigo e disse:

—Venho dar-te um abraço.

Na rua fazia um frio de gelar a ponta do nariz; o amigo, de robe de chambre, enterrado n'uma cadeira de molas, ao calor do fogão, perguntou admirado:

—Então partes? Para onde?

—E' amanhã o duello.

—Então isso não se pôde arranjar d'uma maneira mais suave e ménos doentia?

—Já te não lembras do que me disseste ha dois dias ?

—Eu sei lá o que te disse. Sabes o que te digo agora ? E' que o verdadeiro duello é cada um no quentinho da sua casa, em companhia de sua mulher e de seus filhos.

Aqui está como a robe de chambre veio abrandar as idéas que o jaleco de pelles exaltára. O que admira pois que o archeiro se despegue das convicções democraticas no momento que dispa a quinzena para envergar a farda de grande espectaculo ?

Ha o archeiro-marca, o archeiro-sisudo, e o archeiro-liró.

O archeiro-marca é o que está sempre de guarda ao paço, substituindo os companheiros d'armas, a quem por escalla vae compêtinando aquelle serviço. Accumula o preço da substituição com as comedorias que recebe da casa real e vive de ser archeiro. Movel de uso ordinario tão vistoso como os reposteiros, e tão commodo como as caldeiras de espaldar, vae envelhecendo no serviço constante, sem um dia de folga, sempre encarnado, avivado sempre de amarello.

O archeiro-marca conheceu mendamente a



historia politica do seu paiz, desde a partida de el rei D. João VI para o Brasil, porque as épocas anteriores já se perdem para elle na noite dos tempos, escapando-lhe ao espirito essencialmente investigador. Sabe a chronica de todos os homens que tem figurado na scena politica durante os ultimos sessenta annos; conserva de memoria os ditos mais graciosos dos principes quando principiaram a fallar; não esquece as coincidencias notaveis que se tem dado entre os phenomenos celestes e os phenomenos politicos, precisando o dia e a hora em que os cometas annunciaram os lutos e as tristezas da côrte. .

Ordinariamente o archeiro-marca não tem outro fato em casa. Assim vestido é que elle muitas vezes abana o lume para o almoço, rega as florinhas no quintal, e vem comprar o leite á porta da escada. Um d'esses já eu vi no caminho das Necessidades, montado n'um burro que se pegava; o archeiro fazia croque da alabarda, e com ella obrigava o animal a mover-se, fincando-a nas pedras da calçada, ora para a direita, ora para a esquerda, exactamente como os barqueiros quando os botes dão em secco.

O archeiro-sisudo é o que serve por obrigação, sem enthusiasmo pelas armas; conscio porém de cumprir um dever sagrado, por haver alabarda em sua familia, desde tempos immemoriaes. E' ordinariamente magro e comprido, de perna esguia e semblante carregado. Vae no *omnibus* ou no vapor para Belem, d'onde segue a pé para a Ajuda. Quem lhe observar de perto a phisionomia melancolica, mesmo nos dias de maior regosijo, póde crer que algum acontecimento funesto o encaminha para a morada dos nossos reis. Se chovisca, não será raro encontral-o de chapeo de chuva; se as ruas estão molhadas, vel-o-hão de galochas de borra-cha.

O archeiro-liró esse é a nata da guarda real. Nedio, aprumado, risonho, é o orgulho dos paes, a gloria da esposa, e o enlevo da namorada. Espera-o á porta uma carruagem da companhia em dias de gala, e para sair da escada espera elle a hora do meio dia, para que as salvas do Castello de S. Jorge e dos navios de guerra surtos no Tejo, atroem os ares no momento em que ponha o pé no estribo, saudando grave nente os logistas mais proximos e dignando-se de levantar os olhos para a dama

que o admira da janella, cheia de amor e de jubilo.

Nas alas é vel-o mais firme do que os outros, e olhando para a multidão com a altivez de quem se considera actor e não comparsa na festa, pavoneando-se sobre a alcatifa, como quem faz sentir ser aquelle o logar destinado ás pessoas mais graduadas da republica.

O archeiro, assim como gosa o privilegio de ser dispensado de ler a folha official, soffre o precalço de não poder usar bigode.

O bigode que bastava d'antes para desacreditar o paisano que tivesse a imprudencia de o deixar crescer; que punha em sobresalto os paes e os sogros de ha quarenta annos, quando se ostentava impudico na cara do filho ou do genro; que era um principio de desgraças incalculaveis quando entrava sorrateiro em casa de uma familia socegada, foi-se emancipando pouco a pouco, conquistou o labio dos juizes e dos medicos, já penetrou no conselho de saude publica, e nos tribunaes de segunda instancia; dentro em pouco temol-o no supremo tribunal de justiça, na relação ecclesiastica talvez, no archeiro, isso nunca !

Os extremos tocam-se; não será pois difficil

encontrar pontos de contacto entre o archeiro e o gato pingado; porque estas duas entidades marcam os limites oppostos d'uma longa escala. Aquelle alegre e garrido, apparece quasi sempre ao estalar das girandolas e ao som dos hymnos festivaes; este surge ao dobre dos sinos, e aos roucos lamentos do *subvenite*. Ambos trazem casaca direita e chapeo armado, e a nenhum d'elles é licito o uso de bigode.

Se o gato pingado parece ter nascido em dia de finados, poderá dizer-se que o archeiro veio ao mundo em manhã de domingo gordo.

Não se pense todavia que eu desejo egualar a importancia d'esses dois personagens; digo só que a idéa de um anda associada à idéa do outro; o que me parece conveniente reduzir á seguinte proporção para ficar mais profundamente gravado na memoria de todos:

O archeiro está para o gato pingado, como Cesar está para João Fernandes.









---

FOLHETINS HUMORISTICOS

---





BARÃO DE ROUSSADO

---

# FOLHETINS HUMORISTICOS

---

N.º 5 — 13 de Março de 1892

José Possidonio

---

O Jornal das Damas

---

50 RÉIS

---

EDITOR  
CAETANO SIMÕES AFRA  
180 — Rua Aurea — 182  
LISBOA





## JOSÉ POSSIDONIO

### I

---

O sr. José Possidonio, que segundo me informam alcançou ser eleito deputado para a legislatura actual, esteve ha seis annos em Lisboa pela primeira e ultima vez, tendo-se demorado aqui cinco dias unicamente. Durante esse curto espaço de tempo, como andasse occupado em arrematar certos bens nacionaes, e em cuidar d'umas escripturas, só teve occasião de passeiar de tarde no passeio publico, tomar meia duzia de sorvetes no Martinho, contemplar a estatua de D. José, assistir a dois espectaculos do theatro de D. Maria II, e admirar o Museu Nacional. No fim dos cinco dias regressou á terra da sua naturalidade, e como alguns man-

cebos que voltam de Paris, levava para contar aos amigos aventuras em que elle entrára como actor principal, e que chegariam á farta para tres annos bem puxados.

Pelas impressões de viagem descriptas pelo sr. José Possidonio na botica da localidade, e nas casas de seus conhecimentos, não havia em Lisboa pessoa importante com quem o homem não tivesse fallado; todos lhe tinham aberto os braços, todos o tinham festejado. Aquillo fôra aqui um *Santatoninho onde te porei*, e quando ás historias não assistiam senhoras, era um gosto ouvil-o discorrer sobre casos de amor, capazes de constituir a gloria de qualquer conquistador.

E o que espantava o auditorio era ser o sr. José Possidonio d'uma configuração pouco apreciada pelo sexo encantador. O homem era baixo, gordo, e feio. A cara parecia um baixo relevo talhado á faca sobre a cabeça de um nabo.

A imaginação do boticario, desvairada pelos episodios d'aquelle Possidonio, esvoaçava de noite pelos salões de Lisboa que nunca tinha visto, e levava o pobre homem a dizer comsigo mesmo:

O melhor é vender as drogas e os frascos e

correr já para Lisboa, onde parece haver escassez de homens atrevidos, e serem procurados os das provincias, como os ovos molles d'Aveiro.

O sr. José Possidonio foi agora eleito por grande maioria, e logo uma familia aproveitou a occasião de visitar a capital em companhia de quem melhor do que ninguem lhe podia ser piloto n'estes mares de Lisboa, onde costumam naufragar os que o navegam pela primeira vez. A familia compunha-se de marido, mulher e filha de vinte annos. Arranjaram as malas sob as indicações do deputado eleito, foram na diligencia até a estação do caminho de ferro, e ao cabo de uma viagem de vinte horas entraram em Lisboa pelas sete horas e meia da tarde.

Ao passo que os passageiros corriam a tomar assento nas carruagens e nos *omnibus* que os esperavam, o sr. Possidonio dizia baixinho à familia que o seguia:

—Deixem lá ir essa gente que não sabe o que faz. Isto de seges e de *omnibus* é tudo um roubo; vamos a pé que é um passeio, a tarde está fresca e a mala não peza muito. D'aqui até os *Dois Irmãos Unidos* são quatro passadas.

E pozeram-se todos a caminho, cada um com a sua que não era pouco volumosa, sem exce-

pção de menina, que levava um chapéu de chuva na mão direita e um enorme sacco na esquerda.

Quando chegaram á Fundição o pae atreveu-se a dizer:

—Não seria melhor entregar toda esta bagagem a um moço de recados ?

—Para que ? — diz Possidonio, para ficarmos sem ella ? — Você pensa que isto aqui é o mesmo que lá a nossa aldeia ? A' roda de nós já andam mais ladrões do que moscas. Veja se ainda traz o relógio na algibeira.

—Credo ! Cá está ainda.

—Pois não o perca d'olho.

A menina apontando para o edificio do Arsenal do Exercito pergunta:

—O que é isto aqui ?

O piloto respondeu immediatamente.

- E' o hospital de S. José.

Andaram, andaram, andaram, seguiram pela rua dos Capelistas fóra, atravessaram o largo do Pelourinho, chegaram ao caes do Sodré, depois ao largo de S. Paulo, e o deputado já começava a perder as esperanças de encontrar o Rocio.

—Lisboa tem levado tanta volta — dizia elle consigo — o que fariam ao Rocio ?

O velho declara que não pode dar um passo, a senhora encosta-se a um frade de pedra, a menina senta-se no degrau d'uma escada.

—O que é isso?—diz Possidonio — que vergonha! reparem que estamos em Lisboa.

O cansaço da familia permite que o piloto se saia limpamente d'esta situação. Chama um trem de duas pessoas, entram os homens primeiro, as senhoras sentam-se-lhe nos joelhos, e Possidonio grita:

—Para o Rocio, *Dois Irmãos Unidos*.

No dia immediato Possidonio levanta-se de madrugada e chama da janella o primeiro aguadeiro que passa para se informar do caminho que conduz ás cortes, ao Campo de Sant'Anna, ao Passeio da Estrella, em ordem a habilitar-se para dirigir a familia durante o dia sem se ariscar a perder a confiança, como estivera para lhe acontecer na vespera.

Depois do almoço o sr. José Possidonio convida os seus companheiros a sair, promettendo levá-los primeiro ás côrtes, depois ao passeio da Estrella.

—Ainda lá está o Leão? Perguntou a menina.

—Pois não ha de estar!

Desceu a escada, e na cabeça do piloto prin-



ciplom a confundirem-se as indicações collidas de madrugada. —Animo!

Nos grandes lances é que se conhecem os grandes homens! —Possidonio toma pela rua das Gallinheiras na direcção de S. Domingos, segue pelas Portas de Santo Antão, rua de S. José, chafariz de Andaluz, e ao subir a calçada dos Carros, disse para os que o seguiam, de bocca aberta, e faces vermelhas.

—Agora estamos perto, esta é a calçada da Estrella.

Sobe, e respira de alegria logo que avista o edificio do Matadouro.

—Ali está —exclamou elle.

—Ali está onde se fabricam as nossas leis.

—Bom edificio! Exclamam os companheiros.

Dirigem-se a porta principal, e Possidonio adiantando se alguns passos, perguntou:

—Póde-se entrar?

—Por enquanto não senhor.

Mas é que o senhor talvez não saiba que vou ser cá de casa.

—Cá de casa!?

—Sim, creio que não me regeitarão.

O porteiro abre os olhos verdadeiramente es-

pantado do que acabava de ouvir, Possidonio continua:

—Já foram regeitados muitos ?

—Só hoje quatro.

O piloto volta-se para os companheiros que o cercam e diz-lhes baixinho:

—Não ouvem ? Só hoje quatro eleições reprovadas.

E dirigindo-se novamente ao porteiro:

—Com que então já hoje houve muito que fazer ?

—Cento e tantas abatidas.

Possidonio voltando-se para a familia.

Que tal ! Ainda não são bem onze horas, e já cento e tantas propostas debatidas.

Para o porteiro:

—Mas não se poderá vêr a sala ?

—Está-se fazendo a limpeza.

N'esta occasião saem duas vitellas regeitadas ; o piloto trata de affastar a familia sob o pretexto de se entender particularmente com o porteiro, e diz ao ouvido d'este.

—Então isto o que é ?

—O matadouro.

Onde fica o Passeio da Estrella ?

—Fica d'aquelle lado da cidade.

Possidonio leva a familia pelo mesmo caminho. Quando chegam ao Rocio vão todos a as-soprar com calor: o velho de chapéu na mão, e um lenço encarnado sobre a careca; a meni-na de chaile caído; a senhora com um lenço branco á roda do pescoço contra o perigo das brizas.

Sobem ao Chiado, rua larga de S. Roque, entram na alameda de S. Pedro d'Alcantara.

—Aqui está o Passeio da Estrella.

—E' este?

—Este mesmo.

—E o leão?

Descem; procuram, Possidonio pergunta a um alferes, que toma o fresco:

—Sabe-me dizer onde se pôde vêr o leão?

—O leão está almoçando, não se pôde vêr agora. Mas podem vêr os ursos?

—Tambem ha ursos?

—Sim, senhor.

—Tem a bondade, diz nos como se podem vêr?

—São quatro.

—Quatro!

—Sim eu vejo quatro; mas cada um dos se-nhores não vê mais do que tres.

E retirã-se o alferes, e a menina observa:

—Este homem parece que esteve a caçoar connosco.

E' modo d'elle, —responde o deputado.—E' que a menina não o conhece. Não lhe disse o meu nome para não estar com massadas.

Mal regressam a casa, desapertam-se todos e estendem-se sobre as camas. O piloto passa a mão pela testa e conhece que lhe vae faltando a coragem.

A' noite ha espectaculo no theatro do Gymnasio. Representa-se a *Viagem á China*, não é possível faltar; manda-se alugar um camarote de primeira ordem, e Possidonio é consultado ácerca das *toilettes* das senhoras.

—Que lhe parece; vão estes vestidos de seda? O senhor é que sabe o que se costuma levar ao theatro.

—Não trouxeram outros decotados, e de manga curta?

—Trouwemos, de cassa de lã cõr de cereja.

—Magnifico! Esses é que são os proprios.

—Na cintura usa-se alguma coisa?

—Na cintura o que vae bem sobre um vestido cõr de cereja é uma larga fita branca com um grande laço adiante.

— Bom; e na cabeça ?

— Na cabeça quantas mais flores, e quantas mais fitas melhor.

— Fitas em laçarotes ?

Sim, em laçarotes de varias côres, fazendo uma especie de turbante, e em cima do turbante as flores.

As senhoras seguiram á risca as indicações do conselheiro, e entraram no camarote do Gymnasio como dois cargos, representando a cara o papel de pão de ló.

Momentos depois eram todos os binoculos assestados n'ellas.

— O que é isto, diz a menina, estão todos a olhar para cá.

— E' porque me conhecem—responde José Possidonio—E' porque me conhecem, e ha perto de seis annos que não me viam. Vamos a cumprimental-os, não ha remedio.

E principiam os quatro a abaixar a cabeça para todos os lados da sala; muitos dos espectadores tiram os chapéus correspondendo aos cumprimentos; depois é toda a gente a rir-se e a cumprimental-os, e o provinciano a dizer no camarote:

— Olhem como todos me conhecem.

A' saída tiveram alas desde o camarote até a porta da rua. Não perderei de vista este novo Possidonio durante a sua estada em Lisboa.







## JOSÉ POSSIDONIO

### II

---

Ainda hoje não posso acompanhar este meu heroe pelo caminho politico a que mil eleitores o destinaram. Seguil-o-hei no seu transito ordinario, extra-camaras, para que fique bem fixada a sua photographia sobre o vidro do folhetim.

Quando saiu do theatro do Gymnasio, sentindo estalarem-lhe nos ouvidos as risadas dos que lhe fizeram alas desde o camarote até á porta da rua, conheceu que era mais difficil do que pensára, fingir-se conhecedor dos costumes de Lisboa um homem que não estivera aqui mais de cinco dias.

— Mas de que se riria aquella gente? Perguntava Possidonio a si mesmo. Eu venho bem vestido, não trago luvas, é verdade, será por



não trazer luvas? Quem sabe? esta gente é tão frívola. A não ser por isso não sei porque seja. Eu trago camisa de folhos, a ellas não faltam fitas nem flores na cabeça...

O velho, pae da menina, quando se achou no Chiado, enfiou o braço no de Possidonio e disse-lhe baixinho:

— O que queria aquillo dizer?

— Aquillo quê?

— Aquella gente á roda de nós a rir e a fallar em ursos.

— Ora! Não queria dizer nada.

— Mas é que já o homem lá no jardim fallou em ursos.

— E' uma palavra como outra qualquer.

— O' amigo Possidonio, andaremos nós aqui a fazer d'ursos?

— Em quê? Fazemos o que os mais fazem, vestimos como os outros vestem.

— Isso vejo eu.

— Dar-se-ha o caso que as senhoras não trouxessem luvas?

— Agora não trouxeram luvas! E bem bonitas que ellas são, de retrós còr de canario, todas arrendadas e com tres passarinhos nas costas de cada mão.

No dia immediato, quando Possidonio abriu os olhos á luz do dia, passou pela memoria as scenas da vespera, e conheceu que pesava sobre si uma grandissima responsabilidade.

Era preciso não perder a confiança da fami-

lia que o acompanhava. Se contásse lá na terra que elle tinha procurado o leão no passeio de S. Pedro de Alcantara, e tomado o matadouro pelo palacio das côrtes, como aturaria o boticario, com que cara se deveria apresentar aos patricios?

Era preciso ter toda a cautella para não perder o rumo. Almoçaram e saíram a passeio.

José Possidonio parecia recordar-se de todas as caras de homem que passavam junto de si. Fitava os olhos n'ellas como esperando vêr um signal de recordação; os transeuntes attrahidos pela insolencia do olhar, encaravam-n'o Possidonio sorria-se e levava a mão á aba do chapéu; os homens comprimentavam-n'o, e elle ia seguindo a encarar outros, e a sorrir-se e a tirar o chapéu.

Ao voltar da esquina do Rocio para a rua do Ouro, acha-se frente a frente com um cavalheiro que não esquecera nunca durante os cinco annos da sua ausencia, e abrindo-lhe os braços, grita:

— O men caro, senhor Cardoso!

O homem sente-se abraçado, levantado ao ar, sem se lembrar de ter visto uma vez sequer o personagem que lhe faz ranger as costellas, e com a voz entrecortada pelas sacudiduras que Possidonio lhe dá, pergunta:

— Mas a quem tenbo a honra de fallar?

— Não conhece o amigo outra pessoa.

O velho e as mulheres cercam o grupo, de

labios descerrados n'um sorriso alvar, e de olhos humecidos pela scena tocante a que estão assistindo.

— Mas eu não o conheço, nunca o vi mais gordo — Grita o pobre do Cardoso esforçando-se por se desenvencillar dos braços tempestuosos do seu desconhecido amigo.

— Então não se lembra d'aquelle sugeito que ia fazer a barba ao José Maria?

— Não me recordo.

— Está a brincar.

— Já disse que o não conheço.

— Aquelle homem que andava então de cara toda rapada... ha coisa de seis annos...

O homem percebeu que o mais rapido era conhecê-lo, abraçou-o exclamando.

— Agora me lembro! Ha seis annos! Cara rapada! onde está morando?

— Nos *dois irmãos unidos*.

— Amanhã lá vou, agora não me posso demorar, tenho muito que fazer; adeus, adeus, até amanhã.

O velho e a mulher limparam os olhos, enternecidos por verem o encontro de dois amigos que não se avistavam ha tanto tempo.

Entraram na loja do sr. Baron na rua do Ouro. José Possidonio chegou-se ao balcão e disse:

— Deixe-me ver luvas?

— Pretas ou de côr?

— Tem amarellas?

— Tenho. Recordá-se da letra?

— Da letra '.

— Sim ou N ou H ou P.

— Faz favor de se explicar melhor, não percebo bem.

— Sabe o numero de pontos das suas ultimas luvas?

— Ah! Ah! Ah! O senhor está a brincar commigo; olhe que eu não sou da parvalheira, conheço isto de Lisboa como os meus dedos.

— Não estou a brincar. O senhor deve ter comprado luvas n'alguna parte.

— Sem duvida.

— Então que pontos tinham?

— Ah! Ah! A! bem digo eu, está a brincar comigo. Então eu havia de descoser as luvas para lhe contar os pontos?

— Para quem são as luvas?

— Para este seu criado.

— Deixa-me tomar a medida da mão?

— Aqui a tem.

José Possidonio espalmou sobre o mostrador a mão enorme. O caixeiro levantou-a, mirou-a, toma-lhe o peso e diz:

— Para esta mão não ha luvas.

— Então n'esta casa só se trabalha para creanças?

— Perdão ha uma que talvez lhe sirva.

— Uma só!

— Sim senhor, aquella que está ali dependurada á porta.

— Aquella de latão?

— Aquella mesma: é a unica.

— Repare que está fallando com um homem serio.

— Sou incapaz de faltar ao respeito a v. ex.<sup>a</sup>

A excellencia foi um pucaro d'agua lançada na fervura que já lá ia por dentro do meu heroe. Retirou-se em paz e não se arriscou a ir estender a mão sobre outro mostrador de luvêiro.

Foram ao Terreiro do Paço debaixo de um sol ardentissimo. admiraram a estatua de D. José, conversaram com a sentinella que os informou assim:

— Isto foi feito pelo sr. marquez de Pombal, que Deus haja, depois da guerra contra os Filippes

— Quaes Filippes? perguntou José Possidonio.

— Tanto não sei eu: só sei que eram Filippes.

— Ouvi dizer que se podia lá ir acima.

— Por onde é que se sobe?

— Entra-se ali por baixo das pedras, e sobe-se por dentro de qualquer das pernas do cavallo.

— Já é!

— Cada uma d'aquellas perninhas é uma escada muito commoda.

— E parecem tão finas d'aqui.

— E' por causa da altura.

— E depois?

— Depois sobe-se por dentro de D. José e vae-se á cabeça.

— O interior do cavallo deve ser coisa grande.

— Já lá jantaram oitenta pessoas.

— Quem é que dá a licença?

— O sr. ministro do guerra.

Voltaram pela rua do Ouro abafados de calor e entraram na *Aurea Peninsular*. Possidonio pediu uma carapinhada e quatro colherinhas, e á roda da mesa pozeram-se os quatro a tomar do mesmo copo, trocando caretas entre si, assoprando as colherinhas antes de as metter na bocca, e provocando a hilariedade dos circumstantes.

Regressaram a casa, ao jantar Possidonio fallou em politica com vinte e cinco cavalheiros provincianos que se sentavam á roda da mesa.

Aquillo foi um desencadear de medidas financeiras, e theorias economicas, annunciando a posição que o homem se propunha occupar no andamento da coisa publica.

Discursava s. ex.<sup>a</sup> acerca das condições do ultimo emprestimo quando o creado lhe affereceu gelo artificial.

José Possidonio disse rapidamente com os seus botões:

— O que será isto? Toca a tiral-o para o prato para não dar parte de fraco

Com a tenaz tirou uma pedra que deitou no prato. O velho e as senhoras imitaram-n'o.

Possidonio tenta metter o garfo na pedrinha e cortal-a com a faca; os companheiros seguem-lhe os movimentos, e as pedrinhas começam a

resaltar primeiro dentro dos pratos e depois para os narizes das pessoas que ficam mais proximas.

Os circumstantes tentam abafar as gargalhadas mas não o conseguem.

Esta familia é como a aragem que não roça a superficie das aguas sem as encrespar. Aonde chega Possidonio e os seus companheiros apparecem labios a contrair-se em sorrisos de zomberia, ou boccas grosseiramente abertas pela gargalhada.

José Possidonio fez-se vermelho como um pimentão, mas desejando antes passar por excentrico do que por labrego chapado grita ao creado.

— Antonio, dá-me o galheteiro E' costume que me ficou de creança não poder levar isto assim.

O creado chegou-lhe o galheteiro e Possidonio deita um fio de azeite sobre a pedra do gelo.

N'essa occasião repara que os demais deitaram as pedrinhas nos copos da agua e o meu heroe completamente desorientado deita a pedra no seu copo. O gelo ficou boiando e a materia oleosa alastrou-se por toda a superficie da agua.

Um rapaz que lhe ficava *vis-a-vis* disse:

— E' pôr-lhe uma torcida e temos uma lamparina.

Possidonio não arriscou nem mais uma palavra a respeito da salvação publica.



A' noite foi ao Passeio onde andou de cartuxo na mão offerecendo bolos ás senboras que lhe ficavam proximas, e no dia immediato resolveu levar os companheiros a uma das photographias mais acreditadas de Lisboa. Ahi os acompanharemos tambem eu e os meus estimaveis leitores.







## O JORNAL DAS DAMAS

---

Ha dois descobrimentos que muito contribuíram para a felicidade das familias, para o sossego dos maridos e consequentemente para a multiplicação dos casamentos n'uma época toda de leviandades, e de paixões transitorias em que os homens como os conspiradores de épocas apertadas andam a segredar uns aos outros:

—Antes que te cazes olha o que fazes.

—Quem vê as barbas do visinho a arder deita as suas de molho.

Estas maximas bebidas nas fontes cristalinas do *Manual Encyclopedico* e do *Methodo Facillimo* do sr. Monteverde, que são a leitura mais gostada e mais comum dos nossos tempos, teriam desacreditado os laços matrimoniaes, e cavado bem fundo a ruina da sociedade, porque:

—quem casa não pensa e quem pensa não casa;

se os dois descobrimentos não tivessem o condão de levar o valor e a confiança ao ani-

mo dos que se sentem com vocação para maridos.

Estes dois descobrimentos são entre nós: os phosphoros e o *Jornal das Damas*.

A resultante d'estes dois achados foi o *Fiat lux* que soou no lar domestico rasgando as trevas do casal e inundando de luz a saleta, a cosinha, a casa de fóra, os recantos mais obscuros e misteriosos do domicilio.

Desde esse dia memorando a familia deixou de andar ás apalpadellas em procura dos molles e da caixa da isca. O marido respirou, o marido que até ali fóra escravo do molde e do fusil preguiçoso.

A emancipação do molde e o desaparecimento da pederneira são dois factos que a historia ha-de perpetuar entre as suas paginas mais brillhantes, como perpetua a invenção da imprensa e do xarope de *James*, atirando para os paradoiros da immortalidade os nomes gloriosos de Guttemberg e do sr. Franco de Belem.

Oh! Phosphoro! Phosphoro! Como é luminosa a tua passagem sobre a terra! Quando entre nós surgiste á voz prophetica de José Osti, mal previamos nós qual havia de ser o teu glorioso destino entre os homens que te receberam com a desconfiança no espirito e o sorriso desdenhoso nos labios!

Não se perdem ainda na noite dos tempos as scenas tenebrosas que se passavam no inte-

rior das familias antes da importação civilisadora do fosforo.

Se estavamos na estação calmosa; se o sol de julho abafando a população conservava a isca n'aquelle estado de seccura que era o enlevo de criadas e amas, então o aproximar-se a noite não affligia o espirito de quem tinha de fabricar a luz sobre a pedra da chamiuê. Quem precisava de lume ás oito horas bastava que pegasse na pederneira e no fusil ás sete e meia. Dentro de trinta minutos com paciencia e geito podiam contar que não estaria ás escuras a habitação.

Se a pedra era invernosa; se o capuz cobria a cabeça do frade de papelão, e o padre Vicente Ferreira nos aconselhava que não sahissemos sem chapen de chuva, então o bater das *Ave Marias*, era para as familias como uma ameaça terrivel, como a sineta da Misericordia para o ouvido dos condemnados. A creada principiava logo a fabricação da luz, e a senhora dizia lhe:

—Deixaste apagar o lume, estamos arranjadas.

E o manto da noite ia envolvendo a cidade, e a familia ouvia da casa de fóra os gemidos da pederneira e as exclamações da creada:

*Que á isca dizia assim:*

T'arrenego! Parece que estiveste de mólho, maldita!

N'isto batia á porta o aguadeiro que se apre-

sentava para as compras da noite, e a creada dizia com voz angustiada:

— Espere ahi, freguez, que este demonio está hoje como nunca.

O aguadeiro conhecia logo que a coisa estava para demora, sentava-se na escada e pegava no somno.

E o manto da noite confundia todas as côres, e a senhora perguntava:

— Ainda não pegou?

— Não, minha senhora.

E o aguadeiro acordava depois de uma hora, esfregava os olhos, e da escada perguntava:

— Ainda não pegou?

— Não.

A senhora ia á cosinha; as meninas e os pequenos acompanhavam-n'a. Principiava uma lucta desesperada e fatigante, cada um *petiscava* por sua vez até que na isca apparecia um ponto luminoso, que era como um copo d'agua no deserto; como um raio de esperança no meio da tormenta. A familia inteira começava a assoprar, com as mãos nas ilhargas e o pescoço estendido para a isca, que se inflammava dez minutos depois. A' palavra *mecha* tapavam todos o nariz; surgia a luz azulada do enxofre; o relógio fazia ouvir nove horas; o aguadeiro dormia na escada o segando somno.

A's vezes, quando o marido fugindo ao frio e á chuva batia apressadamente á porta da rua, ouvia dez vezes, de cima:

— Ah! vae.

Outras vezes, alta noite, se um ruido estranho o ia sobresaltar na cama, ao mesmo tempo que a luz espirrava para se afogar na agua da lamparina, erguia-se, ia pé ante pé á caixa da isca, e só abandonava a empreza quando a luz da aurora vinha dispensar-lhe a intervenção da mecha.

E quantas vezes os ciumes multiplicados pela escuridão e pela impertinencia da tarefa, não iam attribular o espirito do esposo junto á pedra da chaminé?

— O que seria aquelle ruido que me acordon?

E haviam homens que tinham valor para o matrimonio antes da invenção dos phophoros e do *Jornal das Damas*!

Os maridos vergavam tambem debaixo da tyrannia do molde. Não havia ordens terminantes, não havia disciplina rigorosa que impedisse a esposa e as meninas de travar relações clandestinas com as vizinhas mais elegantes, desvairadas pelas flôres d'um chapen ou pelo corte mais ou menos caprichoso d'um par de mangas.

Em casa do cidadão descuidado passavam-se mysterios que elle só chegava a surprehender, quando uma filha se perdia d'amores pelo mano da vizinha, o qual costumava acompanhar os moldes, para os animar com o coletido da descripção; ou quando as abstrações da esposa denunciavam por fim a influencia criminosa do explicador dos moldes.

Não era raro entrar um homem em sua casa antes da hora habitual e achar á roda da meza do jantar duas meninas da vizinhança, recortando papel sobre um corpete desconhecido; e um sujeito de bigodes longos, que não era visita da casa, engrandecendo em estylo florido as novidades do ultimo figurino.

O dono da casa tinha de os cumprimentar a todos, a esposa mostrava um sorriso contrafeito, e as meninas, enlevadas no córte airoso do vestido, pediam a benção do papá, sem levantarem as mãos da tarefa.

D'aqui quantos desgostos intimos; quantos casamentos desgraçados; quantas consortes votadas ao ostracismo no recolhimento de S. Christovão!!!

A's vezes o marido alcançava com muito custo um jornal estrangeiro, raro em Lisboa, no qual vinha artigo que o interessava. Depois do jantar desdobrava o papel para diliciar-se com a leitura. E dizia comsigo:

— Que boa doutrina! Hei de guardar-te bem guardado, porque com este artigo posso fazer um bella figura nas assembléas no monte-pio.

Ao mesmo tempo a esposa, namorando o periodico, dizia com os seus alfinetes:

— Já não te perco de vista; estás mesmo na conta para o molde do casaco de veludo.

No dia seguinte o jornal era barbaramente retalhado, e o marido passava por tolo no Montepio.

O figurino e o molde deixaram de ser monopólio das meninas que saibam francez ; o *Jornal das Damas* acabou com a intervenção perigosa das visinhas, dos manos das visinhanças, e dos primos correlativos.



---

FOLHETINS HUMORISTICOS

---





BARÃO DE ROUSSADO

---

# FOLHETINS HUMORISTICOS

---

N.º 6 — 20 de Março de 1892

<p>Sem Nome — Elles e Ellas — As Nervosas</p>
---

---

50 RÉIS

---

EDITOR  
CAETANO SIMÕES AFRA  
180 — Rua Aurea — 182  
LISBOA





## SEM NOME

---

Feliciano José Camello veio ao mundo para ter a sua individualidade e o seu nome encobertos por outra individualidade e outro nome. Creatura fatalmente anonyma, como os collabores adventicios dos jornaes, e que ora são: *o inimigo dos comilões — ora o amigo da verdade — hoje o vigia da Moita — amanhã o pé fresco de Setubal.*

Feliciano era corcunda de nascença, e como sua mãe, D. Engracia da Encarnação Camello, administradora de dois vinculos, não acreditasse nos milagres dos orthopedistas aos quaes se oppunha o rifão: *quem torto nasce tarde ou nunca se endireita*, resolveu deixar o pequeno com o aleijão que Deus lhe dera, para respeitar os decretos da Providencia, e até porque sempre ouvira dizer que os morgados eram to-

los e os corcundas finos como o coral; e sendo Feliciano morgado e corcunda, nutria a esperança de que elle fosse apenas meio tolo.

D. Engracia tinha medo de que endireitando a espinha dorsal ao pequeno, lhe fosse entortar a propensão que notavelmente revelava para os estudos, visto que aos treze annos já tinha dado conta de todos os preparatorios que o habilitaram para entrar na Universidade e seguir o curso de direito.

As familias do seu conhecimento tratavam-n'o umas pelo *morgadito*, e outras pelo *pequeno da D. Engracia*.

Apenas completou a idade de quatorze annos foi para Coimbra especialmente recommendado ao veterano mais respeitavel da universidade, um quartanista de direito, por alcunha — *O brigadas*, posto que tinha servido muito briosamente no batalhão academico.

A protecção do veterano collocon o estudantesinho ao abrigo das perseguições, a que o deviam sujeitar as suas qualidades de caloiro e de corcunda. Ninguem bulia com elle á entrada das aulas, nem á tarde sobre a ponte. Por motivo d'esta immuniidade alcançou o nosso estudante ser conhecido por toda a acade-

mia, até ao fim do curso, pelo *Pagem do Brigadas*.

Defendidas as theses e tomado o gráo de bacharel formado, regressou Feliciano aos lares maternos, coroado dos loiros universitarios e com a vista pregada nos mais altos cargos da republica.

A esse tempo já D. Engracia da Encarnação Camello havia rendido seu coração de quarenta e cinco annos aos enlevos marciaes do general Valladares, que acabava de immortalisar o nome n'uma guerra longa e gloriosissima em paizes estrangeiros, entrando em Lisboa cheio de condecorações e de feridas venerandas.

Dentro de poucos dias o nosso joven doutor assistiu ás bodas de sua mãe, e d'ahi por deante ninguem o conhecia senão pelo *enteado do Valladares*.

Não são os corcundas refractarios á flamma do amôr; não é pois para estranhar que o enteado do Valladares se sentisse profundamente impressionado pelos olhos negros de uma menina notavel pelo seu talento e formosura, que era a princeza dos salões do seu tempo, os quaes abrilhantava sempre, cantando com voz magnifica, e executando no piano as composições mais difficultosas de Listz e Thalberg.

Os vinculos em que o enteado de Valladares devia succeder fizeram com que D. Amelia Bernoli esquecesse os seus mil adoradores, e deixasse de reparar nas costas do bacharel, a quem prometteu a mão d'esposa.

Em quanto viveu D. Engracia não ponde realisar-se a união, a respeito da qual principiaram a correr na sociedade os epigrammas mais pungentes e calumniosos; a morte porém da velha morgada veio pôr termo á anciedade do bacharel, que no goso pleno de todos os seus haveres, recebeu na igreja da Magdalena as benções que ligaram a sua sorte á da encantadora pianista.

Como passou perfumada e deliciosa aquella suspirada lua de mel!

O morgado, conscio das virtudes da esposa, não tentou afastal-a dos salões. Choviam-lhe em casa os convites para as *soirées*, e os noticiarios dos jornaes davam frequentemente conta da comparencia do bacharel e dos triumphos alcançados pela esposa; os convites porém diziam assim:

«Temos a honra de convidar a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Amelia Bernoli e seu esposo.»

Os noticiarios expressavam-se por este teor;

«Abrilhantaram a festa, além das senhoras já notadas, o sr. conde de tal... o sr. conselheiro fulano... e o *marido da gentil madame Bernoli.*»

Feliciano começava a incommodar-se com o esquecimento constante do seu nome, todavia a felicidade com que a esposa lhe doirava a existencia compensava-lhe muito agradavelmente o desgosto causado por esse esquecimento; e, diga-se a verdade, o bacharel chegava às vezes a sentir-se orgulhoso com ser só conhecido pelo satellite d'aquella estrella, cuja luz era adorada na mais elevada sociedade.

Ao cabo de dez mezes de alegrias aprouve á Providencia ferir o bacharel com o golpe mais profundo que pode varar o coração de um esposo. No mesmo dia em que beijou pela primeira vez a bocca que mais tarde havia de chamar-lhe pae, beijou as faces lividas de um cadaver que o fez viuvo.

O morgado encerrou-se em uma pequena quinta que possuia em Campolide, e ali permaneceu por muitos mezes, passeando às tardes pela estrada, só, com a sua dôr, e comprimentando apenas os habitantes do logar, que o saudavam com profunda veneração.



Passados muitos mezes houve eleições supplementares para deputados, e o desditoso bacharel recebeu pelo correio uma carta de um seu antigo collega e amigo pedindo-lhe com a maior insistencia que fosse votar no candidato da opposição.

Ficou sinceramente lisongeadado quando viu o seu nome por extenso no sobrescripto d'uma carta, e resolveu satisfazer o pedido.

Ia a entrar na igreja no dia da eleição e achava-se ainda encoberto pelo reposteiro da sacristia, quando na meza se acabava de fazer a segunda chamada com este nome:

— Bacharel Feliciano José Camello.

Ninguém respondeu.

Um dos eleitores disse:

— Esse é nome que não ha cá na freguezia, a modo que me cheira a giria eleitoral.

Muitas vozes — appoiado! appoiado!

Outro elector consciencioso gritou:

— Falta o *corcunda de Campolide*!

— E' verdade! é verdade! Falta o corcunda de Campolide! Disseram muitos eleitores.

O presidente da meza observou que estava concluida a segunda chamada, e que não podia esperar mais tempo.

O morgado, que não sahira detraz do repositiro, foi encerrar-se em casa, e o governo ganhou a eleição por um voto !

Correram os annos. Feliciano deu uma educação esmerada ao filho que era o continuador dos talentos de sua desditosa mãe ; mandou-o para Coimbra, e foi viver para a Porcalhota, só, com as saudades d'aquella que lhe estendera na alma uma nuvem de tristeza que o tempo não poudé rasgar.

A unica distracção do bacharel era passear quasi todos os dias de tarde até ao Ramalhão, montado n'um soberbo cavallo, prenda de um dos seus mais abastados rendeiros.

Uma tarde espantou-se o cavallo, sacudindo o cavalleiro que ficou gravemente ferido, e pizando desastradamente uma pobre leiteira que foi d'ali para o hospital, e expirou no caminho.

Ficou de cama o bacharel e no *Jornal do Commercio* de que era assignante leu dois dias depois uma noticia que começava assim :

«*Desgraça.* Antes de hontem pelas cinco horas da tarde deu-se para os lados da Porcalhota um acontecimento bem desgraçado. Ia a cavallo um individuo conhecido n'aquelles sitios pelo *homem do cavallo malhado* . . . »

O infeliz morgado atirou o jornal para longe e sentiu augmentar-se-lhe a febre.

A esse tempo já o futuro bacharel Camello Junior assombrava a academia da universidade com os prodigios do seu talento, alcançando sempre os primeiros premios, e ensaiando-se admiravelmente como jornalista nos periodicos da terra.

Em um d'elles, que o concunha recebeu na sua casa da Porcalhota, estando convalescente ainda, vinha publicada uma lista dos subscritores para soccorrer um estudante pobre, na qual lista figurava este :

O pae do sr. Camello Junior. . . . 4\$800

O filho da infeliz Amelia Bernoli concluiu muito brillantemente a sua formatura, e apenas deixou os bancos da universidade encetou a vida publica occupando uma cadeira em S. Bento, e dando inequivocas demonstrações do seu talento que promettia abrir-lhe um largo futuro.

O pae temeu então que a sua individualidade fosse absorvida pela do filho e retirou-se para Sevilha.

Ao chegar ali o morgado respirou livremente e não poudo deixar de exclamar comsigo mesmo:

—Ai! ao menos aqui serei conhecido por mim proprio!

Entrou no hotel mais luxuoso, e quando o proprietario lhe pediu o nome para o inscrever no mappa dos hospedes, respondeu com voz atroadora:

—Feliciano José Camello, bacharel formado em Direito pela universidade de Coimbra.

—Como?! diz o dono do hotel, devorando com os olhos a physionomia do recémchegado.

—Feliciano José Camello, diz o nosso morgado dando um forte murro na meza do jantar.

—Lá me queria a mim parecer! exclama o proprietario; ó meu caro primo! Dá cá esse abraço! Como estás mudado! Senão dizes o nome não te conhecia!

Eram effectivamente primos.

O proprietario conduziu o seu novo hospede para o melhor quarto do hotel, recommendou-o a todos os creados, e apresentou-o aos hospedes mais antigos da casa.

Feliciano apenas se viu livre dos transportes do seu parente estendeu-se em cima da

cama e ordenou que lhe preparassem um banho.

Meia hora depois ouviam-se no corredor umas palavras que chegaram aos ouvidos do morgado como um grito de maldição.

Essas palavras eram:

—Antonio, está prompto o banho para o *primo do sr. Baptista*?

E d'ahi por deante dizia-se:

—Vae chamar para o almoço o *primo do sr. Baptista*.

E quando algum hospede novo perguntava quem era aquelle corcunda, os creados respondiam:

—E' o primo do patrão.

Não conseguindo, nem fôra da patria, ser conhecido pelo seu nome, e ardendo em desejos de abraçar o filho que tinha chegado a ser o chefe da opposição no parlamento, regressou a Lisboa e foi morar para a sua antiga casa; aquella casa cheia de recordações, onde passara os unicos dias felizes da sua vida em companhia da esposa, que a morte tão cedo arrebatara aos seus carinhos.

Ninguém entrára n'essa casa desde o dia em que o bacharel enviuvára. Ao entrar ali depois

de tantos annos Feliciano ajoelhou ao pé da cama onde Amelia soltára o derradeiro suspiro, beijou o bordado que ella deixára em meio, e foi abrir as gavetas da secretariasinha de charão, em que a desditosa senhora guardava os seus papeis particulares.

O morgado ajoelhou, beijou a chavesinha de prata, verteu seis lagrimas intermeadas por dois soluços e abriu a primeira gaveta com o respeito com que se abre um cofre sagrado.

Que perfume delicioso rescendia de um masso de cartas em que o viuvo pegou ! Abriu uma d'ellas e ainda de joelhos leu o seguinte:

«Minha querida Amelia. Se não podes fallar-me por causa d'esse corcunda, que te anda envergonhando por toda a parte, como dizes, e eu acredito, porque não foges comigo ? Amas-me, e receias dar este passo ! Amas-me e não queres libertar-te d'esse jugo hediondo ! Ai ! Amelia, que não te comprehendo !

O morgado levantou-se com a razão perdida, e depois de ter queimado o masso das cartas pegou n'um reвольver e disparou-o na bocca.

Ao estampido da arma accudiu a vizinhança,

a mesma visinhança que o não vira desde que Amelia dera a alma ao Creador.

O bacharel nas agonias extremas ainda ouviu dizer:

—Coitado ! E' o viuvo da Bernoli !

O ministerio tinha cahido na vespera e a opposição subira ao poder.

Os jornaes noticiaram aquelle acontecimento fatal com as seguintes palavras:

«Hontem suicidou-se na sua casa das Janelas Verdes o pae do sr. ministro do Reino. O desgraçado havia muito tempo que mostrava ir perdendo a razão por causa da morte da sua virtuosa esposa a sr.<sup>a</sup> D. Amelia Bernoli, cujo nome ainda se repete com saudade e veneração.

O infeliz suicida era enteado do celebre general Valladares.»

E nem depois de morto escreveram o seu nome !







## ELLES E ELLAS

---

Escrevo este titulo á falta d'outro melhor.

O assumpto do presente folhetim foi-me inspirado por uma eterna verdade que eu já annunciei ha tempos, e que formulo agora nos termos seguintes:

«Pelos maridos se conhecem as mulheres, assim como pelos domingos se tiram os dias santos.»

Mas o feitio, o trajo, e a profissão do marido enganam o observador mais prespicaz. Não é menos verdadeira a seguinte maxima que eu tenho o orgulho de offerecer hoje á humanidade:

«Debaixo de ruim capa se encontra um bom marido.»

Ha Otellos por ali que saem á rua parodiando a timidez e a elegancia do principe Cornelio Gil, de bigodinhos ligeiramente retorcidos,



camelia ao peito, um palito por bengala, e no pescoço um fio de retroz no lugar da gravata.

Ha perolas escondidas n'esses segundos andares da baixa, que chegam a amedrontar os pequenos da vizinhança; maridos de costas largas e aspecto carrancudo que passam os dias aos pés de quem os prende na gaiola conjugal; verdadeiras pombas de voz grossa e de barbas até á cintura, Samsões para o publico, Romeus em suas casas.

O que os olhos não descobrem podem os ouvidos alcançar. Falem e nós os conheceremos.

Pela bocca morre o peixe, pela palavra se descobre o marido.

Pedindo licença ao meu particular amigo Duarte de Sá, atrevo-me a perguntar-lhe:

—Que differença ha entre o marido e a melancia ?

E responderei:

—O marido descobre-se *fallando* e a melancia *calando-se*.

Basta sugerir á analyse do folhetim os modos differentes porque elles as designam na ausencia para que o leitor se compenetre da verdade dos meus principios.

O prototypo dos maridos, o que, referindo-

se a *ella*, deseja nomeal-a sómente como a creatura a quem se ligára pelos laços indessolúveis, diz simplesmente:

—Minha mulher.

Palavras que tanto podem significar um anjo como um demonio, tanto uma cruz como uma felicidade.

Este homem discreto intende que o matrimonio não é espectáculo para os indifferentes e por isso falla em publico da mulher como se fallasse da mãe ou da irmã.

Já o mesmo não acontece áquelle, por cuja delicadeza ninguem dá, senão quando o ouvimos fallar *d'ella*. Esse ordinariamente ignora os preceitos mais rudimentares da cortezia, vae para a meza em mangas de camisa, e só calça luvas quando tem de a acompanhar, mas na ausencia, querendo dar uma ideia do ceremonial da sua vida intima, diz:

—A minha senhora.

Este mesmo homem referindo-se aos nossos parentes exprime-se assim:

—O senhor seu pae, a senhora sua mana.

O leitor conhece forçosamente uma casta de maridos com pretensões a bem fallantes; destiladores de adjectivos e adverbios; pessoas que

fallam na corolla das flores e na suavidade dos zefiros; que acham bonito chamar ao vento boreas, e á borboleta mariposa. Pois esses quando fallam da mulher revelam na doçura d'uma palavra todos os perfumes que a rodeiam, todas as venturas que d'ella emanam, dizendo:

—A minha esposa.

Não será para admirar que esse mortal feliz, achando limitado de mais o recinto domestico para theatro de todas as suas alegrias, se encoste de tarde á janella, á vista dos visinhos, ao lado da esposa, brincando-lhe com os cabellos, furtando-lhe os ganchos e apertando-lhe a ponta do nariz, pensando que, quando uma pessoa se casa é para regosijo de todo o arrua-mento.

Um empregado das repartições extinctas, victimia silenciosa das reformas e das economias, homem que viveu out'ora folgadamente com a mensalidade de quarenta mil réis, e hoje se acha reduzido á innocencia de um titulo de renda vitalicia que lhe vae extinguindo a vitalidade, esse referindo-se áquella que desceu do vestido de lã para o vestido de chita, e subiu do primeiro andar para as aguas-furtadas, diz:

—A minha companheira.

N'essas palavras vae um protesto de gratidão á heroicidade com que ella o tem acompanhado sempre nas alegrias e nas constipações, desde a lua de mel até á melancolia do titulo da renda vitalica.

Official reformado, ou então homem de vida aventureira que foi cabo de linha, sargento dos nacionaes, e procurador de freiras, diz:

—A minha serva de Deus.

Isto traduzido significa:

—Tenho sido um maganão, e aquella pobre mulher é uma santa que vae direitinha para o céu.

Ha maridos que parecem trazer constantemente no espirito a historia dos primeiros noivos que povoaram a terra. Avaliando os perigos do casamento e o peso do trabalho, que recorda a leviandade da primeira mulher falla assim d'aquella que lhe completa á existencia:

—A minha Eva.

O que equivale a dizer:

—Nunca me esqueço de que tenho em casa uma Eva, e é exactamente por isso que tenho medo das maçãs.

Ordinariamente os que teem mulher bonita e nova são os que dizem:

—A minha velha.

Dedicam-lhe todos os pensamentos e todas as horas livres; preferem a companhia d'ella a quaesquer prazeres com que os tentem seduzir, e se os convidam para jantar respondem:

—Não possô, a minha velha espera-me.

Todos nós conhecemos uns maridos que não offerecem nenhum signal exterior de que o sejam. Recommendam-se pelas seguintes virtudes matrimoniaes:

1.º Nunca saem com a mulher.

2.º Vão esperar os toiros todos os sabbados.

3.º Passam as noites nos cafés ou nas casas de jogo até de madrugada.

4.º E recolhendo-se sempre de madrugada dá-se o phenomeno singularissimo de entrarem em casa, ordinariamente entre as dez e as onze.

Durante o tempo que se demoram cá por fora, só se conhece que não são solteiros, se fallando da que os espera toda a noite, dizem:

—Lá a patroa.

E' como se fallassem da dona do hotel, ou da creatura que está ao leme da falua domestica.

Oigamos agora o moral feliz que estendeu os

pulsos á dulçura dos laços matrimoniaes n'uma idade em que já podia ter em Coimbra os herdeiros do seu nome; o que tendo passado a maior parte da vida fóra da convivencia do sexo encantador, e se acha renpentinamente na posse de uma creatura formosa que lhe falla uma linguagem extranha para elle homem de negocio e da prosa chata, sente-se como elevado a um mundo desconhecido, e quando está fóra de casa só o atormenta a ideia de que alguém o tome por homem solteiro.

Entra por exemplo n'um ourives; pede anneis: dão-lhe uma caixa d'elles apropriados aos dedos de quem os vae escolher, e o homem, espalhando um sorriso pelos circumstantes diz:

—Não é para mim, é para a *madama*.

E' a expressão mais poetica que póde sair d'aquelles labios e significa:

—Apezar do meu feitio, não me tenham por homem alheio ás venturas do coração.

Madama quer dizer:

—Aquella que lá está em casa, cercada de felicidades, a quem não falta nada; que tem boas joias, boas sedas para se cobrir e bons pratos de meio pera se regalar.

Em geral, marido que tem madama não dei

xa de matar peru pelo Natal, nem cabrito pela Paschoa, nem porco pelo entrudo.

Casos ha em que o marido da madama, depois do peru, do cabrito e do porco leva para casa o titulo de barão.

D'ahi por diante é perguntar-lhe pela saude da mulher, se quorem que elle acuda logo:

—A baroneza tem passado um pouca incommodada.

—Mas naturalmente não é coisa de cuidado.

—Eu sei ! A baroneza é tão fraca. Depois o medico disse á baroneza—senhora baroneza, tome cuidado em si—E desde esse momento eu é que fiquei com todo o cuidado na baroneza.

Na récua dos barões, um mais novato  
Galucho entre os fidalgos de Lisboa,  
Voltando as costas ao plebeu Lebato.  
Em vez de baroneza diz—barôa.







## AS NERVOSAS

---

Tem-se dito muitas vezes que as senhoras elegantes são escravas da moda, e só pela minha parte, desde que ponho a pena em papel, com o fito da publicidade e na gloria que o meu nome ha de alcançar nos seculos futuros, já tenho repetido algumas vezes aquella preposição que o proprio sexo encantador accêita como axiomática.

O figurino é o dictador universal. A tyrannia das suas leis é indispensavel e eterna. Triumpha sempre da arte e das fôrmas que a natureza deu aos corpos humanos. Hoje põe a cintura nos quadris para eleval-a amanhã até o meio das costas. Ora abriga as fronte encantadoras debaixo d'um alpendre de cartão estampado, ora permite que um marido possa trazer na algibeira do collete o relógio, a caixa



de fosforos e o gracioso chapelinho da senhora.

Os dominios do figurino porém são mais largos. Passa do chapéu para a cor dos cabellos, dos cabellos para as enfermidades, e das enfermidades para os temperamentos.

Uma senhora notavel nos fastos da *coquetterie*, que tenha desvairado mil cabeças e ateiado em mil corações a chamma do amor; cuja appareição produza sempre nos salões mais esplendidos as invejas e os alvoroços, e seja commemorada nas chronicas dos jornaes, não pôde realmente soffrer de rheumatismo ou de dores sciaticas. Os romances da moda prescrevem as doenças que devem affligir as senhoras elegantes.

Cair de cama sem tossir como as modernas martyres da valsa e do amor; ter á cabeceira agua de Seidlitz, em vez de preparados de ferro, mistura salina em lugar do oleo de figado de bacalhau, é desconhecer os preceitos mais rudimentares da elegancia.

Qual seria tambem a *coquette pour sang*, que n'um baile, affrontada pelo espartilho, e pela atmospherá tropical do salão, não recebesse como affronta esta pergunta:

— V. ex.<sup>a</sup> é sanguinea, não, minha senhora?

Sanguinea! Temperamento ordinario destinado às creaturas alheias aos mysterios da *toilette* e aos segredos da medicina elegante.

Sanguinea, ella! a filha da moda, que ao descrever a contrariedade da vida: termina assim:

— A mim affligem-me muito estas cousas, porque eu sou tão nervosa!...

Balzac, o immortal phisiologista da sociedade e do coração humano, depois de fallar no poder da enxaqueca, dedica um capitulo importante às mulheres nervosas.

Existe um poder superior ao da enxaqueca, diz elle, e devemos confessar para gloria da França, que este poder é uma das mais recentes conquistas do espirito parisiense.

Como todos os descobrimentos mais uteis às artes e às sciencias, não se sabe a que genio é devido este. Conseguiu-se apenas averiguar que foi no meado do ultimo seculo quando a força dos vapores começou a manifestar-se em França. Assim, ao mesmo tempo que Papin applicava aos problemas da mechanica a força da agua vaporisada, uma franceza, infelizmente desconhecida, tinha a gloria de dotar o seu

sexo com o poder de vaporisar os seus fluidos. Bem depressa os effectos prodigiosos obtidos pelos vapores tiveram a sua séde nos nervos, e foi assim que de fibra em fibra nasceu a nevrologia. Esta sciencia admiravel tem já conduzido os mais habéis physiologistas ao descobrimento do fluido nervoso e da sua circulação, e talvez que os leve a conhecer os órgãos e os segredos do seu nascimento e da sua evaporação.

«Ha nervosas classicas e nervosas romanticas.»

«Vede aquella mulher de cabellos negros, olhar penetrante, colorido vigoroso, beiços secos, mão poderosa, hade ser ardente e beliciosa, é o genio das nervosas classicas; aquella outra, loira e branca, é nervosa romantica, isto é doce e suavemente queixosa como as balladas que se deslisam na Escocia entre os nevoeiros. A'quella pertence o imperio dos nervos, a esta o dos vapores.

«Entra em casa um marido, e encontra sua mulher triste e lacrimosa.

— O que tens, meu anjo?

— Eu não tenho nada.

— Mas tu choras.

— Chorei sem saber porque. Estou muito

triste. Vi figuras nas nuvens, e estas figuras não me apparecem senão na vespera de alguma desgraça . . Parece-me que vou morrer.

Então a esposa falla em voz baixa do seu defunto pae, do seu defunto tio, do seu defunto avô, e de seu defunto primo. Invoca todas as sombras lugubres, soffre a um tempo todas as suas doenças, sente o coração a bater com extraordinaria violencia e até o braço a inchar-se-lhe.

«O marido diz com os seus botões. Bem sei de que tudo isto provem, e tenta consolal-a, porém a esposa abre a bocca, queixa-se do peito, torna a chorar, supplica que a deixe entregue á sua melancholia e às suas recordações. Diz que vae morrer, manifesta as suas vontades ultimas ; descreve o seu enterro, enterra-se estende sobre a campa a ramagem de um salgueiro. E o marido que tentára recitar um epitalâmio, acha um doloroso epitaphio.

«Ha mulheres de boa fé que arrancam assim aos seus sensiveis maridos, as cachemiras, os diamantes, o pagamento das suas contas com a modista, e os camarotes do theatro lyrico.

«Entre as mulheres que dão batalha com os vapores dos seus nervos, existem algumas mais

loiras, mais delicadas, mais sensiveis de que outras, e que teem o poder das lagrimas. Sabem chorar tão admiravelmente! Choram quando querem, como querem e tanto quanto querem. Organizam um *systema* offensivo que consiste n'uma resignação sublime, e alcançam victorias tanto mais brilhantes, que acabam por ficar de magnifica saude.

«Um marido irritado e feroz chega a satisfazer-lhe todas as vontades. A esposa fita-o com olhar submisso, abaixa a cabeça e cala-se. Esta pantomima vence quasi sempre o marido.

«N'estas luctas conjugaes o marido prefere que a mulher falle e se defenda; porque então exalta-se, e augmenta o seu enfado; mas essas graciosas mulheres não dizem nada, o seu silencio inquieta-vos, e ficaes com uma especie de remorsos, como o homicida, que não tendo achado resistencia na sua victima, soffre duplamente; porque antes queria matar, defendendo se. Voltaes. A' vossa approximação a esposa enxuga as lagrimas e occulta o lenço de modo que deixe conherer que chorou. Ficaes enternecido. Supplicaes que falle, a vossa sensibilidade vivamente commovida leva vos a esquecer tudo. Então ella suspira fallando, e falla

suspirando; é uma eloquencia de moinho; atromenta vos com as suas lagrimas, e com as suas idéas confusas e sofreadas; é uma taramella.»

Balzac considerou a força das nervosas com respeito á vida conjugal, porém, é preciso confessal-o, essa força vence tudo, e não ha leis de mechanica que possam determinar lhe os effeitos. O pae mais austero, o namorado mais despotico e tiranno curva a fronte ao imperio das nervosas, quando o pae, o namorado e o marido não são de temperamento lymphatico, d'esses que na presença d'um triste espectáculo de nervos dizem friamente:

— Estás doente, menina? Talvez que isso te passe vasando-te este jarro d'agua pela cabeça.





---

FOLHETINS HUMORISTICOS

---





BARÃO DE ROUSSADO

---

# FOLHETINS HUMORISTICOS

---

N.º 7 — 10 de Abril de 1892

Na Semana Santa

Atraz da felicidade

Para Cascaes

(Antes do Caminho de Ferro)

---

50 RÉIS

---

EDITOR

CAETANO SIMÕES AFRA

180 — Rua Aurea — 182

LISBOA





## NA SEMANA SANTA

---

A musa do folhetim, aquella que preside aos meus sonhos de sabbado, e me vem abrir as palpebras aos domingos pela manhã; a musa que umas vezes me apparece vestida de preto, de véo cahido sobre a cara, dizendo-me palavras de tristeza e de saudade, e outras vezes, buliçosa, me puxa pelas orelhas e me dá piparotes; essa mesma musa que de oito em oito dias me faz negaças com uma segunda feira, desdobrando-a ao meu espirito como a folha d'um album em que tenha de escrever, appareceu-me hoje de capa de irmão do Santissimo e um ramo de flores na mão, disse-me algumas palavras inintelligiveis, affastou-me os cabellos da testa e metteu-me na bocca duas amendoas de chocolate.

Foi este o modo mais snave que a minha musa descobriu para me dizer:

—Levanta-te, que são horas; a segunda feira que te espera é o primeiro dia da Semana Santa, da semana em que a humanidade, cansada de progredir incessantemente, tem de retroceder dezenove seculos, para descansar aos pés da cruz, e retemperar o espirito no drama da redempção.

Abri os olhos, e conheci que estava chegada a época do véo preto, das amendoas e da capa encarnada. Pareceu-me ouvir o fremito de um oceano de vestidos de seda pretos, correndo ao longo d'esses arruamentos; cuidei vêr os redemoinhos do povo n'um labyrintho; cheguei a sentir o cheiro do rosmaninho, e á minha phantasia se representou mais de uma casaca melancolica, com as abinhas graciosamente franzidas na cintura, e tres botõesinhos de retrós na abertura de cada punho.

A estas horas, que de azafama não {vaeahi no seio das familias menos favorecidas da fortuna ! Que de alvoroços no coração das donzelas, para quem os theatros são um mytho, e os bailes um sonho phantastico ! Ah, no santuario d'essas familias, ricas de boa fé para a socie-

dade, e de boas receitas para a conservação da roupa de côr, d'essas familias que acreditam ainda na sinceridade dos homens e na virtude do fel de vacca, abrem-se agora as gavetas mais reservadas, chega-se aos escaninhos dos bahús, passa-se a revista aos véos e aos colletes de setim preto, deixa-se cair um olhar sobre as luvas que ficaram do anno passado, chamam-se a julgamento as calças de casemira negra e os corpetes dos vestidos de seda.

Mais de uma saia preta tem de facultar á thesoira os mingoados recursos da sua roda para ir em auxilio das mangas, que a moda já de muito condemna, vendo-se obrigada aquella pobre saia, outr'ora farta, a perder mais meio panno pela setima vez, passando a ficar á Benoiton pela força das deducções. Que se contem essas familias, que a sorte não poupa ninguém. Ahi estão os empregados publicos a quem já tiraram meio panno para as mangas do orçamento, e lá se vão remediando com os ordenados á Benoiton. Se as saias pretas chegam a apertar os quadris, e a dar pelo meio da perna, olhem para os funcionarios e vejam que os vencimentos já começam a dar-lhe pelo meio do estomago.

Dentro d'aquellas gavetas mais reservadas um objecto unico parece zombar constantemente da tyrannia da moda e do tempo; é a casaca preta estreiada pela epoca da Maria da Fonte, arejada de mez a mez sobre as costas d'uma cadeira, e vestida duas vezes de tresentos em tresentos e sessenta dias.

Os annos passam desdenhosamente, sem se deterem um instante se quer nos cotovellos d'essa casaca incomprehensivel. A natureza que tudo pode, que tudo transforma, pára absorta diante d'aquelle prodigio de conservação.

Mudam-se as estações. A primavera ostenta as galas da sua formosura. O estio accende o facho esplendido sobre a humanidade. O outono espalha os seus frutos. O inverno aponta-nos para o vinho do Porto. No decurso d'estas quatro estações, por quantas mudanças não passaram os homens e as coisas?! Só a casaca dormiu constantemente com tres pedrinhas de canfora sobre os quartos dianteiros. Por isso quando sae á rua pela semana santa, faz a figura de um homem estremunhado; a golla espreguiça-se sobre a nuca, as abas escancaram-se em bocejos, as costas fazem uma careta a cada passo como se a casaca fosse a dizer com os seus botões,

—Quando acabará esta massada, para me ir estender ao comprido dentro do meu lençol, com as minhas pedrinhas de camphora?

Vae pois começar a epoca das amendoas e dos carolas; o coração que ainda hontem pedia o auxilio do dominó, para adejar afoitamente em volta da chamma do amor, procura hoje nas cartonagens os segredos da sua linguagem. Uma caixinha d'amendoas que entra surrateiramente no seio da familia, d'uma d'essas familias para quem a casaca continua a ser reliquia, é uma prova d'affecto que se esconde na gavetinha dos segredos, entre dois foguetes de papel azul e branco, e um cravo côr de tijolo, com uma bandeirinha de papel em que se lê uma quadra, pouco mais ou menos por este teor:

Voai cravinho encarnado  
Para as mãos do meu amor,  
Dizei-lhe que trago o peito  
Da tua assanhada côr.

O namorado offerece uma d'essas caixinhas com a sinceridade de quem apresenta o seu attestado de bom comportamento. Se o brinde é do tamanho de uma caixa de pilulas, com uma



roseta de cambraia sobre a tampa e uma estrella d'aço sobre a roseta, é que o namoro não passa de um entretenimento passageiro, de uma futilidade que o tempo ha de desvanecer antes das Endoenças do anno seguinte. A caixa significativa deve ser de maiores dimensões, com um quadro expressivo na tampa, representando um camponez de cara côr de ginja, de mão na cintura, a offerecer uma rosa á camponeza que deita fóra da janella o bracinho nũ, fielmente copiado d'uma pescada do alto. Uma caixa d'estas já dá a medida das intenções do namorado. As amendoas não passam de um pretexto galante, a caixa ha de permanecer sobre a mesa da salinha entre dois castiçaes de vidro, mais para o deante passará a ser boceta de costura, e acabará por fim ás mãos dos meninos, fructos do amor, que a mesma caixinha annunciára.

Acima da caixa, cuja utilidade se manifesta claramente na chavinha, ha outro brinde mais valioso e ainda mais significativo, é o livro de missa que os livreiros annunciam debaixo da designação de—Amendoas economicas—O livro de missa offerecido em quinta feira Santa vale o mesmo que dizer:

—Menina, estamos aqui estamos na igreja. E' preciso ligar o util ao agradável; assim como assim eu sempre te heide comprar—um manual do christão devoto—e então — candeia que vae adeante alumia duas vezes.

Ha casos tambem em que uma caixa de amendoas, rica, espectacular e quasi tão cara como um predio de dois andares, um edificio de cartão e veludo, um monumento que ás vezes se eleva sobre as ruinas d'uma algibeira, entra triumphante n'uma casa, festejado por uma familia, e vae occupar um lugar d'honra na *etagére* da ante sala.

Essa caixa é muitas vezes um poema d'amor escripto em lingua desconhecida para o chefe da familia, e que só uns olhos o sabem ler. Cada uma das amendoas que ella encerra pôde ser um pensamento criminoso, que o marido tem a imprudencia de engulir. Isso, diga-se em verdade, é a profanação das caixinhas, que devem ser puras de qualquer ideia pecaminosa, mesmo porque o tempo proprio d'ellas é este em que as almas, purificadas aos pés do confessor, andam menos propensas para a maldade.

Da capa encarnada direi que muitas vezes o leitor chega a invejal-a, quando perdido entre

as ondas do povo, pisado, acotovelado, desconjuntado, procura a luz de um olhar e os vê lá em cima, aos irmãos de Santissimo, serenos e vistosos, na inviolabilidade da capella-mór, dominando a multidão e disparando sorrisos ás devotas da freguezia.





## ATRAZ DA FELICIDADE

---

Boaventura José Camello era um homem de trinta e oito a quarenta annos, que passava vida folgada e ociosa na sua casa de Villa Nova de Foscôa.

Com o rendimento annual de dois contos e quinhentos mil réis, achou que podia dar mais largas ás suas ambições, saindo do viver provinciano e atirando-se de olhos fechados ás ondas do grande mundo.

Por espaço de doze annos estivera acorren-tado pelo matrimonio a uma esposa de formula problematica, mas honesta, mas economica, mas puxando para o governo de sua casa, mas temente a Deus e amiga do seu marido.

Com estas qualidades pôde-se prender eternamente um homem ás santas alegrias do lar; Boaventura, porem, tinha a doença de sonhar

acordado, lia as impressões de viagem escriptas pelos mais notaveis litteratos e mentirosos do mundo, e em quanto a mulher o chamava para a prosa da vida, voava elle na azas da imaginação por esses paizes encantadores de que lhe fallavam os romances de Paulo Feval e Alexandre Dumas

Um dia a esposa fechou os olhos para sempre, e Boaventura, depois de pagar em lagrimas pouco ardentes o tributo da sua dôr, sentiu-se desprendido de todas as ligações que o detinham na terra natal.

Ou eu me engano, ou o homem nos primeiros dias do casamento anda assim como se lhe tivessem pespegado um chinó. A careca ficou tapada, as aragens já o não constipam tão facilmente, tudo lhe faz reconhecer as vantagens do chinó, mas o homem anda desconfiado consigo mesmo, leva a mão á cabeça a todo o momento, e se é de imaginação viva ha de sentir-se uma especie de garrafa de champanhe cuidadosamente rolhada.

Ou eu me engano tambem, ou o homem nos primeiros dias de viuvez anda como se lhe tivessem arrancado um dente. A lingua procurava o logar que o osso occupava e

sente a falta d'alguma coisa que lhe era necessaria.

Boaventura José Camello dizia com os seus botões:

—Habituei-me a ser casado e falta-me o quer que é. Procurar esposa aqui, entre as minhas modestas patricias, não me parece que seja acto acertado. A patria do homem é todo o mundo. Sairei do paiz, deixarei de ouvir as historias do boticario e os discursos do cirurgião da minha terra. Em paiz estrangeiro, n'áquelle em que as mulheres sejam mais formosas, mais elegantes e mais finas, procurarei uma que me estime. Oh! Como ha de ser delicioso entrar um homem solteiro n'uma terra de Hespanha ou de França, de coração propenso á ternura, e os olhos destinados ao namoro! Sentir-se uma pessoa preso pelos vinculos da intimidade a uma familia onde haja meninas solteiras, lindas, loiras! Oh! se eu podesse alcançar uma loira!

Por espaço de seis meses teve o espirito engolfado n'estas reflexões, que acabaram por lhe crear um tedio profundo á terra onde nascera, ás arvores que seus paes plantaram, e á igreja em que pela primeira vez ouvira missa.

Um dia arranjou as malas, despediu-se brus-

camente dos seus amigos e partiu para o Porto, onde se demorou unicamente vinte e quatro horas. Seguiu para Lisboa que não teve enlevo para o deter por mais de tres dias. Metteu-se no caminho de ferro e parou em Badajoz.

Ali sim; já não se fallava a linguagem das terminações em *ão*, que lhe atormentava os ouvidos como uma loja de caldeireiro. Ali, sim, que as palavras saham dos labios das mulheres como que impregnadas d'um perfume que accendia a febre dos sentidos.

—Já não saio d'aqui—disse Boaventura consigo.—Onde irei eu achar um paraizo como este?!

Não ha prazer perfeito n'esta vida. Ao jantar conheceu Boaventura que o vinho era limonada e a sopa atirava para cabeças de pregos com tomates. À noite achou uma cama tão agradável como a tampa de um bahu e tão apropriada à conciliação do somno como um patacho em noites de mar picado.

O dia seguinte ao da sua chegada era domingo. Saíam da missa quando o meu heroe chegava á praça da Constituição. Que mulheres! Boaventura sentiu-se preso por quatro, e ia já seguindo uma *rubia*, quando ao voltar da esquí-



na para a rua de S. João, deu com a vista n'uns olhos que o atravessavam de lado a lado.

Alta; airoso; uma rainha! Mantilha de rendas a fingir que lhe cobria a cabeça e um *abani-co* a abrigal-a dos raios do sol.

O dia estava magnifico, as ruas seccas e limpas; mas a innocente pensou ver lama ao passar defronte de Boaventura, arregaçou o vestido e deixou ver um pé, pequenino, saltitante, doido, a adejar por cima das pedras.

O meu heroe sentiu uma vertigem, caiu-lhe a bengala da mão, abaixou-se para a apanhar, mas com a vista sempre pregada no pé. Ella volveu graciosamente os olhos, viu-o n'aquella posição, deixou cahir o vestido e disse:

—Ai!

Aquelle ai dicidiu a sorte de Boaventura.

Á tarde foi aos toiros. Lá estava ella n'um camarote, pelas grades do qual saia o biquinho do pé supramencionado.

Quem é que não sabe o poder que tem o biquinho de um pé encantador, visto pelas grades de um camarote!

Devemos confessar que o homem é um co-barde em presença d'aquelle poder extraordi-



nario que nos faz curvar a cabeça em tardes de ventania!

Dolores, assim se chamava, começou a aceitar-lhe a côrte, mas se Boaventura fosse homem de juizo devia ter reparado que ella olhava mais para o toiro de que para elle.

Boaventura escreveu duas palavras n'uma folha da carteira e deu-lhe o papelinho á saída. A dama leu-o mesmo na rua, aproveitando a confusão do povo, disse-lhe que não entendia, e que ás dez horas da noite apparecesse debaixo da sua janella na rua da Soledade.

Eram dez horas e meia já o homem lá estava. A' hora indicada appareceu ella vestida de branco, fez-lhe *psim* e com uma voz que parecia musica celestial, disse-lhe:

— Os manos não se deitaram ainda.

N'isto vê Boaventura junto da ponta do proprio nariz uma lanterna dependurada n'uma vara de metro e meio; dá um pulo, quando uma voz estridente lhe sôa aos ouvidos em cantilena pavorosa:

— Ave Maria Purissimá! Las onse. Namoro á la ventana de don Ramon.

Era o sereno, o maldito sereno que faz sair á rua os manos alludidos, os quaes natural-

mente tinham preparado a scena e esperavam a *deixa* para sair dos bastidores.

Eram dois valentões alentados e compridos, que dormiam entre os lençoes de bengala na mão e chapéu na cabeça, e pela manhã punham o capote antes de lavar a cara e vestir a camisa.

Metteram-lhe medo; entraram em explicações e no fim de oito dias Boaventura estava casado.

A lua de mel durou unicamente uma hora e tres quartos. Que volubilidade de mulher! Aquelles olhos andavam sempre n'uma loucura que o atormentava; e para a gentil Dolores as ruas estavam sempre encharcadas; o seu pesinho era admirado por toda a população de Badajoz.

Dolores era viuva pela terceira vez, Boaventura foi o seu quarto marido.

Mas o que é tenebroso é que a formosissima hespanhola tinha vivido muitos annos em Sevilha, e corria alli que tinha envenenado todos os tres maridos.

Seria verdade? Boaventura pensou que sim, mesmo por lhe parecer impossivel que uma mulher mudasse de marido como quem muda de chapéu.

Desde que lhe chegou aos ouvidos a noticia, Boaventura principiou de lembrar-se com

saudades do boticario da terra, do sacristão da freguezia, e dos placidos maridos de Villa Nova de Foscôa. Os discursos do cirurgião parecia que o chamavam de longe, n'um tom de suave melancholia como os sinos da egreja onde sempre ouvira missa. Representava-se-lhe na memoria como o paraizo perdido a tranquillidade da sua primeira estação conjugal.

Boaventura sonhava todas as noites com o cemiterio; mal fechava os olhos, a sua imaginação representava-lhe duas fileiras de gatos pingados, cantando como no final do festim da Lucrecia Borgia. Comia pouco e com medo; padecia do estomago, e não cessava de perguntar a si mesmo:

— Quando chegará o momento fatal em que eu tenha de a deixar viuva pela quarta vez.

E Dolores estava cada vez mais graciosa? Todos os dias pela manhã embranquecia a pelle com branco de Hespanha, coloria os labios, assombreava os olhos, retocava as gengives e impregnava-se de aromas que formavam em roda de si uma atmospherá encantadora.

Um dia, Deus lançou olhos de piedade para Boaventura, e chamou-a a ella á sua Divina Presença. O viuvo respirou como se se achasse

livre de uma febre typhoide, fugiu para Foscôa, deixando no tumulto da hespanhola a quadra seguinte :

De se casar já cansada  
Minha esposa aqui descança,  
E de vel-a descançada  
O seu viuvo não cansa.







## PARA CASCAES (antes do Caminho de Ferro)

---

Não te escrevo em carta estampilhada, meu bom amigo, porque não acredito que n'esse paraizo onde vives actualmente haja correios que vão bater á porta de cada um, como succede nas terras enfraquecidas pela febre dos melhoramentos, que arrefece a poesia dos costumes. Ainda não chegou ali nem o silvo do caminho de ferro, nem as visagens do general Boum, e se a face da poesia começa a colorir-se n'esses logares com o vermelho proprio dos que afrontam a trichina, é porque Cascaes não se póde livrar nem do vapor nem do *omnibus*.

A administração central do correio olha com respeito para os sitios destinados ao ocio das familias na estação calmosa, enviando-lhes timidamente a correspondencia de Lisboa para as não incommodar com a impertinencia das com-

municações. Por isso ás vezes quando os cartazes do theatro lyrico as trazem de novo á capital, mais de uma senhora diz :

— A tia Engracia esteve doente ! Por que não m'o mandaste dizer ?

— Escrevi-te duas vezes.

— Não recebi as cartas.

— Ainda bem, ao menes não te affligiste.

— Se o tivesse sabido tinha vindo vê-la, coitada !

— Assim foi melhor ; não eras tu que lhe davas saude.

E a sobrinha agradecia intimamente a solicitude do correio que arrosta com as pragas dos noticiaristas, só para não ir perturbar no campo ou nas praias, a serenidade d'aquelles espiritos que voaram para fóra da gaiola, que tem o bebedouro no *Martinho* e o poleiro no *Chiado*.

Bem basta o *Diario de Noticias* e o *Diario Popular* para lhes transmittir os eccos d'esta população que ficou a banhar-se na *Deusa dos Mares* e a dormir á noite no passeio publico, ao som aveludado d'aquelle pifano que parece dizer aos circumstantes :

— Durmam, filhos, durmam aqui, que a ca-

mara municipal dá licença, e em casa é de a gente morrer abafada.

D'antes, ai que tempos esses ! D'antes quando uma pessoa saia de Lisboa, fugindo aos caniculares não havia tubas traçoeiras que lhe fossem segredar o que aqui se passava ; e quando volvia, depois de uma ausencia de quatro mezes, deparava com uma novidade em cada rua, tinha uma surpresa em cada esquina.

Que admiração que quatro mezes bastassem para isso quando ultimamente um dos mais notáveis jornalistas de Paris, que esteve quarenta dias ausente da França, disse, pouco mais ou menos :

— Pois esta é a França que eu deixei ? ! Onde está a liberdade individual ? Em vez de liberdade encontro o despotismo, em logar do imperio vejo uma *lanterna* !

D'antes retirava-se uma familia para fóra da terra, e só a vizinhança dava por isso ; hoje, que differença ! Ainda o carro de fanico está á porta da habitação ; ainda os colxões se apertam por entre as cadeiras da saleta ; ainda a bagagem não está coroada pelas caixas de cinco chapéos, e as meninas ainda gritam na escada :



— Olhem que o gato está escondido na carvoeira.

Ainda o dono da casa, que nunca teve o gosto de figurar nos papeis, tranca as portas e mette as chinellas na algibeira, já os periodicos de noticias tem alegrado as provincias com esta novidade nos termos seguintes :

«Retira-se para Palhavã, onde vae gosar as delicias da estação festiva, a familia do sr. Gonçalves; parabens aos palhavanenses por tão agradavel visita.»

O nome do sr. Gonçalves não saiu nunca da freguezia que tem a honra de o possuir no seu seio, mas o leitor da provincia exclama :

— Olhem que pechincha para os habitantes de Palhavã !

Outras vezes a imprensa no desejo de anticipar as boas novas diz :

«Ha quem affirme que as interessantes meninas Barbosas vão este anno para a Cova da Piedade.»

O primo mais dilecto d'estas notaveis meni-

nas, muito conhecidas em todos os andares da sua escada, corre a esclarecer a redacção do jornal ácerca do assumpto, e no dia immediato apparece a rectificação seguinte:

«Apressamo-nos em declarar que não é para a Cova da Piedade que vão este anno as meninas Barbosas e sua ex.<sup>ma</sup> familia, mas sim para Cacilhas, segundo nos asseveram cavalheiros do maior credito. Como deve ser animado o verão n'aquelle sitio!»

O delirio da noticia chegou ao ponto de uma pessoa morrer sem ter dado por similhante coisa, e se tem a imprudencia de ir pedir uma declaração em contrario, vê-se na necessidade de sustentar o seguinte dialogo:

— O seu jornal disse hoje que eu tinha morrido hontem.

— Disse, sim, senhor.

— Venho dizer-lhe que foi mal informado.

— O meu jornal está sempre bem informado.

— Menos n'esse ponto, senhor, desconfio que estou vivo.

— A redacção não acceita declarações que não tenham as formalidades legaes.

— Então que formalidades são precisas para mostrar que não morri ?

— Publico-lhe o que escrever comtanto que a sua assignatura seja reconhecida pelo tabelião.

Tudo isto trouxe eu para aqui, meu amigo, lembrando-me do teu mergulho que as chronicas da capital atiraram aos ventos da publicidade.

Pois n'uma epoca em que chega a todos a noticia laudatoria, como a excellencia que alcançamos ao abotoar o primeiro collarinho; tu, homem singular que a natureza parece haver destinado para as situações mais notaveis; talento privilegiado que Deus illuminou com um raio de sua luz, podias lá cair ao Tejo para figurares depois nas folhas do dia, entre os aguadeiros que se esbofetearam, e a costureira que abandonou a casa maternal ?

Qualquer homem que se afogue tem a certeza de vir ao cimo do noticiario ; tu, meu Barreto, é que não podes ir ao fundo sem vir à flôr do folhetim.

Imagina a impressão que a noticia veio causar aos teus amigos. As folhas ainda não tinham fallado do acontecimento que te apagou o cha-

ruto na bocca, e te levou o chapéu da cabeça, e já se dizia por aqui :

— Cahiu ao mar o Chico !

Christino passou a mão pela calva e exclamou :

— Vingança d'algum inimigo !

Frederico Ferreira Pinto deixou pender a cabeça e disse tristemente :

— Suicidio frustrado !

Nem vingança, nem tentativa de suicidio ; metteste-te na agua de *frack* e *badine* para avaliares o peso especifico da tua popularidade. Se perdessees os sentidos ninguem te roubava o prazer de ouvir os adjectivos do teu proprio necrologio ; se a agua te apagasse a vida, como te apagou o charuto, não alcançavas menos do que um poema em alexandrinos.

São estas as prerogativas dos homens que se elevam a cima do nivel commum. Foi-te banheira — o Tejo ! Foi-te lençol — o infinito ! Foi-te sabonete — a imprensa !

Eu que fujo horrorisado dos banhos do mar sou a pessoa mais competente para admirar a intrepidez, com que te desembaraçaste das mãos da morte, para surgir cheio de gloria e de frio.

Fujo dos banhos do mar porque me incom-

modam e não me beneficiam a saúde; mas se para todos os homens a água salgada tivesse a mesma diabolica significação que tem para mim, a medicina teria de a substituir por outro medicamento igualmente energico para o corpo, porém mais innocente para o coração.

Um notavel romancista francez, ao entregar sua filha áquelle que ia ser seu genro, disse:

-- Levaes um verdadeiro thesouro. Minha filha é joven: é linda; é rica; e não leu ainda nenhum dos meus romances.

Que ditoso mortal não seria aquelle noivo, se o romancista podesse acrescentar:

— Este anjo está disposto a fazer na escriptura ante-nupcial a seguinte declaração:

«E outrosim declara a nubente que nunca dançará walsas senão com seu marido, nem tomará banhos senão de tina.»







---

FOLHETINS HUMORISTICOS

---





BARÃO DE ROUSSADO

---

# FOLHETINS HUMORISTICOS

---

N.º 8 — 17 de Abril de 1892

---

Barão do Roussado — OS HOMENS GORDOS

Eduardo Vidal — OS HOMENS MAGROS

M. Pinheiro Chagas — NEM GORDO NEM MAGRO

---

50 RÉIS

---

EDITOR

CAETANO SIMÕES AFRA

180 — Rua Aurea — 182

LISBOA

中國文學史綱要

第一編 上古至秦漢

第一章 上古文學

第二章 秦漢文學

第三章 秦漢文學



## OS HOMENS GORDOS

---

Nunca peguei na penna vaidoso da minha missão no *Diario Popular* como hoje, propondo-me tratar de um dos assumptos mais *graves* de que me tenho occupado n'esta peregrinação folhetinistica das segundas feiras.

Dizem por ali que o auctor das presentes linhas é gordo. Chegou já aos meus ouvidos esta noticia, que segundo me affiançam tem ganho seu corpo á custa do meu.

Todos os dias me dizem na rua:

—Cada vez mais gordo !

Ou então:

—Pela sua saude não pergunto, porque esse todo não engana.

—Mais gordo ! exclamo eu admirado, trinta vezes na roda do dia. Mais gordo ! Pois eu estou gordo !

Um sorriso responde sempre á minha exclamação, quando não se diz em tom mofador.

—Enganei-me, como está magrinho ! Porque não vae para a Madeira ?

Tenham lá mão n'uma noticia destas quando uma população inteira que me vê todos os dias nas ruas, nos passeios, no *Martinho* e nos theatros, teima em chamar-me gordo !

Já me lembrei de mandar para os jornaes a seguinte laconica declaração:

«Constando-me que alguém mal intencionado anda espalhando com fins occultos que sou gordo, declaro que este boato é completamente destituído de fundamento.»

Tive medo porém de que os meus inimigos viessem á imprensa com documentos forjados na officina de algum alfaiate menos consciencioso, e espalhassem a calumnia de ser de noventa e seis centímetros o cós das minhas calças, e o numero 46 o comprimento dos meus colarinhos.

Querem perder-me aos olhos do sexo encantador os meus inimigos, e admirado ando eu de que algum maldizente sem fê, nem consciencia, me não tenha chamado calvo tambem.

Insistem na calumnia ? ! Pois hão de ouvir

as bellezas e as virtudes do homem gordo, embora me digam depois que é um elogio em bocca propria.

Antes do descobrimento das leis da gravitação universal já o pezo servia para a avaliação dos metaes e das pedras preciosas. Ficou assentado, segundo Newton, que o peso é a tendencia dos corpos para o centro da terra, cujas entranhas se abrem ás mãos do homem para extracção de riquezas inexgotaveis; e conseguintemente, pela maior ou menor força com que os corpos valiosos tentam regressar ao ventre donde saíram é que se deve calcular o valor dos mesmos corpos.

Diz-se:

Este grilhão tem tresentos mil réis de peso.

E' uma peça magnifica de oito mil réis, que tem mais de peso.

E' um riquissimo brilhante de doze quilates.

Na ordem moral acontece o mesmo.

Ouve-se a cada momento:

A opinião d'este magistrado tem muito peso no tribunal a que pertence.

O ultimo argumento do illustre orador foi realmente de muito peso.

Não são de peso as observações do meu adversario.

Houve já um editor em Lisboa que só pelo peso avaliava as composições que os escriptores lhe offereciam, pagando generosamente os manuscriptos em que não podia pegar senão com ambas as mãos, levantando ainda assim o joelho direito para suster o fardo, que parecia tender mais para o centro da terra do que para as mãos dos typographos.

Porque não ha de então dizer a donzella quando seja amada por homem gordo;

—«O meu namorado é de lei. Às Ave Marias, quando lhe faço signal para que venha entregar-me á cancella a cartinha inspirada pela minha formosura, sinto cheia de jubilo, que os degraos rangem debaixo dos seus pés. A' noite quando passa pela rua conheço-lhe á legoa o andar firme e pezado. O meu futuro assenta em solidas bases. Posso dizer affoitamente que o meu coração está preso aos grilhões mais peizados do amor.

Segundo os meus principios um namorado, para ter o peso da lei, deve pesar pelo menos sete arrobas. O que fôr mais leve não passará de ser um namorador insignificante, uma ven-

toinha sem importancia, que corresponde ao oiro francez, aos talheres de Cristofle, e aos brincos de *plaquet*.

A estabilidade é um valor apreciavel nos dominios da politica, do commercio e do amor.

Um homem estavel nas suas idéas, no seu negocio, e nos seus sentimentos possui um capital importantissimo de constancia para os governos que logram o seu appoio, para os negociantes com quem trava relações commerciaes, para a dama a quem dedica as aspirações da sua alma. A estabilidade da riqueza, ou do emprego, de um mancebo solteiro é excellente recommendação para os paes de meninas donzellas.

A estabilidade absoluta do homem depende tambem da estabilidade do seu corpo. O homem gordo é com rarissimas excepções o que se conserva mais tempo no mesmo lugar, tanto que ao sentar-se diz:

—Ah ! . . .

Ao levantar-se exclama:

—Upa !

A minha estimadissima leitora pode ter um marido exemplar de virtudes, que a cerque de adorações, que lhe adivinhe os pensamentos,



que transija com todos os seus caprichos, porém se fôr magro como ha de elle abrir-lhe passagem nos apertões das festas de igreja ? Como ha de resguardal-a d'uma corrente d'ar coada por uma fisga da porta ? Como poderá livral-a dos raios ardentes do sol, interpondo-se no passeio entre a esposa e a lampada do dia ?

Um bom marido deve ser para sua mulher ao mesmo tempo o arauto, o chapeo de sol, e o guarda vento.

Offereço á humanidade a seguinte proposição que será proverbio um dia:

«Quem gordo marido escolhe boa sombra tem.»

Diz muita gente que as senhoras não podem tomar a sério a ternura das pessoas nutridas. E' uma injustiça que se faz ao espirito do sexo delicado.

Bem conhecem as damas que já passou de moda o typo do poeta descarnado, de olhos encovados, ventre reintrante e mellena desgredinhada a encebar a gola da sobrecasaca.

Ainda os ha talvez d'esse feitio, porém os frenezis do seu amor são apenas uma doença nervosa, uma cruel monomania que nem promette a constancia dos corações prudentes, nem

lisongeia a vaidade d'aquella que pensa ter inspirado o poeta.

Para esses sujeitos pobres de tecido adiposo a mulher não é um idolo, é unicamente um pretexto. Vejam como elles celebram as brisas perfumadas da tarde, e os magos sorrisos das estrellas. Tirem da terra a mulher, que não lhe arrefecem os ardores da ternura abstracta. Pedem amor ás correntes cristalinas e ao remuejar dos salgueiraes, como o general da *Gran Duqueza de Gerolstein* pede que lhe annunciem um inimigo.

Qual será a dama que os acredite hoje, e lhes dedique os impulsos do coração ?

Se houvesse figurino para os poetas da moda devia ser assim a descripção do mais moderno «A estatura pouco superior á regular, costas largas, barba espessa longa e negra; ventre graciosamente boleado; o todo respirando força e energia.»

O poeta nutrido quando canta o amor é por que o sente, com determinação de lugar, de tempo e de pessoa; o homem gordo quando ama é a valer, em vez de levantar os olhos para o manto estrellado da noite, eleva-os para a frente da mulher que adora; em vez de aspirar

ao vago, ao indefinido, ao impalpavel, aspira ás santas delicias do matrimonio, e antegoza um futuro de mobilia de mogno com estofos de seda em companhia de sua mulher e de seus filhos.

Bem podera trazer para aqui os uzos de alguns povos e o testemunho de pessoas muito respeitaveis em reforço da minha doutrina, limitar-me-hei todavia a notar o que se passa na China onde não se pôde ser mandarim, tendo-se unicamente a pelle em cima do osso, e onde todos os respeitos e todas as atenções são para os homens de dimensões apparatusas.

Quando tomou posse do governo de Macau o sr. Pegado, homem alto e bastante gordo, os chinezes ao vel-o passar para o *Te Deum* exclamavam:

Ah! Bem se vê que é um homem de bem e sabio!

Mas que precisão temos nós de transpor as muralhas do celeste imperio para levar a convicção ao animo dos descrentes?

Quando um homem magro bate a uma porta, a creada vae annuncial-o ao amo com estas palavras:

— Está lá fora um sujeito que procura a v. ex.<sup>a</sup>

— Que qualidade de homem é ? Pergunta o amo.

— Uma fraca figura com um bigodinho.

Bate á porta um homem gordo. A creada vem de cara risonha annuncial-o ao amo como se lhe trouxesse um boa nova.

— Um individuo que o espera na sala.

— Que qualidade de homem é ?

— Um mocetão de barba grande. Bem se vê que é pessoa fina.

Se o homem gordo tem a felicidade de usar botins que ranjam, não precisa de cartas de apresentação; entra em qualquer casa como cavalheiro que traz bem patentes as suas credenciaes, recommenda-se por si mesmo aos olhos e aos ouvidos, é o bem quisto das salas.

Querida, adoravel leitora minha, se sois solteira, se moraes por exemplo em S. Francisco de Paula, ou na rua direita de Campolide, que prova de estima vos dá o namorado nervoso e magrissimo, indo ver-vos duas vezes ao dia. Para muito mais tem elle pernas; podia ir do Chiado á Porcalhota a pé e sem se cançar.

Ah ! E que eloquentissima prova de amor vos não dá o namorado gordo que por vossa causa anda duas leguas por dia a pé, por motivo dos

projectos do sr. Costa Veiga que nos aconsellham a economia? Aquelle que vos ama, ao chegar debaixo da vossa janella n'uma tarde de estio, morreria asphixiado se pozesse a mão na bocca. Adora-vos esse homem, recompensae-lhe o sacrificio com os sorrisos da vossa ternura.

Leitora, se tendes marido magro, haveis de affligir-vos vendo que elle não pára um momento em casa. A sua volubilidade é insupportavel; tem sempre que fazer na rua, são raros os momentos que dedica ás alegrias do lar.

Se é gordo o companheiro da vossa existencia, que vida, que paz tranquillal que descanço incomparavel! O vosso marido projecta sair de tarde, mas depois de jantar calça as chinelas bordadas por vossas mãos, toma café e diz:

—Assim como assim, já não saio hoje.

A verdadeira felicidade da familia provém sempre de um homem gordo.





*E. A. Vidal*

---

## OS HOMENS MAGROS

O meu amigo Roussado proclamou ha dias as excellencias do ventre rotundo e das faceiras papudas ; arvorou bandeira contra a humanidade entre-sêcca, e caiu sobre ella com todo o peso da sua cohorte anafada. Eu venho intrometter-me na contenda, eu, magro e meão, e protestar em nome da classe contra os philisteus de hombros largos e de barbas até a cintura. E' necessario levantarmos os debeis, os flexiveis, os delicados de talhe, d'este abatimento em que os deixou a palavra humoristica de um inimigo figadal, de um homem que tentou subornar o bello sexo, o sexo fragil, e fazel-o dar voto contrario ás nossas justissimas pretenções. Os magros de Lisboa e seu termo, unidos no mesmo sentimento de magoa, e não podendo refrear os impetos e estremecimentos



nervosos, declaram a todos os gordos *urbi et orbi*, pela bocca de um dos seus representantes, que mantem e sustentam a superioridade das proprias condições plasticas.

Leve como uma penna, dizem os poetas; airoso como um vime, accrescentam as bellas; gracioso como uma flôr na haste, escrevem os talentos imaginosos. A magresa é a poesia. Esta verdade tem levado os poderes do estado a deixar que os poetas morram de fome. O caso não era para deducções tão rigorosas; sujeitemo-nos, todavia, á força da logica.

A gordura é o positivismo em todas as suas phases variadas. Um homem gordo traz sempre á idéa uma panellada de feijão com couves, ou de grêlos com focinheira de porco. O homem magro recorda a innocencia do arroz de manteiga, da pêra doce, e do calice de collares com agua.

Chega o verão, apertam os calores, e o *mignon* gira sempre por esses arruamentos e passeios, rapido, secco, breve e risonho; enquanto que o homem atoucinhado, caminha vagaroso e de nariz torcido, soprando como um baleote, e estillando como uma cascata. Vem o inverno, o frio inteiriça, e as donzellinhas e matronas,

com o melindre da sua organização femenil, envolvem-se nas amplas capas e nos estofos agasalhadores. O magro enroupa-se como ellas, dá-lhes razão do feito, applaude-as tacitamente. Para o gordo nunca ha inverno. Anda sempre com o verão ás costas. Despresa indignado o capote, e vota ás calças de panno piloto a aversão mais lá de dentro. Enquanto os outros se abafam, o homem gordo affronta as ventanias do nordeste, com o peito descoberto e o collarinho folgado. As damas, quando o vêem, sentem correr pelas costas abaixo uma especie de gotas de gelo, e dizem aconchegando-se mais no chaile:

— «Aquelle homem está fazendo frio á gente!»

Succede haver ajuntamento festivo, por exemplo, fogo de vistas, arraial nos saloios ou abertura de parlamento. Despovoam-se as casas e os moradores affluem ao ponto do regabofe. É então que o homem magro se revela de uma commodidade supina. Não embaraça, não estorva, não tapa a vista a pessoa alguma. Coze-se por entre a multidão, espreita por qualquer abertura, deixa campo ás senhoras, e serve, mesmo em casos urgentes, para pegar nos meninos ao collo.



O gordo é essencialmente egoista. Amezenda-se na frente de todos, esparralha-se muito a seu gosto, desdobra os refegos da sua alentada corpolencia com detrimento dos espectadores convisinhos, e ainda em cima rosna por que o apertam, e deita olhares furiosos a um e outro lado do grupo.

Por isso as mulheres lhe fazem figas. e as mães dizem às filhas com um arrepellão de má vontade:

— «Vamo-nos embora; todo o lugar é pouco para este senhor. Credo! sempre são bem aborrecidos os taes bazulaques!»

Eu chamo a testemunho o sexo encantador, e louvo-me no seu depoimento. Darei os ossos de presente á primeira fabrica de refinação de assucar, se por ventura houver dois labios mulheris que pronunciem a blasphemia, a herezia de condemnar a magreza esbelta, immolando-o sob o docel de uma barriga arqueada,

Imaginae um baile; é tudo animação e presteza. A valsa, a douda valsa, a tentadora dos serafins, o demonio da voluptuosidade, enlaça os corpos franzinos, e arrebatá-os no seu turbilhão vertiginoso. Saudae a realesa dos magros! Como elles volteam em rodopio incessan

te, e como as cinturas de vespa são airoas e bellas! Os gordos tambem se atrevem a descer à liça: Vitellio quer affrontar os gladiadores.

Emquanto os dansarinos de pouco peso vòam na sala em giros implacaveis, os valsistas de cento e vinte kilos seguem cambaleando como charruas desmastreadas.

— «Como elles dansam! . . .» —suspira uma menina de dez annos, a quem o pae não deu ainda permissão para folias d'aquella ordem.

— «E' mesmo um gosto vê-os!» —responde-lhe a vizinha do lado, que é companheira da mestra, e pessoa da mesma idade.

Isto dizem ellas, quando os magros lhes passam em frente, e o vestido da bailadeira lhes roça pelos joelhos como se fosse uma nnevem.

O homem nedio, o *entripaillé comme il faut*, segundo a pittoresca phrase de Molière, aproxima-se no intermettentes, procurando salvar com os arabescos do passo, o que ha de pausado na andadura.

— «Pobre senhora!» Dizem as duas educandas em segredo; — aquillo não é valsar com um homem, é arrastar um cepo!»

Fallemos serio, que nem eu sou homem para menos, nem o assumpto é falho de gravidade.

O homem gordo é uma desharmonia economica. Quando os financeiros decretam a abstinencia perpetua, e mandam encolher os cozes das pantalonas civis, a gordura é uma deslocação perigosa, e um attentado contra a ordem publica. Quem tem direito de sabir da orbita circumscripta pelos mandarinis do seculo, ou quem pode transformar-se em protesto vivo contra as doutrinas dieteticas ?

A humanidade tem que se modelar pelas formas esguias de D. Quichote, porque anda como este em cata do bello ideal e do bem absoluto. Dae á Pansa o mando supremo do mundo, e vereis este transformar-se em Barataria.

Porque será então que Manuel Roussado, o flagello de todos os Possidonios, de todos os barões nutridos, de todos os politicos de circumferencia, veio agora queimar o incenso da adoração ao pé dos mesmos que lanceara ?

Divinizando os gordos não pensa elle que se penitenciou em frente da maior parte das suas victimas ? E' preciso confessarmos seriamente uma cousa. — um barão magro é um ser tão incompativel como um elefante sem proboscide. Ha cargos, titulos, posições, enfim, que trazem

comsigo as exterioridades da materia. A calva, por exemplo pede um archeologo meditativo, do mesmo modo que o farto collete de cutim de linho, assentando sobre um abdomen bojante, denuncia o desembargador aposentado. Um heroe suppõe se sempre guapo, como um onzeiro se nos fantazia de entre-olhos verdes e caixa de prata lavrada.

Cautella, pois, gordos da capital e gordos suburbanos; não vos inflammeis com o estylo picante do vosso apologista. Elle não abre os braços para receber o vosso amplexo de reconhecimento, mas sim para vos calcular a grandeza enorme do costado. D'aqui a pouco é capaz de publicar uma estatistica de todos os corpanzizs nacionaes enriquecida de annotações e até mesmo de illuminuras. Pairaveis em espirito (que os corpos adiposos não são para similhantes empresas), nas serenas regiões da apothese, e eu digo-vos que não foi mais do que um sonho, do que um fantasma, essa aurora de bem-aventurança que vos arraizou nos horizontes da vida.

A barriga tem de volver modestamente ás suas antigas occupações, franqueando caminho aos m̃sc̃ros de todas as raças que se dirigem

para as ladeiras da immortalidade. Queréis que vos desilluda. compatriotas rêbarbativos? que-reis que vos derreta, como banha, esse castello de felicidade que architetastes? — Pois bem: Manuel Roussado não é gordo,—finge-se.

E isto mais um dos seus epigrammas!





*Pinheiro Chagas*

## NEM GORDO NEM MAGRO

O que! pois havemos de consentir que os representantes de duas fracções da minoria perturbem com as suas disputas o socego da humanidade normal, e reclamem para si este a poesia e o interesse das senhoras, aquelle a confiança das esposas e a veneração dos eleitores! Havemos de consentir que gordos e magros disputem entre si a primasia, que incontestavelmente compete á porção regularmente constituída dos descendentes de Eva? Será a humanidade condemnada fatalmente a não fugir do clarinete senão para cair no zabumba? e passar de amanuense a primeiro official reformado? a ter que optar unicamente entre a folha do canivete e a esphericidade incorrecta do repolho? Seremos todos obrigados a inchar, a inchar até levarmos ao cabo a improba tarefa

de occupar dignamente a amplidão do paletot de Manuel Roussado, ou de nos espalmarmos até conseguirmos enfiar-nos surrateiramente pelas mangas do fraque de Eduardo Vidal? Estaremos privados, nós outros membros da maioria, de nos ufanarmos, como devemos, do justo e sãõ equilibrio que a natureza estabeleceu na nossa economia? Consentiremos, que nos esbulhem dos nossos legitimos direitos, e não des-thronisaremos Sancho senão com a dura condição de obedecermos a D. Quichote? A's armas!

Os gordos não podem por fôrma alguma penetrar no campo da poesia. A estreita porta d'ouro que se abre para estas regiões sublimas não consente passagem franca ás panças municipaes. Fizeram-se para elles por acaso as escadas de seda, que se quebravam com o peso? A entrada furtiva em casa das Estellas dos D. Jaymes que são obrigados a caminhar

aereo o pé que não geme  
sobre as taboas do salão

é permittida ao gordos que opprimem o sobrado rangedor?



Liga-se bem com o mysterio a volumosa ro-  
tundidade que chama as atenções das patru-  
lhas? Como hão de elles cair aos pés d'uma  
dama sem desabarem com o sobresalto as jar-  
ras da mesa da sala? Como se hão de erguer  
no momento propicio, se tiverem, como Gibbon,  
de chamar dois lacaios para os ajudarem a le-  
vantar-se? Qual é a senhora que ouse confes-  
sar que tem um namorado, que, avaliado em  
kilogrammas, entra mais facilmente pela casa  
das centenas do que pela porta da escada?  
Como póde ella trazer a imagem d'elle no co-  
ração sem correr o grave risco d'um aneuris-  
ma, ou sem se ver obrigada a consentir que  
as pernas da dita imagem, invadam, para es-  
tarem á vontade, qualquer outra viscera?

Sem termos seguras informações ácerça do  
volume de Romeu, podemos assegurar affoita-  
mente que o filho dos Montechi estava muito  
longe de ser gordo. Não se concebe facilmente  
um Romeu obeso, e a estatura esbelta que Ju-  
lietta lhe attribue não se coaduna com as fór-  
mas rotundas d'uma pessoa nutrida. Mas o que  
tambem está demonstrado é que Romeu, o poe-  
tico de Shakespeare, estava longe de ser ma-  
gro. Julietta, na 2.<sup>a</sup> scena do 2.<sup>o</sup> acto, espan-



ta-se de que elle podesse trepar aos muros do pomar, tão altos! *The orchard walls are high*, diz-lhe ella, e elle responde-lhe: Subi, mas foi com o auxilio das leves azas do amor, *with love's light wings*. Ora se Romeu fosse uma lagartixa, claro está que nem precisava das azas do amor para trepar aos muros, nem Julietta tinha que se espantar de o ver transpol-os!

E' necessario por conseguinte que repulsemos a tresloucada pretensão dos magros, de serem poeticos e vaporosos. São poeticos e vaporosos como a espinha do bacalhau. Para serem homens de carne e osso tem muito osso, para serem espectros tem muita carne. Entes indecisos, vagueiam entre a humanidade e as sombras, repellidos por aquella visto occuparem tão pouco espaço no mundo, que nem vale a pena fallar-sê n'isso. e repellidos por estas logo que ainda occupam bastante para não poderem dar a sua demissão de gente viva.

Devemos dizer, em abono dos gordos, que não ousam elles reclamar as boas graças do amor aventureiro, mas que, em troca, se obstinam a dizerem-se os mais seguros fiadores da felicidade conjugal. Ainda n'esse ponto é a sua pretensão lamentavelmente vaidosa. Como

querem elles aproveitar a doce poesia da intimidade?

O gordo está por sua natureza condemnado a uma solidão magestosa; como o Moysés de Alfredo de Vigny, tem de caminhar sempre isolado na vanguarda da phalange domestica, pôrque não cabe nas ruas e muito menos nos passeios, enfileirado com a esposa e os filhos. A mulher d'um homem gordo é condemnada fatalmente a ser a chalupa que segue a esteira da náó; o gordo, mesmo depois de casado, continúa a ter nas digressões o seu ventre por confidente e companheiro unico, e em casa, á mesa do jantar, vê se melancholicamente desterrado para a cabeceira, flanqueado de pratos e de terrinas, enquanto o resto da familia, que o considera como uma colonia ou antes como uma ilha adjacente, vae trincando a respeitavel distancia, e a cuidadosa esposa encolhe o pé mimoso para que um subito accesso de ternura conjugal lh'o não esmague com a subita pressão da larga base, em que se esteia esse homem que deixa de ser um marido para ser um zimborio.

Se recorrermos á historia para justificar com illustres exemplos as pretensões dos gordos e

magros, achamos que não só os grandes homens não eram, na época do apogeu de sua glória, nem magros, nem gordos, mas também vituperavam acerbamente essas excepções que perturbam a ordem sensatamente estabelecida pela natureza. Cesar desconfiava dos magros mas desprezava os gordos. Se os magros são Cassios, os gordos são Vitellios. A arte religiosa também demonstra o quanto qualquer dos dois excessos perturba a harmonia do bom e do bello. Os deuses do ascetismo são magros e lívidos, os da dissolução e da lascívia são gordos. O Baccho syriaco tem formas rotundas, e Venus Callypgia é a deusa das religiões enervadoras da Asia Menor. Mas o Apollo grego, o deus do sol e da poesia, o typo immortal da belleza antiga, apresenta no justo meio termo o grande modelo pelo qual se deve pautar a humanidade.

Mameel Roussado proclama com enthusiasmo a gordura de Victor Hugo. Mas Victor Hugo escreveu as *Chansons des rues e des bois* quando engordou; enquanto não alargou a circumferencia legitima, que a um grande poeta compete, escreveu as *Folhas d'outonno* e as restantes obras primas do seu admiravel talento!

Veja-se Napoleão. Em quanto é magrizella, ninguém faz caso d'elle. Apesar dos prodigios de Toulon, Aubry demitte-o, e porque o demitte Aubry? Porque o joven artilheiro era magro. A reacção contra Robespierre triumphava, e os chefes do movimento entendiam com justiça, que o partido do ex-director devia contar nas suas fileiras toda a gente `magra de França. Sob o influxo benefico do casamento com Josephina, Bonaparte adquire boas carnes; segue-o o triumpho á Italia, ao Egypto, á Allemanha, conquista a dictadura, o consulado, a corôa, ingrinalda quasi o diadema do universo. Mas, imprudente! eil-o que transpõe os justos limites, eil-o que engorda! Os desastres começam. Estava rotundo na Russia, estava obeso em Waterloo. Quando principiaram para elle as desventuras na Hespanha, quando sir Arthur Wellesley lhe começou a bater os generaes, andava Napoleão pouco mais ou menos pelo volume de Manuel Roussado. Cautella com o desenvolvimento do ventre, meu caro collega! Se o abdomen se vae avolumando, grandes desgraças lhe prevejo; prevejo-lhe Waterloo, e é em Possidonio que eu adivinho Wellington!

Manuel Rousado sobe até o paraíso para de-

monstrar a sua these. O demonio, diz elle, não tentou Eva com bananas ou com uvas ferraes, tentou-a com a maçã rotunda, e se a não tentou com a melancia foi porque a não achou á mão.

Registemos, porque é importante, a confissão do adversario. O fructo prohibido do Eden, é o proprio Manuel Roussado quem o diz, não era a melancia! Notem que a melancia não era. Aceito a confissão, e apresso-me a reconhecer tambem que não era a banana o pomo tentador. Era a maçã. Estamos todos concordes n'isso, nós outros os commentadores do Genesis. E porque era a maçã? Porque a maçã é o meio termo entre a melancia e a banana, porque a maçã é, entre todos os fructos, o symbolo da rotundidade legitima e elegante.

Se o magro é papão, o gordo é b.zulaque. Se dizem do magro: que aventesma, dizem do gordo: que batoque!

O privilegio da guapice é unicamente concedido a quem sabe conservar-se n'um meio termo racional.

Se o magro é «fraca figura» o gordo é «frade de S. Bernardo.» E contudo tenho de confessar que apesar de magro é Eduardo Vidal

um mimoso e applaudido poeta, e Manuel Roussado, apesar de gordo, um chistoso e apregoado folhetinista. Como heide conciliar com a minha theoria estas duas brilhantissimas excepções? E' que a *magrividade* e a *gordividade* n'essas duas naturezas privilegiadas são amplissimas, e o estado em que actualmente se acham constitue para elles o meio termo de que fiz a apologia.

Quando eu vir Eduardo Vidal reduzido a espinafre, e Manuel Roussado reduzido melancia de Abrantes, hei-de sentir uma dôr profunda, derramando ondas de lagrimas sobre a sua gloria extincta.





---

FOLHETINS HUMORISTICOS

---





BARÃO DE ROUSSADO

---

# FOLHETINS HUMORISTICOS

---

*N.º 9 — 14 de Maio de 1892*

---

Barão do Roussado — AINDA OS HOMENS GORDOS  
Eduardo Vidal — AINDA OS HOMENS MAGROS  
Barão do Roussado — SEMPRE OS HOMENS GORDOS

---

50 RÉIS

---

EDITOR  
CAETANO SIMÕES AFRA  
180 — Rua Aurea — 182  
LISBOA





## AINDA OS HOMENS GORDOS

Ah! Temos a Bernarda na rua?! Os magros revolucionaram-se contra o poder da gordura varonil?!

Sôa o clarim nos arraiaes contrarios! Eduardo Vidal, o notavel poeta do *Futuro*, aguça todos os ossos das cohortes inimigas! Surgem contra mim os fusos de bigode, os floretes de chapéu redondo, as badines de *frack*, as rocas de collarinhos postiços!

Desenganae-vos, a palavra do poeta não vos abrirá o caminho da gloria. Assoprados um momento pelos paradoxos do velho illustre apologista, começastes a sacudir as cartilagens, e cuidando ensaiar o vôo com que haveis de subir aos paradoiros da immortalidade, ficaes presos á vossa pelle, como armação desconjun-

tada de chapen de chuva. Em breve vos arrependereis, agulheiros de vaidade!

Não vêdes que a natureza, a mestra dos artistas, ostenta as suas galas em linhas curvas, engeita as fôrmas angulares, e apresenta só como contraste do bello, do elegante, do airoso, as rochas escarpadas, que limitam o espaço com linhas desgraçadissimas?

À voz do Supremo Architecto surgiu do nada o universo. Do nada, reparaê bem, do nada que se representa por uma só linha curva—a cifra!

Obedecendo ás leis decretadas pelo Poder Divino, sustiveram-se no espaço os mundos, arredondando-se ao descrever as curvas immensas das suas orbitas. .

Ao *Fiat lux*, não surgiu uma lampada aguda nem um candieiro de tres bicos, que engolfasse a terra em ondas luminosas, levantou-se o astro do dia, radiante, magnifico, espherico!

Collocado no paraizo, o primeiro homem olhou em roda de si e o seu espirito admirou a obra de Deus nas curvas esplendidas da criação. Curvas nos troncos e na folhagem perfumada, no vôo dos passaros, no céu azul, no sol que lhe doirava os prados.

Depois dormiu, e acordou com uma costella de menos e uma senhora de mais. Louco de felicidade, exclamou:

Esta é a carne da minha carne.

*Caro de carne mea.*

Não se contentou em dtzer sómente:

— Este é o osso do meu osso.

E' que a primeira mulher não precisava de leite de burra, nem de oleo de figado de boca-lhau; era sadia e robusta. Adão, affeito a contemplar o bello sem ter andado ainda na academia das Bellas Artes, nem ter lido os folhetins sediciosos do *Diario Popular*, sentiu que a belleza estava na carne, e adivinhou o rifão com que tempos depois o povo havia de traduzir o mesmo sentimento:

*«Dá-me gordura dar-te-hei formosura»*

Para seduzir Eva, o demonio não procurou as bananas nem as uvas ferraes, foi buscar a maçã por ter a fôrma mais tentadora, e se não lhe apresentou a melancia como argumento irresistivel, foi porque não a tinha alli ao pé, no momento da sedução.

Levaes-me para os dominios da poesia? Vamos.

Oh! Como é delicioso o passear sobre as aguas do Tejo, em noite de primavera, quando a lua *cheia* vem pratear as aguas! Quando a maré está *cheia*, e a vella do barco ligeiramente tendida á viração subtil!

Como são lindos os jardins na estação festiva, quando os tanques estão *cheios* de agua cristalina, as arvores *cheias* de folhas, os canteiros *cheios* de flores, *cheios* de sombra os bosques, o ar *cheio* de harmonias e perfumes!

Que momentos de felicidade aquelles em que a nossa alma está *cheia* de esperanza, e o nosso coração vive *cheio* de amor!

E' preciso ser *cheio* para ser bello e feliz: lei irrevogavel que vigora desde a lua até á obscuridade da minha algibeira.

Quereis então que o homem constitua a unica excepção d'esta regra e elegancia prescripta pelo Eterno á creação? Não pode ser.

Fallaes-me das flores para entoar um hymno á vossa magreza e á magreza do vosso proximo, e não vedes que a dahlia é repolhuda, que é cheia e apparatusa a magnolia, que é rainha no prado a rosa de cem folhas?!

Não o duvido um momento sequer, o sexo encantador está do meu lado n'esta importantissima causa dos homens gordos. Bem sabem as damas como são variaveis e inconstantes os magros, que pullulam entre as chammas do amor como os bonecos nas rodas dos fogos de artificio, parecendo que se queimam e ficando de pé, incombustiveis como os charutos do antigo contracto.

Conheço que o meu partido é extraordinario; são innumerados os bilhetes de visita que recebo todos os dias depois da publicação do meu folhetim sobre os homens gordos; Marciano da Silva, o pintor da galeria real, enviou-me a copia por elle mesmo feita da sua figura imponente; na rua sou a cada hora estreitamente abraçado, tão estreitamente quanto o permitem os abdomens dos meus admiradores.

Conheço que defendi uma causa sympathica para a maioria dos homens e das senhoras.

A verdade é esta. O homem só é magro, quando não pôde ser gordo.

Os magros são as arestas da humanidade.

— Já ouvistes a alguém dizer de um gordo:

— Tem cara de *sum*, *és*, *fui*?

Diz-se por ventura de homem nutrido:



— Aquillo é um *João ninguém*?

Se se quizesse descrever o heróe descarnado e esguio de um romance tetrico devera fallar se por este teor:

Pantaleão era escabroso e ossudo como a rocha do conde d'Obidos, agudo e arqueado como uma agulha de meia, o pelle da cara levantada pelos ossos como a casa dos bicos. Quando enfiava as pernas delgadissimas nas largas botas de montar, poderia dizer-se de cada uma d'ellas com Walter Scott, que era um pão de vassoura esquecido por uma criada dentro do barril do lixo.

Quando passa o gordo, as mulheres do povo exclamam.

— Benza-te Deus!

Quando passa o magro dizem:

— Coitado! Anda com licença do cemiterio!

Quereis metter medo a uma creança? Com certeza que não encheis as bochechas, porque o innocentinho vendo vos mais gordo estenderia as mãos e sorriria de contente.

Abris os olhos, chupaes as faces, alongaes o pescoço, afilaes o nariz e dizeis:

— Uh!... Papão!

A creancinha encolhe-se, desvia os olhos da

vossa cara, esconde-se no chaile da ama e chora.

Magro é o cipreste erguido na morada dos mortos.

Magras são as bruxas do *Macbeth* quando amedrontam o publico no theatro de S. Carlos.

Magras são as almas do outro mundo.

Magros são os espectros, são as aves de rapina, é o thesouro publico.

Não é magro o cofre das graças regias.

Não era magro José Estevão, o tribuno que arrebatava as multidões.

Não são magros os tenores mais celebres da Europa que nos revelam o amor e as lagrimas nas suas mais poeticas manifestações.

Não é magro João de Lemos, o inspirado cantor da *Lua de Londres*.

Não é magro Victor Hugo, o facho immenso que assombra a humanidade.

Dizeis então que o gordo traz sempre á idéa uma panellada de feijão com couves, ou de grêlos com fucinheira de porco, e que o magro recorda a innocencia do arroz de manteiga e de pera doce!

A allusão é seria de mais para que a deixe ficar de pé, e como se trata de comida permitta-me a leitora que eu ponha tudo aqui em pratos limpos.

Eduardo Vidal, o poeta festejado que saiu a terreiro para celebrar a pelle encorreada do homem-safio, come tres vezes mais do que eu! A sua alimentação é abundante e succulenta como a de quasi tados os magros.

Nas horas de melancholia, quando o meu adversario esteja vasando no papel as estrophes em que se expandem as harmonias da sua alma, fazei-lhe surgir sobre a meza do trabalho como nas magicas, não a lyra de Apolo, mas tres costelletas de vitella com sallada d'agrião, e vel-o-heis trocar a pena pelo talher, e addiar o verso para o fim do repasto.

O magro é um sophisma; recorda a innocencia do arroz de manteiga em quanto lá dentro se empenham todas as forças na empreitada das digestões.

E as senhoras ao vel o, se o conhecem, dizem:

— Não sei o que este homem faz ao que come! Nada lhe luz!

Nada lhe luz! E' preciso que o homem seja gordo para que possa luzir!

O osso! O triste, o desgraçadissimo osso! Esse só se luzir depois de transformado n'al-gum botão de camisa.







E. A. Vidal

## AINDA OS HOMENS MAGROS

Animo, companheiros! Não vos deixeis enlevar no canto da sereia, nem vos inclineis em frente de alguns paradoxos eloquentes. Nós somos d'aquelles em que Sá de Miranda já fallava: *homens d'antes quebrar do que torcer*, para os quaes não ha a flacidez da carne, nem a maleabilidade das gorduras. O nosso throno, como a pyra de Atilla, é solido e rijo; temos arestas, mas contra ellas, como contra as de um rochedo, virão despedaçar-se esses bahus de toucinho, que se crêem ondas do oceano. Julgaram-se fortes porque Manuel Roussado, n'um dia de supremo bom humor, se lembrou de atirar para os seus regaços de comadre algumas perolas valiosas; mas não descobriram a allusão á parabola, disfarçada com o rebuço de elogio.

E fallam no paraíso terreal?, e abalançam-se

a indicar a maçã?, e atrevem-se a citar a bíblia? Gloria a ti, osso, que és o pae e a mãe do bello sexo, animado pelo sopro de Deus. Para engendrar o homem bastou amassar um pouco de barro; para formar a mulher, a joia da criação, o mimo da natureza, a flôr, a graça, a delícia, a voluptuosidade, para isso buscou o Eterno materia prima condigna. Poderia tirar uma fatia de carne das largas espaduas de Adão, poderia cercear-lhe o volume dos lombos; não o quiz. Arrancou-lhe uma costella como o estatuário arrancaria o mais bello troço de marmore para n'elle modelar o primor da sua phantasia. Desde esse momento ficou estabelecida a superioridade incontestavel do osso. Duvidar d'ella é incorrer em blasphemia. O proprio Scipião, apesar de gentio, quando se affastou de Roma indignado exclamou voltando as costas: — «Ingrata patria, não possuirás os meus ossos!» — Por que não disse antes: — «Ingrata patria, não possuirás as minhas carnes»? — Porque elle quiz significar o valor do thesouro de que privava Roma, e era preciso que a enormidade da ingratidão correspondesse a enormidade da vingança. Ah, Roma, tu esqueceste-te de Carthago e de Annibal, dos dias da tua gloria

e dos louros com que eu te engrinaldei a fronte soberba? Pois bem, prepara-te. Não te sitiarei como Coriolano, não te rasgarei o seio com a ponta do meu gladio; deves muito e eu resarcir-me-hei de tudo: — «Ingrata patria, não possuirás os meus ossos!»

O que pôz Deus sob a tutella da gordura? O ventre, quer dizer: a voracidade. O que confiou á vigilancia das costellas? O coração, isto é: o amor. *Qu'on nous passe le mot, le ventre mange l'homme.* Demais, desembuchemos a verdade toda, o osso é o sustentaculo das mantas adiposas, é o leito onde se estendem estes cobertores de papa. Tiraе aquelle, e as mantas cairão por terra. A sua existencia resulta de uma concessão generosa. Abstrahi da carne, e ainda tendes o esqueleto. E' horrivel? Não, é solemne. Um craneo desperta um philosopho.

Imaginem que as theorias perniciosas do meu illustre contendor adquiriam foros dogmaticos, e vejam o que succederia de futuro. O mestre interrogava d'este modo o discipulo:

— «Em que consiste a belleza?

— «Na perfeição das linhas e na harmonia do conjuncto.

— «Quaes são as linhas mais perfeitas?



— «As curvas.

— «Dê me alguns exemplos de suprema beleza.

— «Uma pipa de trinta almudes ou a barriga de um abbade!» —

Oh, a magreza, a magreza, como ella é poetica e admiravel, e como o espirito sôbe, levado pelo agudo das suas fôrmas! A um gordo chama-se *um pote*; um magro appellida-se *alfinete de toucar*. Quando aquelle passa, o rapazio bravo começa resmungar chocarreiro: — «Olha, que barriga de bicho!» — O magro attrae a vista pela facilidade dos movimentos, pelo vaporoso do andar, pelo tom melancolico das faces: e as donzellas contemplam no, e suspiram: — Oh, como a palidez é *sympathica*!

O magro é a fragil redoma de vidro: procura n'ella a essencia do nardo: o corpulento é a talha de barro grosso: lá lhe achareis o azeite commum, com sua pontinha de saibo.

Já que assim o quizeram, ouçam.

Quando se falla de um homem notavel pela imaginação, raro pela sagacidade, d'estes, emfim, que se distanciam do vulgar pelo seu largo cortejo de faculdades, dizem todos, com tres pontos de exclamação na voz:

— Oh, aquillo é muito fino! . . . »

A um escriptor fecundo e de boa nota, chama-se um engenho agudo. A um promontorio de convicções firmes, a um Regulo transviado no seculo, a um paladino de casos graves, endereçam-se respeitosamente as seguintes palavras:

— «E' duro de roer este homem!»

Sempre o osso a figurar na corôa de todas as phrases apologeticas, sempre o delgado das fórmulas a transluzir nas mais deliciosas imagens.

Pelo contrario a mãe arrepende-se porque o filho anda ha seis annos na escola, e ainda não conseguiu fazer exame de primeiras lettras. A isso responde-lhe o marido:

— «O que queres tu? Bem se vê que o pequeno é *rombo!*»

D'outro lado, a menina casada de fresco parece arrependida e afflicta, e a causa unica e secreta é ser o marido, nada mais nada menos, que um homem de *casca grossa*.

E apregoam a realeza da barriga? e negam a superioridade da magreza, quando ella se nos mette pelos olhos, como a luz do sol?

Gordo é o *deficit* que arruina o estado.

Medonha é a *cheia*, que devasta e arrasa os mais formosos planaltos.

Grossa é a cerração do inverno, e por isso os barcos dão á costa

Mas é delgada a aza que roça a orla das nuvens.

Agudas são as mãos quando se unem e se levantam na prece.

Magro era Demosthenes, o torrentoso orador das philipicas.

Transparentes são as fadas, que sob as minúsculas folhas da oliveira dançam á claridade da lua.

Afilado é o bico da aguiá, como era também o nariz do Dante.

E se descermos do alto d'estas considerações para outras de menor volume, accrescentaremos que a carne de maior preço é sempre a *magra*, e que o mais excellente de todos os vinhos é o *secco*.

O magro é uma anatomia viva. Sobre essas costas onde se desenham as linhas, onde se alçam as vertebras, onde se apalpam os musculos, vemos nós inclinada a fronte prosaica de Miguel Angelo; mas á cachaceira amplissima de um frade bernardo ninguem iria pedir contorno a não ser para o retrato do dito.

O que faria o gordo, a quem a deusa da sua alma dissesse, n'um impeto de romantismo: — «Olha, é preciso que tu, esta noute, ao esmorecer do luar, estejas ao pé do muro da quinta. A vida assim aborrece-me: fugirei contigo. Procura subir, ampara-te aos ramos d'aquella figueira proxima... Mas tu vacillas?... o que temes. . . dize?...»

— «Digo-te que temo destroncar a arvore; responderia o novo Adonis *in-folio*. O' pomba dos meus sonhos, desculpa, mas deixa dizer-te francamente: isso é operação para que eu não dispenso um guindaste!»

Eu corto agora o fio das minhas purissimas allegações, porque devo decerto ter levado o convencimento ao fiudo de todas as almas bem formadas; preciso contudo antes de rematar o capitulo, desvanecer quaesquer suspeitas que possam existir em alguns animos tibios.

O travesso poeta do *Roberto*, o espirituoso escriptor das *Noites de Lisboa*, fecha a defeza da sua clientella asseverando que é necessario ser gordo para luzir, e que o osso unicamente luzirá, quando o transformarem em botão de camiza.

Pois bem, responderei ao dito, que elle é amargo para o paladar dos da minha especie.

O osso poderá luzir, é verdade, feito botão de camisa, mas será no peito, n'esse sanctuario das nobres aspirações; em quanto que a gordura, se alguma vez quizer deixar o boião da cosinha, para apparecer em publico, terá que pedir a um fio tenue de espirito que a converta em banha de cheiro. Reinará então entre o pó d'arroz e a bandolina, ella, a gralha de toucador, feita pomada pela munificencia de um pingo subtil; mas quando se lhe evaporar a fragancia de emprestimo, não poderá ostentar mais do que o ranço proprio, sobre os cabellos intonsos d'alguma creada de servir.





## SEMPRE OS HOMENS GORDOS

---

Animo! E' o grito com que o meu illustre adversario tenta inspirar o valor ás suas cohortes enfraquecidas. Animo! diz Eduardo Vidal, o patrono denodado dos magros, vendo que se quebram os seus companheiros de osso, como os canaviaes açoitados pelas ventanias.

Animo! Sim, animo! Porque com a transparencia das phalanges inimigas já começa a empallidecer o seu general.

Mas o grito corajoso não conseguirá trazer os companheiros ao logar da refrega! fogem espavoridos ante os esplendores da gordura, como fogem da luz do dia as aves de mau agouro, e as visões sinistras d'uma noite de insomnia.

Animo! não digo eu, que vejo em roda de mim, com a serenidade dos heroes e dos de-

putados da maioria, reclinados voluptuosamente nas suas poltronas, ao lado das filhas, das esposas, ou das amantes, os gordos que me saudam e me festejam.

Animo, pois para os que precisam d'elle! Para mim, para os meus companheiros, a commodidade do corpo e o desafogo da alma, que é a suprema ventura dos mortaes n'este gordo e bojundo planeta, que tem a honra de nos possuir a todos.

Levantaes entusiasmados como tropheu das vossas glórias a costella do primeiro homem, da qual Deus creou a mãe do sexo delicado, e dizeis que para fazer a joia da criação, o mimo da natureza, buscou o Eterno materia prima condigna!

Bem sabia Deus, porque ao Espirito Divino é tão claro o futuro como o presente, bem sabia Deus que a mulher havia de ser dominada sempre pelo demonio da vaidade, e extrahiu a da costella para que nunca lhe sahisse da memoria a humildade da sua origem, como correctivo permanente d'aquelle peccado.

Do barro sahiu o homem, para que a todo o momento o seu orgulho fosse abatido, vendo que a geração illustre dos seus antepassados



tivera o mesmo principio das bilhas de Extremoz; e o homem, o rei dos animaes, o que lê nas estrellas e zomba das distancias, curva a cabeça ao passar por uma loja de loiça, contemplando n'ella a verdadeira torre do tombo, onde se archivam os pergaminhos mais authenticos da sua geração.

Do osso sahiu a mulher, e subjuga-nos ainda assim com o imperio da sua formosura! Quem a aturaria hoje se tivesse sahido d'uma fatia de carne?

Desde esse momento ficou estabelecida a inferioridade do osso.

Não ignorava isto Scipião quando dizia, voltando as costas a Roma:

— Ingrata patria, não possuirás os meus ossos!

Era tão profunda a indignação que lhe causava a terra que o vira nascer, que nem lhe queria legar depois de morto o que havia de mais insignificante no corpo humano.

Era como se um pae scandalizado pelos desvarios do filho, que sempre amara, lhe dissesse n'um momento de cólera:

— Vês este luxo que me cerca, estas jarras de Sevres? Pois bem, de tudo isto não apanharás nem uma tijella de quatro vintens.



Pôde portanto fazer se a seguinte proporção:

As carnes de Scipião estavam para os seus ossos, como as jarras de Sevres estão para as tijellas de Sacavem.

Deus intrincheirou nas costellas o coração; se o tivesse collocado entre a gordura seria extremamente accessivel á influencia do amor; mais forte e mais perigosa devia de ser hoje a dominação da mulher; a cabeça do homem desceria á condição modestissima d'um joelho ou d'um calcanhar.

As costellas formam o merinaque do coração; dizei-me agora se a formosura das senhoras lhe provem do aço das suas crinolines.

E' nobre, é sublime o ôsso porque sustenta os tecidos adiposos! Triste gloria é essa que decantaes com a melodia da vossa palavra! Tambem os canicos sustentam as astes mimosas, e ninguém dirá que valem tanto como as plantas que a elles se encostam.

Não vos convido a abstrahir do ôsso para contemplar a carne em toda a sua magestade. E' preciso que elle não appareça para que haja a verdadeira elegancia; quando não ha tecidos que o occultem na obscuridade da sua existencia o povo diz:

— Tem cara de desenterrado.

Imaginem que a doutrina erronea de Eduardo Vidal passava a ser seguida nas escolas de bellas artes.

O mestre perguntaria:

— Em que consiste a belleza?

— No esqueleto de cada um.

— Quaes são as creaturas mais poeticas?

— As magras.

— Exemplificaes as vossas respostas.

— Os canudinhos da aletria e o bacalhau escalado.

Oh! suprema elegancia da gordura, como eu vos admiro!

A um gordo chama-se:

— Um perfeito homem.

De um magro diz-se:

— Anda a cair da bocca aos cães.

Quando aquelle passeia grave e magestoso as senhoras dizem:

— E' um mocetão.

O magro provoca as mais das vezes as chufas da garotada, que exclama:

— Olhem o trinca espinhas!

O gordo é a vida, a saude, a graça; o magro é a mumia que nos recorda aquillo em que

nos devemos tornar um dia. Suspirando pelo juizo final parece andar errante pelo mundo á espera de que se lhe vá apegar a carne que lhe falta e que anda perdida sem que o dono a conheça.

Quando se quer tecer o elogio de um homem consciencioso, de um orador notavel pela logica da sua argumentação, de um jurisconsulto respeitado pela importancia dos seus escriptos, diz se:

— Aquillo é um homem de *ponderação*!

E' o peso que dá a medida do seu valor.

Da affronta grosseira que nos dirigem dizemos:

— Lá aquella é dura de roer.

E' o osso que nos inspira a phrase.

A mãe chora porque o filho não dá conta das conjunções latinas, e o marido diz lhe:

— Socega, filha, o rapaz não tem culpa. Foi Deus que o fez assim estúpido; não vês como elle tem a cabeça tão *aguda*?

A noiva que teve a imprudencia de se ligar para sempre a uma carga d'ossos, exclama arrependida no fim do quarto dia da lua de mel:

— Jesus, este meu marido é a morte em pé!

E cantam hymnos ás enguias de chapéu *Bismark*, e não vêem que Deus, fazendo elastica a pelle, quiz que ella se estendesse para acompanhar o desenvolvimento da nutrição!

Gordo era Balzac, o immortal phisiologista do coração e da sociedade.

Gordo era Passos Manuel, uma das glorias mais esplendidas da nossa terra.

Gordo é Antonio Rodrigues Sampaio, o primeiro jornalista portuguez.

Grosso é o cedro que assiste sobranceiro ao perpassar dos seculos.

Cheios são os anjinhos pintados nos tetos das egrejas.

Esguios são os phantasmas que nos atormentam o espirito no delirio da febre.

Descarnados são os anjos malditos, que os pintores mais celebres nos apresentam.

Ossudo é Mephistopheles.

Magras são as linhas com que os empregados publicos se cozem.

Descendo ás regiões da cosinha, achamos que o melhor Perú é o gordo, e que a peor de todas as laranjas é a *secca*.

Hegel, o mais notavel investigador das leis do bello, diz que as linhas curvas são sempre

elegantes e alegres, e que as rectas são desgraciosas e tristes.

Se Miguel Angelo só inclinasse a fronte pensativa sobre a magresa da humanidade, teria legado excellentes exemplares aos estudantes dos hospitaes; porém o seu nome não seria immoredoiro como as suas obras.

O magro, se a namorada lhe dissesse n'um momento de leviandade condemnavel:

—Trepá áquelle muro; rouba-me, que já não posso soffrer a tyrannia de meu pae—satisfazia a vontade da donzella, e aquecido pela chamma da paixão criminosa, deixaria atraz de si as lagrimas de um pae, e levaria comsigo a perdição e a deshonor de uma mulher.

O gordo diria:

—Querida da minha alma, preciosa estrella da minha vida, vontade de subir áquelle muro tinha eu, porém quando o meu coração principiou a ser impressionado pela luz dos teus olhos, esqueci-me de me exercitar nos trabalhos da *perche* e da escada aeria, e por isso a maior habilidade que faço é subir por uma escada de mão, quando alguem a segura. Vejo que te enganaste, filha adorada; a tua alma aspira á mão d'um arlequim. Para te obsequiar

vou escrever esta noite mesmo aos irmãos Marianni; qualquer d'elles está nas circumstancias de te convir. A mim é que tu já me não serves para esposa, tem saude. Procura marido que saiba trepar aos muros, enquanto eu vou procurar mulher que só saiba descer pela escada.

Na gordura varonil é que assentam os mais sagrados preceitos da moral.

O que ha de terreno no homem fica debaixo da terra; e que n'elle ha de grandioso e sublime desaparece depois de se lhe ter apagado a luz da vida.

Quando a morte nos fecha os olhos, e o espirito vôa ás regiões ethereas, a carne passando por debaixo da terra por mil transformações mysteriosas, ainda pôde ir animar os cyprestes que apontam para o ceu e as flores que matissam a sepultura. Aquella mesma carne, que brilhou na vida sóbe depois transformada nas exalações com que as rosas e os jasmims incensam o throno de Deus.

A gordura unida ao espirito figura no toucador mais aristocratico, e amacia o cabello das princezas. O osso é que lá não hade figurar nunca, ainda que o ponham tres annos de conserva em espirito de violeta ou flor de lorangeira.







# Folhetins Humorísticos

## NUMEROS PUBLICADOS

- N.º 1 — O delirio da economia. Patriotas, Os pretendentes.  
N.º 2 — Dom Possidonio I. o Cru. Ou o que hade ser o mundo reduzido a 50 por cento. Archeologia do futuro. Impressões de um deputado.  
N.º 3 — Em domingo gordo — São elles?! — Inveni!  
N.º 4 — Aventuras de um deputado — Direito ao trabalho — O archeiro  
N.º 5 — José Possidonio — O Jornal das Damas.  
N.º 6 — Sem nome — Elles e ellas — As nervosas.  
N.º 7 — Na Semana Santa — Atraz da felicidade - Para Cascaes.  
N.º 8 — Os homens gordos — Os homens magros — Nem gordo nem magro.  
N.º 9 — Ainda os homens gordos — Ainda os homens magros — Sempre os homens gordos.

## NO PRELO

- N.º 10 — O vadio — O solteirão — Os supplicantes.

*Com o n.º 10 termina a 1.ª serie dos FOLHETINS, formando um elegante volume de 320 paginas, contendo 30 folhetins*

Publica-se semanalmente um fasciculo de 32 paginas, pelo preço de 50 réis cada fasciculo.

Pedidos á livraria do editor CAETANO SIMÕES AFRA, rua Aurea, 180 e 182, Lisboa.

## HA CRISE OU NÃO HA CRISE?

Considerações sobre os impostos e sua applicação

por V. G.

PREÇO 100 RÉIS

À venda em todas as livrarias









PQ                    Roussado, Manuel, barão de  
9261                Roussado  
R75F6              Folhetins humorísticos  
v.1-9              [1. ser.]

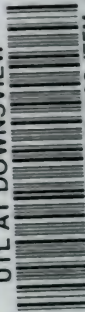
PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 05 04 06 004 0